

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA**

**AS METAMORFOSES DO TRABALHO E NO ESPAÇO A PARTIR DA
DENDEICULTURA EM TOMÉ-AÇU (PA): ESTUDO DE CASO NA
VILA FORQUILHA.**

ANA CLÁUDIA ALVES DE CARVALHO

BELÉM-PA

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA

AS METAMORFOSES DO TRABALHO E NO ESPAÇO A PARTIR DA
DENDEICULTURA EM TOMÉ-AÇU (PA): ESTUDO DE CASO NA
VILA FORQUILHA.

ANA CLÁUDIA ALVES DE CARVALHO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, sob orientação do Prof. Dr. João Santos Nahum, como requisito à obtenção do título de Mestre na área de concentração Organização e Gestão do Território.

BELÉM-PA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Carvalho, Ana Cláudia Alves de, 1989-

As metamorfoses do trabalho e no espaço a partir da dendeicultura em Tomé-Açu (PA): estudo de caso na Vila Forquilha / Ana Cláudia Alves de Carvalho. - 2016.

Orientador: João Santos Nahum.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2016.

1. Dendê - Tomé-Açu (PA). 2. Dendê - aspectos econômicos. 3. Relações trabalhistas - Tomé-Açu (PA). 4. Trabalho - Tomé-Açu (PA). I. Título.

CDD 22. ed. 633.851098115

ANA CLÁUDIA ALVES DE CARVALHO

**AS METAMORFOSES DO TRABALHO E NO ESPAÇO A PARTIR DA
DENDEICULTURA EM TOMÉ-AÇU (PA): ESTUDO DE CASO NA
VILA FORQUILHA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Belém, 10 de maio de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. João Santos Nahum
Faculdade de Geografia e Cartografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Banca: Prof. Dr. José Antônio Herrera
Faculdade de Geografia e Cartografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Banca: Prof. Dr. André Farias
Núcleo de Meio Ambiente
Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e local na Amazônia
Programa de Formação Interdisciplinar de Meio Ambiente

*Aos meus pais, Carvalho e Maria Eugênia, pelo
esforço imensurável que fizeram para que eu
chegasse até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por iluminar meus passos nessa jornada que é a vida.

A minha mãe, Maria Eugênia Barbosa Alves, responsável pela minha formação e que sempre me incentivou a estudar e é meu maior exemplo.

Ao meu pai, José Maria Alves de Carvalho, que mesmo longe me permitiu seguir nos estudos acreditando este ser a maior herança que poderia me deixar.

Ao meu tio, Joaquim de Souza Pinheiro, (*in memoriam*), por tudo o que fez por nós em vida, por sua contribuição em minha educação.

Ao meu irmão Paulo Roberto Carvalho e aos demais familiares que me apoiaram. Aos amigos, Geise Corrêa, Denis Eduardo, Igor Freitas, Elvecia Noletto e Samuel Ribeiro que desde a graduação dividem suas vidas comigo.

O grupo de pesquisa “Dinâmicas Territoriais do Espaço Agrário na Amazônia” (GDEA), que muito me orgulho de fazer parte. A todos os componentes da equipe sobretudo ao bolsista Guilherme Monteiro e ao Prof. Ms. Cleison Bastos que me auxiliaram na realização deste trabalho.

Os colegas da turma do PARFOR de Tomé-açu, pelo apoio durante os campos, sem eles este trabalho não seria realizado, Prof.^a Rute, Prof. Domingos e Prof. Léo.

Ao Prof. Dr. João Santos Nahum, o qual tem me acompanhado como orientador desde a graduação, obrigada pela imensa paciência, pelas palavras motivadoras, agradeço pela excelente orientação. Que Deus lhe conceda muitos anos de vida.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia que foram fundamentais para minha formação. A Universidade Federal do Pará, e a CAPES pelo auxílio-financeiro durante os dois anos de pesquisa.

E a todos os entrevistados que doaram parte do seu tempo para a realização dessa pesquisa. Sou imensamente grata.

*“A natureza pode suprir todas as necessidades do
homem, menos a sua ganância”*

Mahatma Gandhi

RESUMO

AS METAMORFOSES DO TRABALHO E NO ESPAÇO A PARTIR DA DENDEICULTURA EM TOMÉ-AÇU (PA): ESTUDO DE CASO NA VILA FORQUILHA.

O presente trabalho teve por objetivo analisar as metamorfoses no espaço de Tomé-açu, utilizando a vila Forquilha como estudo de caso, a partir da introdução da dendeicultura na região. Buscamos ressaltar as metamorfoses no lugar tendo como foco a ressignificação do trabalho enquanto elo de ligação entre o homem e a natureza, ao observarmos as mudanças ocorridas em seu contexto geral na vila Forquilha, compreendemos que se há mudança no trabalho, há mudanças nas relações entre o homem e a natureza. Para entendermos melhor a configuração espacial e a dinâmica social da vila faz-se necessário compreender a natureza do trabalho antes da chegada das empresas; dessa forma, é caracterizado em um primeiro momento a situação geográfica que se estabelecia antes da instalação da Biopalma e da Galp, tendo como foco as relações de produção camponesa, onde no lugar predominava o trabalho como um meio para se obter dinheiro para a compra das demais mercadorias necessárias à sua existência. Em seguida apresentamos as políticas públicas e programas que possibilitaram a instalação das empresas e por fim caracterizamos essa nova situação geográfica, destacando como as relações de trabalho se metamorfoseiam na vila Forquilha, a partir da chegada da dendeicultura em Tomé-açu, e como isso ecoa nas demais dimensões da vida cotidiana dos moradores da vila. Os resultados revelam novas formas de trabalho, a presença do trabalho assalariado, a expansão do setor de comércio e serviços fundando novas oportunidades de emprego e uma diminuição no trabalho produtivo camponês o que transforma o camponês em um assalariado rural. O sistema de parceria existente entre a empresa e o agricultor familiar observado no circuito do capital comercial; e o capital financeiro estabelecendo-se na presença do arrendamento, venda de terras as empresas de dendeicultura, garantem a vila Forquilha uma nova dinâmica social.

Palavras-chave: Tomé-açu - Trabalho - Vila Forquilha - Metamorfoses - Dendeicultura - Biopalma.

ABSTRACT

THE METAMORPHOSES OF WORK AND SPACE FROM PALM CULTURE IN TOME-AÇU (PA): A CASE STUDY IN FORQUILHA VILLAGE.

This study aimed to analyze the metamorphoses in Tomé-Açu space, using the Forquilha village as a case study, from the introduction of oil palm culture in the region. We seek to emphasize the metamorphoses in place focusing on the reinterpretation of the work as a link between man and nature, to observe the changes in its general context in Forquilha Village, we understand that there is a change at work, there are changes in the relationship between man and nature. To better understand the spatial configuration and the social dynamics of the village it is necessary to understand the nature of the work before the arrival of companies; thus, it is characterized at first the geographical situation that was established prior to installation of Biopalma and Galp, focusing on the relations of peasant production, where instead predominated work as a means to obtain money for the purchase of other commodities necessary for its existence. The following are the public policies and programs that made possible the installation of companies and ultimately characterize the new geographical situation, highlighting how labor relations metamorphose in Forquilha village, from the arrival of palm culture in Tomé-Açu, and how it echoes in the other dimensions of everyday life of the villagers. The results reveal new ways of working, the presence of wage labor, the expansion of the trade sector and services founding new employment opportunities and a decrease in peasant productive labor which makes a peasant in a rural wage. The existing system of partnership between the company and the family farmer observed in the commercial capital circuit; and financial capital by establishing the presence of the lease, land sale the palm culture companies, ensure the village Forquilha a new social dynamic.

Keywords: Tomé-Açu - Work - Village Forquilha - Metamorphoses - Palm Culture - Biopalma.

LISTA DE IMAGENS

QUADRO DE	Imigrantes Japoneses em Tomé-Açu e a prática da caça e pesca....	34
IMAGEM 1-		
QUADRO DE	Imigrantes Japoneses e o cultivo da pimenta-do-reino década de	
IMAGENS 2 -	1950.....	37
IMAGEM 1-	Sede da CAMTA em Tomé- açu.....	32
IMAGEM 2-	Barco Universal I ancorado no cais do porto em Tomé-Açu...	36
IMAGEM 3-	A indústria madeireira atuando no município de Tomé- Açu.....	40
IMAGEM 4-	Áreas que antes eram de mata deram lugar às extensas pastagens para a prática agropecuária.....	41
IMAGEM 5-	Propriedades da Empresa Biopalma próximas a Vila Forquilha em Tomé-açu.....	67
IMAGEM 6-	Espacialização da expansão da dendeicultura em torno da Vila Forquilha.....	73
IMAGEM 7-	Posto de saúde responsável por atender toda a Vila Forquilha.	74
IMAGEM 8-	Igreja e a praça central.....	75
IMAGEM 9-	Principal via comercial.....	86
IMAGEM 10-	Croqui da Vila Forquilha.....	87
IMAGEM 11-	A presença de um hotel e dormitório na Vila Forquilha.....	88
IMAGEM 12-	Cachos de dendê prontos para serem recolhidos na unidade familiar.....	103
IMAGEM 13-	Casas de agricultores familiares que possuem parceria com a Biopalma.....	105
IMAGEM 14-	Vila de kitnets construídos na Vila Forquilha.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1-	Pontos positivos e negativos observado pelos moradores da Vila Forquilha a partir da instalação das empresas de dendeicultura.....	77
GRÁFICO 2-	Fluxo imigratórios municipais em direção a Vila Forquilha.....	82
GRÁFICO 3-	Fluxo imigratórios estaduais em direção a Vila Forquilha.....	83
GRÁFICO 4	Atual fonte de renda das famílias na Vila Forquilha.....	92
GRÁFICO 5-	Famílias atendidas por programas assistenciais.....	93
GRÁFICO 6-	As três últimas ocupações antes da atual.....	99

LISTA DE FLUXOGRAMAS, QUADRO E TABELA

FLUXOGRAMA 1-	Representação das metamorfoses do trabalho.....	96
FLUXOGRAMA 2-	Trabalho na Vila Forquilha na Situação Geográfica 2.....	107
QUADRO 1-	Financiamentos oferecidos pelo PPSOPB.....	53
TABELA 1-	Ano de abertura de alguns estabelecimentos comerciais na Vila Forquilha.....	89

LISTA DE MAPAS

MAPA 1-	Mapa de localização do município de Tomé-Açu.....	27
MAPA 2-	Municípios do nordeste paraense que correspondem ao polo 1 de produção de dendê vinculado a inclusão com os agricultores familiares.....	58
MAPA 3-	Empresas de dendeicultura no estado do Pará até o ano de 2015.....	61

LISTA DE SIGLAS

ADM - Archer Daniels Midland
AAVA - Associação Agropecuária Vale do Acaraú
AGROPAR - Companhia Agroindustrial do Pará
BASA - Banco da Amazônia
BBB - Belém Brasil Bioenergia
CAMTA - Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-açu
CEPEC - Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura
CEPLAC - Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
CETA - Colônia Estadual de Tomé-Açu
CNPSD - Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê
COOPARAENSE - Cooperativa Agrícola Mista Paraense
EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA - Empresa brasileira de Pesquisas Agropecuária
FEMACT - Fundação Estadual do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia
FINEP - Financiadora de estudos e projetos
FNO - Financiamento do Norte
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
GDEA - Grupo Dinâmicas Territoriais do Espaço Agrário na Amazônia
GPS - Global Positioning System
IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ITERPA - Instituto de Terras do Pará
MADEVAL - Madeireira Vale do Acaraú
MAPA - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA - Ministério do Meio Ambiente
NCADR - Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural
ONG - Organizações não governamentais
PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores
PIN - Programa de Integração Nacional
PNPB - Plano Nacional de Produção e Uso do Biodiesel

PPA's - Planos Plurianuais
PPGEO - Programa de Pós-graduação em Geografia
PPSOPB - Programa de Produção Sustentável de óleo de Palma no Brasil
PRONADEM - Programa Nacional para o Dendê
PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Família
SAFs – Sistemas Agroflorestais
SEMA - Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará
SEPLANT - Secretária de Estado e Planejamento
SG1 - Situação Geográfica 1
SG2 - Situação Geográfica 2
SIDERAMA - Siderurgia do Amazonas
SILP - Sistema de Integração do Leste Paraense
SPVEA - Superintendência para o Plano de Valorização Econômica da
Amazônia
SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus
UFPA - Universidade Federal do Pará
ZAE - Zoneamento Agroecológico

Sumário

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – A NATUREZA DO TRABALHO E DO ESPAÇO ANTES DA DENDEICULTURA	23
1.1- Trabalho e existência espacial.	23
1.2- Tomé-açu e o trabalho antes da dendeicultura.	26
1.3. O trabalho na CAMTA.	31
1.4. A extração da madeira e a pecuária.	39
1.5. O surgimento da vila Forquilha.	42
CAPITULO 2 – E O DENDÊ CHEGA A TOMÉ-AÇU.	47
2.1. Política e reorganização espacial em Tomé-açu.	49
2.2. Movimentos, tensões e disputas em torno da dendeicultura em Tomé-açu.....	56
2.2. Biopalma e Petrobrás/Galp em Tomé-açu.	65
CAPITULO 3- METAMORFOSES NO ESPAÇO E NO TRABALHO HABITADO DA VILA FORQUILHA	70
3.1. Reorganização espacial na Vila Forquilha.....	72
3.2. Fluxo migratório.	78
3.3. Traços do circuito espacial inferior na Vila Forquilha.	85
3.4. Metamorfoses ocorridas no trabalho na Vila Forquilha.	94
3.4.1- O trabalho assalariado.....	97
3.4.2. A agricultura familiar e a produção de dendê.	102
3.4.3. Arrendamento - capital financeiro.	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	115

INTRODUÇÃO

Analisamos as metamorfoses no trabalho e no espaço de Tomé-açu a partir da introdução da dendeicultura na região. Concebemos tal como Nahum e Santos (2014), a dendeicultura como evento, que reorganiza a paisagem, a configuração espacial e a dinâmica social, emergindo no horizonte onde esse processo ocorre uma tendência a descampesinização, isto é, a formação de um campo sem camponeses, posto que estes se metamorfoseiam paulatinamente em trabalhadores para o capital, sejam como assalariados das empresas ou mesmo associando-se aos projetos de agricultura familiar.

Consideramos a preocupação de Nahum e Silva (2012) ao tratar da relação dos usos do território, o agronegócio do biodiesel e a agricultura familiar, na microrregião de Tomé-açu, área de grande relevância e expansão na produção do dendê. Avaliamos ser de grande importância a contribuição de Nahum e Santos (2013) ao tratar dos impactos socioambientais ocasionados pela dendeicultura em comunidades tradicionais, localizados na Amazônia paraense, um esforço a fim de mostrar a existência de tais impactos, o que difere da maioria dos trabalhos realizados sobre a temática.

Dessa maneira, acreditamos que a dendeicultura constitui um período do dendê Carvalho (2013), estruturado por uma gama de planos e ações políticas e incentivos fiscais que possibilitaram a chegada das empresas e que fazem do dendê uma cultura virtuosa para a produção de biodiesel em áreas degradadas; ligado a isso temos um conjunto de técnicas utilizadas a fim de facilitar a expansão da produção, e por último os usos do território, que influenciam e transformam as relações que resultam em espaços heterogêneos.

Observamos duas interpretações hegemônicas da expansão da dendeicultura no Pará. Uma delas, como os da ONG Repórter Brasil, enfatiza os aspectos negativos desta expansão, das relações de trabalho criadas pelas empresas. Tratam do tema a partir de denúncias, tentando mostrar como essas relações de trabalho, estabelecidas pelas empresas de dendê tem gerado problemas a esses trabalhadores.

Interpretações como a de Homma e Vieira (2012) acreditam ser o dendê a promessa de um novo ciclo econômico na Amazônia, destacando seu importante papel na economia regional e local, bem como Viegas e Muller (2000). Destacamos ainda Vilela (2014) que contribui para a concepção de que a dendeicultura é uma das únicas culturas que oferece um grande leque de vantagens no que diz respeito a fins energéticos, em bases sustentáveis, na utilização de áreas desflorestadas e de pastos.

Nossa pesquisa tem por base observações feitas inicialmente durante um trabalho de campo, em 2014 na Vila Forquilha, onde nos deparamos com um lugar marcado por um núcleo populacional concentrado, pela presença de um setor de serviços ativo, um comércio com intensa circulação de produtos e pessoas, onde uma massa de mão-de-obra de baixa especialização, em sua maioria imigrante, foi absorvida pela empresa Biopalma produtora de dendeicultura.

Além da crescente agitação no setor imobiliário e de terras, ramos estes que refletem bem este momento de mudanças vivido pela vila, que devido seu crescimento desordenado também enfrenta problemas de precariedade nos sistemas de saneamento básico, assim como nos sistemas de saúde, transportes e elevado índice de criminalidade.

O município de Tomé-Açu localiza-se na mesorregião nordeste paraense, ocupando uma área de 5.179,2 km², à margem esquerda do Rio Acará. Limita-se ao norte com os municípios de Acará e Concórdia do Pará; a leste, com os municípios de São Domingos do Capim, Aurora do Pará e Ipixuna do Pará, ao sul com o município de Ipixuna do Pará e a Oeste com os municípios de Tailândia e Acará.

Ao saímos de Belém em direção ao município de Tomé-açu, tendo acesso pela PA-140, passando pela alça viária, temos que enfrentar uma pequena travessia de balsa para cruzar o rio Acará, e seguir pela PA-140. Ao entrar no município de Tomé-açu, seguindo pela PA-451, nos deparamos com o grande centro de Quatro Bocas, um dos distritos de Tomé-açu.

Sendo Quatro Bocas um centro maior e mais organizado que a própria sede Tomé-açu, disponibiliza maior número de serviços, comércio intenso, recebe maior circulação de pessoas que a própria sede. Saindo de Quatro Bocas, e seguindo agora em direção a PA-256, temos como paisagem apenas uma estrada de chão, que no período chuvoso se torna intrafegável, devido as péssimas condições de escoamento. Ao seu redor raras fazendas de gado, no demais, apenas uma mata densa. Cerca de 18 km depois, encontramos a vila Forquilha.

A instalação da empresa no município atraiu jovens e adultos em busca de oportunidades de emprego, uma vez que a empresa difundiu que geraria empregos e renda no meio rural, ocasionando o crescimento do comércio, sobretudo nos últimos cinco anos, segundo os moradores, devida expansão da dendeicultura no entorno da vila Forquilha. Outros relataram as consequências negativas associadas a expansão, tais como aumento da violência, uma maior circulação de dinheiro na comunidade, assim como de pessoas, o que gera uma nova dinâmica social no lugar.

A dinâmica social e a configuração espacial da vila Forquilha despertou nossa atenção quanto aos novos usos do território a partir da chegada da Biopalma, pois, segundo seus

moradores, antes da dendeicultura tínhamos o lugar reproduzindo suas próprias características, onde as fazendas de gado e plantações de pimenta do reino empregavam poucas pessoas, a população da vila era pequena, seu comércio refletia isso, devido ao baixo poder de compra da população, poucos serviços eram oferecidos lá, as famílias possuíam seus roçados e a paisagem era de uma comunidade rural como qualquer outra.

Hoje, tais aspectos foram alterados, o que antes era fazenda com plantio de pimenta e gado hoje em alguns casos não é mais, tornaram-se extensos plantios de dendê. O que antes era uma pequena “taberna”, voltada a atender as necessidades de compra dos vizinhos, hoje é um supermercado de porte médio, o qual possui de dez a quinze funcionários. Onde antes havia uma residência convencional, hoje é uma vila de kitnets, todos devidamente alugados, com sistema de água encanada, poço artesiano, sistema de esgoto próprio, e energia elétrica legalizada.

Temos aí a presença de uma dialética espacial, pois antes o campo refletia a lógica do lugar, o camponês realizava a pluriatividade, sua renda vinha da terra, o lugar não possuía sistemas técnicos, existia total unicidade entre a terra, o trabalho e a família. Quando o mundo voltou os olhos para a Amazônia, e os sistemas técnicos passaram a ser projetados, e um desenvolvimento regional através dos grandes projetos foram incorporados, assim como a entrada de investidores internacionais, as coisas mudaram, inaugurando uma outra lógica para a Amazônia.

A lógica global passa a determinar as regras do mercado, sobre tudo no lugar, a terra de trabalho distancia-se da terra de família, outras formas de renda emergem compondo o que não é mais campo configurando o agrário. A partir daí, passa-se a pensar no desenvolvimento do rural, com o intuito de melhor gerir este território a modernização do agrário para se alcançar o crescimento econômico torna-se o alvo da vez, e o mercado passa a ditar as regras do jogo. Assim, se estabelece o rural, com essa complexidade contendo o camponês, o latifúndio, o agricultor familiar, assalariados rurais e o agronegócio. E o estado presente através das instituições, do mercado, dos conglomerados nacionais e internacionais.

Dessa forma, buscamos ressaltar as metamorfoses no espaço tendo como foco a ressignificação do trabalho enquanto elo entre o homem e a natureza, ao observarmos as mudanças ocorridas no trabalho em seu contexto geral na vila Forquilha, compreendemos que se há mudança no trabalho, há mudanças nas relações entre o homem e a natureza. Se existem novas formas de trabalho, essas foram originadas a partir dessas novas relações entre o homem e a natureza.

Para entendermos melhor a configuração espacial e a dinâmica social da vila faz-se necessário compreender a natureza do trabalho antes da chegada da Biopalma, como se dá a implantação do dendê, como o trabalho se realiza após a chegada da dendeicultura, e como ele se estabelece, gerando metamorfoses, alterando a paisagem rural e a dinâmica espacial da vila Forquilha.

As mudanças na esfera do trabalho se materializam no modo de vida dos moradores da vila Forquilha. Dessa forma, buscamos enfatizar as metamorfoses no espaço tendo como fio condutor as ocorridas nas relações de trabalho. Assim, vemos que o trabalho está intimamente ligado aos demais aspectos da vida cotidiana.

Temos como objetivo analisar as metamorfoses na Vila Forquilha a partir da chegada da dendeicultura, tendo como foco o trabalho. Sustentamos que as metamorfoses no espaço da vila podem ser analisadas considerando as mudanças nas relações de trabalho que estruturam e vivificam o lugar.

Isso partindo do entendimento de situação geográfica (SANTOS, 2008), que constitui uma fração do tempo e do espaço, que contém determinadas condições, contraditórias ou não, que possibilitam as relações ocorrerem da maneira como ocorrem. Uma situação geográfica constitui-se por um conjunto de fatores que possibilitam a emergência de um evento, neste caso, a instalação de uma empresa produtora de dendê torna-se possível por meio de um conjunto de condições técnicas, políticas e territoriais deste lugar, utilizando-se das contradições recorrentes no lugar, para se beneficiar.

Temos assim a empresa Biopalma, que chega ao espaço rural do município de Tomé-açu por meio de políticas de incentivo a instalação e produção de biodiesel no Estado do Pará, além delas temos toda a herança problemática da questão agrária paraense. (não se pode elencar tais relações, pois estas são em sua totalidade diversamente dinâmicas, estão em constante metamorfoses). Estamos falando de determinações sociais, um conjunto delas, que moldam e criam uma situação geográfica, antes mesmo que seja percebida pelo homem. Trata-se de intencionalidades que juntas compõem essa tal situação geográfica.

Ao se instalar em Tomé-açu a Biopalma chega como um objeto estranho ao lugar, porém, tanto ela quanto a vila Forquilha, são frutos da mesma situação geográfica e se estabelecem sem se perceber inicialmente, irão estabelecer uma parceria, o que ocasionará metamorfoses, dentre elas, destacaremos aqui as relacionadas ao trabalho. Já que a empresa irá, a partir de sua instalação usar mão-de-obra local, oriunda da vila Forquilha e das demais comunidades ao seu em torno, para desenvolver sua produção de dendeicultura, que é exportada para outros lugares, outros estados e até mesmo outros países.

Portanto, buscamos caracterizar em um primeiro momento a situação geográfica que se estabelecia antes da chegada da Biopalma, focando nas relações de trabalho onde no lugar predominava o trabalho como um meio para se obter o dinheiro para a compra das demais mercadorias necessárias à sua existência.

A produção era socialmente determinada, isto é, não se produzia por vontade própria, mas sim pela falta de opção e necessidade de se conseguir dinheiro, e a terra como sendo o único meio de produção era utilizada pela família camponesa para produzir. A relação se dava caracterizada ainda por uma relação social de produção camponesa, (**M-D-M**) pois a mercadoria era proveniente da extração, criação, cultivo e produção, da unidade familiar, assim, o excedente era vendido como mercadoria, este se tornando um meio para obtenção de dinheiro para a reprodução do seu modo de vida (BARTRA, 2011).

Utilizavam-se do território para a reprodução de sua vida. O relativo isolamento vivido por tais comunidades gerou particularidades em seu modo de vida, além de permitirem certa autonomia por parte de suas atividades econômicas, pois aqui o uso da natureza se dava em prol da reprodução da existência, apenas isso, não para a acumulação.

Nesse momento, o dinheiro ainda não era o principal mediador das relações sociais, que se sustentavam em relações de vizinhança e parentesco. Isto é, trocas de trabalho, de produtos, de favores, relações que tinham como centro a cooperação entre as famílias. As relações são movidas pela fraternidade existente nas comunidades, esta corresponde a situação geográfica 1, (SG1).

Tal situação altera-se quando a produção de excedente, associada à chegada dos sistemas de estradas, energia, telefonia, somado ao advento dos programas como bolsa família, bolsa escola, aposentadoria rural, que fornece permite a tais famílias maior poder de consumo, além de intensificar as relações sociais mediadas por dinheiro. Aqui destacamos também a instalação das empresas de dendeicultura no município de Tomé-açu. A circulação do dinheiro torna-se mais ampla e intensa, posto que não decorre somente da produção agrícola, ou o trabalho produtivo. Surgindo nesse contexto o trabalho assalariado, no comércio, em empresas, ainda em pequena escala.

Relações de trabalho assalariado (**D-M-D'**), caracterizada por ser quando um indivíduo vende a sua força de trabalho à empresa, o chamado capital industrial, onde o trabalhador assalariado torna-se a mercadoria, vendendo sua força de trabalho, e gerando ao seu empregador um valor superior ao que ganhou. Esse assalariado é aquele que não possui terra para plantar, na maioria dos casos ele é o imigrante que chegou em busca de novas oportunidades de se estabelecer no lugar.

Além dessas relações, temos ainda o desenvolvimento do circuito do capital comercial (**M-D-M'**), observamos isso no sistema de parceria existente entre a empresa e o chamado agricultor familiar, relação também presente na vila Forquilha. Que se estabelece quando o agricultor familiar, este sendo possuidor de terra, tendo seu cultivo próprio, o qual sustenta sua família, fecha um contrato com a empresa produtora de dendê, a fim de que este agricultor produza dendê em sua propriedade, recebendo da empresa auxílio técnico, mudas, adubação dentre outros benefícios, e assim vender sua produção à empresa.

Por fim, temos o capital financeiro (**D-D'**), estabelecendo-se na presença do arrendamento, venda de terras, venda de fazendas as empresas de dendecultura. Vemos na vila Forquilha, a construção de dezenas de conjuntos de kitnets, voltadas para atender a esse trabalhador assalariado que não possui terra, chegou vindo de longe e já está constituindo família no lugar. Assim, observamos um grupo de comerciantes, fazendeiros, ou assalariados que de alguma forma tiveram condições e passaram a investir neste ramo.

De tal modo, o que antes era esporádico, torna-se frequente, homogêneo, normal, a relação social de produção camponesa tornou-se uma exceção neste segundo momento, com a chegada do trabalho assalariado e nos demais estabelecimentos comerciais. Não sendo mais o trabalho no roçado a única opção das famílias. Esta sendo a situação geográfica 2, (SG2) onde a chegada da Biopalma possibilita o trabalho assalariado, além do crescimento do comércio local, uma realidade na Forquilha após a chegada da empresa de dendecultura reestruturando o lugar, isso irá desencadear mudanças no quadro existencial dos moradores da vila Forquilha.

Como metodologia operacional, realizamos revisão bibliográfica acerca da dendecultura no Pará, sobre a natureza do trabalho no município de Tomé-Açu, para assim construirmos a base de dados necessária ao entendimento da dinâmica espacial do lugar. Levantamento fotográfico, cartográfico com o auxílio de GPS e de imagens de satélite afim de demonstrar a espacialização composta pela vila Forquilha, e os plantios de dendecultura ao seu redor.

Pesquisa de campo, utilizando perguntas abertas ou semiestruturadas, aplicação de questionários, entrevistamos representantes da empresa Biopalma, do sindicato dos trabalhadores rurais do município, e os moradores da vila Forquilha, dentre eles os assalariados das empresas de dendecultura, agricultores familiares que possuem parceria com as empresas na produção do dendê, e comerciantes locais. As pesquisas de campo foram fundamentais na obtenção de informações junto aos atores sociais envolvidos nesta dinâmica.

As pesquisas vinham sendo desenvolvidas na microrregião de Tomé-Açu, desde 2011, pelo GDEA (Grupo de Pesquisa Dinâmicas Territoriais do Espaço Agrário), porem em Tomé-açu e na vila Forquilha mais precisamente em 2014, iniciamos um contato mais direcionado,

com aplicação de 104 questionários socioeconômico, com o auxílio da turma de geografia do PARFOR (Plano Nacional de Formação de professores), da UFPA campus de Tomé-açu. A tabulação e análise desses dados nos proporcionaram uma primeira aproximação com a vila. Também nos foi oportunizado visita a empresa Biopalma, entrevista com representante da empresa responsável pelo setor da agricultura familiar.

Os trabalhos de campo aconteceram direcionados em dois momentos, inicialmente procuramos focar as entrevistas com os moradores mais antigos, com os trabalhadores assalariados na dendeicultura, e os comerciantes locais. Aplicando um questionário voltado a identificar as atividades desenvolvidas na vila. E assim construir uma caracterização de como era a vila antes da instalação das empresas de dendeicultura, além disso, buscamos ouvir dos entrevistados como esse processo de instalação movimentou a vila.

Em um segundo momento buscando entrevistar os agricultores familiares, tanto os que possuem parceria com as empresas de dendeicultura, quanto os que não aceitaram produzir dendê, e conversar com o representante do sindicato dos trabalhadores rurais. Nos foi possível ter acesso aos dados cadastrais do posto de saúde da vila, onde pudemos coletar informações quanto a naturalidade dos moradores que lá são atendidos. Colhemos informações entre os estabelecimentos comerciais quanto ao ano de inauguração de cada um, afim de descobrir os anos de maior expansão do comércio.

A aplicação de questionários e as entrevistas foram de suma importância para entendermos como se estruturava o trabalho na vila antes do advento da dendeicultura no município, e que metamorfoses ocorreram nas relações de trabalho existentes no lugar. A partir do referencial teórico acerca das políticas públicas que possibilitaram o evento acontecer, e das entrevistas e dados coletados durante a pesquisa de campo foi possível construir a caracterização do mundo do trabalho antes e depois da vinda da dendeicultura ao município de Tomé-açu.

Estruturamos esta dissertação dividida em três capítulos e uma conclusão, o primeiro capítulo intitulado de **“A natureza do trabalho e do espaço antes da dendeicultura”** apresentamos uma aproximação teórica acerca do trabalho, tendo por base George (1969) e de como ele molda a existência humana. Em seguida passamos a tratar do trabalho no município de Tomé-Açu, e como ele se desenvolve tendo como influencia os imigrantes japoneses, o papel da CAMTA (Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-açu) na construção do trabalho associativo, o cultivo da pimenta do reino, e das demais culturas desenvolvidas no município, além da extração da madeira e da pecuária que contribuíram para o crescimento do município e o

surgimento da vila Forquilha, uma caracterização de como o trabalho se estruturava lá antes da instalação das empresas de dendê aos seus arredores.

No segundo capítulo chamado “**E o dendê chega a Tomé-açu**” enfatizaremos a chegada da dendeicultura no município de Tomé-açu, a implantação do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) e do Programa de Produção Sustentável de Palma de Óleo (PPSPO)”, bem como uma análise de como tais políticas de Estado e do Governo Federal deram maior dinamismo a dendeicultura, ressignificando o lugar, e como se deu a chegada das empresas Biopalma, e Galp, o processo de compra e venda de terras, disputas de mão-de obra e de contratação de mão-de-obra local.

Já o terceiro capítulo, “**As metamorfoses no espaço e no trabalho habitado na Vila Forquilha**” focam a dinâmica do trabalho estruturada atualmente, destacando como as relações de trabalho se metamorfoseiam na vila Forquilha, e assim como ela se reorganizou espacialmente. Como os fluxos imigratórios influenciaram nas transformações e narramos alguns traços do circuito espacial inferior da vila. Apresentamos a chegada das relações de trabalho assalariado (**D-M-D'**), o circuito do capital comercial (**M-D-M'**), observado no sistema de parceria existente entre a empresa e o agricultor familiar, e o capital financeiro (**D-D'**), estabelecendo-se na presença do arrendamento, venda de terras as empresas de dendeicultura e como tais metamorfoses garantem a vila uma nova dinâmica social.

CAPÍTULO 1 – A NATUREZA DO TRABALHO E DO ESPAÇO ANTES DA DENDEICULTURA

O objeto de reflexão deste capítulo é a natureza do trabalho e do espaço antes da dendeicultura. Para os propósitos desta pesquisa, é de fundamental importância iniciar esboçando em largos traços o que se entende por trabalho e sua relação com a dimensão espacial. Sendo este capítulo construído a partir de revisão bibliográfica, e entrevistas junto aos moradores da vila. No primeiro tópico abordamos como o trabalho influencia nas práticas existenciais humanas, ecoando no processo de existência humana, tendo como exemplo a habitação, o consumo e os deslocamentos diários (George, 1969).

Em seguida, o município de Tomé-açu torna-se o nosso foco no sentido de caracterizar como o trabalho se estruturou a partir das contribuições dos imigrantes japoneses, no cultivo do arroz, hortaliças, pimenta do reino, o papel da CAMTA (Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-açu) e sua influência no trabalho. Veremos também como extração de madeira e a criação de gado concorriam com os plantios de pimenta, e como tais atividades desenvolvidas no município contribuíram para que este alcançasse destaque expandindo-se economicamente e em população, dessa forma surge a vila Forquilha. Apresentamos uma caracterização de como o trabalho se estruturava na vila antes da instalação das empresas de dendê aos seus arredores.

1.1- Trabalho e existência espacial.

Thomaz Junior (2002), Mendonça, Santana (2009), Antunes (1995, 2004) e George (1969) trazem uma rica discussão a respeito do trabalho, afim de que a geografia possa se atrelar a ele em suas análises, mais do que isso, a possibilidade de uma geografia do trabalho seja possível, fazendo com que o trabalho deixe de ser apenas um instrumento mediador e torne-se o tema central da análise, ou enquanto uma categoria. Observar abordagens que tratam de como as novas relações entre o capital e o trabalho vem transformando a dinâmica espacial da sociedade, materializando-se em territórios cada vez mais diversos.

George (1969) nos auxilia nesta abordagem, compreendemos assim como o autor que o espaço só tem sentido enquanto ocupado, essa ocupação se dá em prol da busca por garantir a existência humana em tais lugares. Compreendemos que a ocupação é uma ação que ocorre no tempo e que é capaz de se projetar durante períodos. Consideramos que a capacidade de sustento humano proveniente do espaço é resultado da totalização de intervenções ocorridas nele no decorrer dos anos passados. Quanto mais antiga for a primeira ocupação, mais heranças o

espaço terá acumulado. Sendo o espaço ao mesmo tempo uma criação humana e um dado natural. A tomada de consciência das possibilidades de ação das coletividades humanas confere ao tempo presente o caráter de um tempo potencial.

Dentre as variáveis estruturantes do espaço escolhemos tratar do trabalho, pois ele é criador do movimento cotidiano que caracteriza geograficamente um lugar, uma cidade ou região. O trabalho pode ser encarado para os geógrafos como fator de produção e modo de existência, pois envolve ação de grupos humanos em quadros temporais definidos com base na forma do meio em que vivem e desenvolvem sua atividade, por isso o trabalho também é criador de paisagens.

O trabalho em escala cotidiana impõe o que se denominou de “estilo de vida” ou “modo de vida”, ele pode ser entendido como condição de existência do grupo, pois é criador de produção e não há consumo sem produção e transmissão de produção. Destacamos aqui o trabalho rural que tem a terra como grande força produtiva e meio de produção. Em muitos lugares da Amazônia ainda conserva o caráter fundamental do trabalho tradicional, onde terra de trabalho e terra de moradia constitui uma unidade produtiva e a relação entre terra, trabalho e família presidem, sustenta e estrutura a produção do espaço. Inicialmente o trabalho indiferenciado nos grupos rurais, isto é, caracterizados originariamente por certa uniformidade das condições de existência da totalidade do grupo.

Devemos ter em mente que a condição social determina as formas de trabalho, e na medida em que a sociedade se diferencia, o trabalho se reveste de novas formas. A repartição do trabalho está ligada a propriedade, ao nível mais simples de organização social o trabalho está ligado a posse dos meios de produção, ou seja, a terra. Porém, a concentração de terra gera um sistema social que dispensa do proprietário o trabalho, fazendo com que apenas os camponeses sem terra trabalhem na condição de locatários ou assalariados.

Dessa maneira, o proprietário se apropria do fruto do trabalho, oferecendo uma remuneração ao operário que leva em consideração apenas o tempo de trabalho e não o produto do trabalho. Este fator encadeia a oposição de classes. Ao tratar aqui o trabalho enquanto um meio de assegurar a existência no espaço torna-se necessário tratar das sujeições que fazem com que as formas de trabalho influenciem sobre a vida dos indivíduos como um todo. Sujeições essas relativas ao habitat, a habitação, o consumo e aos deslocamentos diários.

O homem em si é um ser habitante, que produz uma presença localizada, o que foi denominado de habitat. O habitat seria a forma de grupamento dos indivíduos definida em relação ao quadro natural que sustenta e limita esse agrupamento. Define-se por um lugar ou uma forma de lugar em relação ao espaço e a um espaço qualificado. Elementos qualitativos

intervém de maneira singular na classificação do habitat, que decorrem da natureza das ocupações dos indivíduos na medida em que a natureza do trabalho exerce influência direta sobre as formas e as dimensões do habitat humano.

A habitação consiste em uma célula material menor, que faz parte do habitat, esta pode ser funcional, ou restritamente domiciliar. Funcional caso seja um habitat agrícola, ou como em certas cidades onde ocorre associação entre moradia e oficina. Todo *habitat* possui sua forma, dando origem a agrupamentos com característica diferentes umas das outras, isso se dá devido às desigualdades de classes, as diferenciações profissionais.

A forma de habitat de grande parte das populações rurais é a comunidade. Esta é um elemento da paisagem rural e ao mesmo tempo é a base técnica da produção, a exploração da propriedade encontra-se organizada em relação à comunidade. Funcionando ao mesmo tempo como o lugar da vida coletiva de uma comunidade e da vida privada de cada indivíduo e sua família. Os símbolos e rituais ideológicos da comunidade tem um papel importante. Os acontecimentos importantes da vida de cada indivíduo são coletivizados ao nível da comunidade, existe uma coletividade de parte do trabalho, em alguns casos até mesmo de todo o trabalho. Diante disso, temos que a existência e o trabalho são confundidos em uma mesma síntese econômica e social.

Dentro do quadro da existência e ao lado do habitar encontra-se o consumo, que é realizado por maior parte da humanidade, sendo os consumos vitais a existência, que seriam a alimentação e um mínimo de vestuário, que possam garantir proteção as intempéries. O ato de consumir está intimamente ligado ao trabalho, o resultado do seu trabalho é que vai determinar o que será consumido. Em se tratando de espaços rurais onde o trabalho agrícola ainda é uma realidade, as famílias comprar apenas o que não lhes é possível produzir a nível alimentício.

A mobilidade está também ligada ao trabalho e a existência, a procura por trabalho é um dos primeiros motores a se pensar, causador de deslocamentos, sejam eles periódicos ou definitivos. A tendência para emigração surge sempre que o aumento populacional se torna maior que a capacidade de emprego em determinado local ou região. A sobrevivência é o vetor da partida, mas o sucesso migratório depende integralmente da existência.

Outro tipo de deslocamento que pode ser observado em um espaço rural é o que tem por finalidade o consumo, a busca por produtos específicos, remédios, material escolar, compra de peças exclusivas para oficinas, automóveis, maquinas em geral no centro comercial, ou mesmo na cidade. Dentre os deslocamentos cotidianos, tem o das crianças em direção á escola quando esta se encontra em lugar mais afastado, ou deslocamento em busca de lazer, seja um campo de futebol, um igarapé, casa de parentes mais distantes.

Diante das relações existentes entre o trabalho e a existência humana, que se realizam a partir do habitat, do consumo e dos deslocamentos, buscamos destacar como categoria principal o trabalho, pois ele é a categoria central que media as relações entre os seres humanos e a natureza. Antes o trabalho se dava em Tomé-açu, e mais precisamente na vila Forquilha, conduzido por determinações locais, girando em torno do tempo do lugar, existindo por razões locais. Veremos a seguir, como o trabalho se origina no município de Tomé-açu, e como ele se estrutura através do imigrante japonês, neste momento a terra é o único meio utilizado pelo homem do campo.

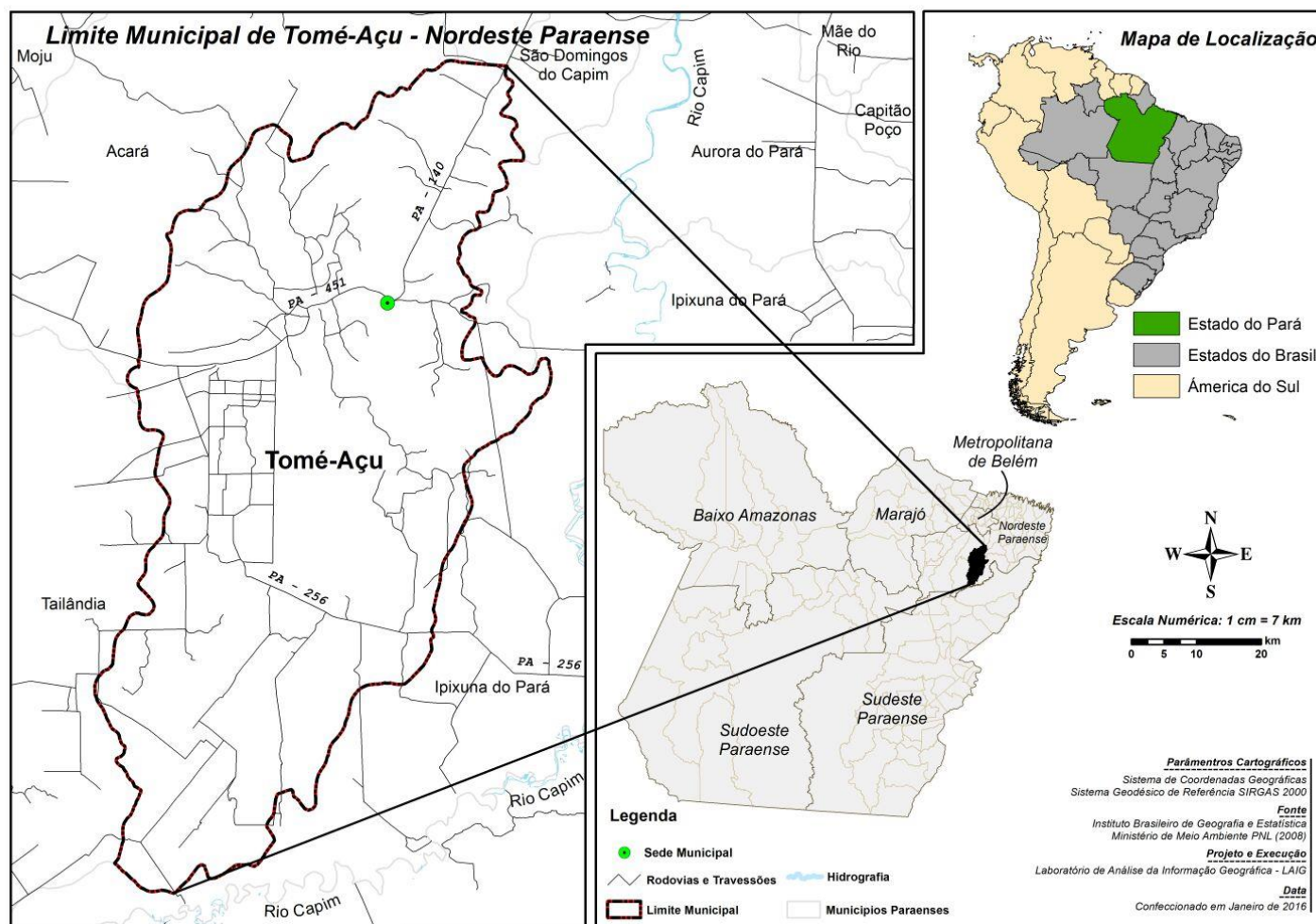
1.2- Tomé-açu e o trabalho antes da dendeicultura.

Segundo entrevistas concedidas a Aihara (2008), os moradores antigos de Tomé-açu contam que os primeiros habitantes de região do Rio Acará-Mirim, foram os índios Tembé, da nação Tenetehara, cujas tribos viviam do cultivo de uma agricultura de subsistência e partilhavam com os índios Guarajá, do Estado do Maranhão a mesma língua e tradição cultural.

De acordo com Silva (2004), durante entrevista a um dos imigrantes vindos do Japão, sr. Yokoyama, nos conta que o nome Tomé-açu foi dado ao rio em homenagem ao mais antigo habitante da região, um índio Tembé que se chamava Tomé, este índio possuía grande porte físico, era um homenzarrão, o que na língua indígena é denominado de “açú”, e por esse motivo o índio era chamado por todos de Tomé-açu. Nome que foi dado ao rio e mais tarde a cidade, que é banhada por ele. Como podemos ver no mapa 1 de localização do município no nordeste paraense.

Falar da natureza do trabalho em Tomé-açu implica necessariamente analisarmos o processo de ocupação do território, torna-se importante tratar do trabalho realizado pelos imigrantes japoneses na construção do município. A agricultura proposta por eles de maneira mais coletiva, inaugurou o cooperativismo, transformou-se em atividade econômica rentável tendo destaque ao instalarem-se na região, mais precisamente no vale do rio Acará, onde hoje localiza-se o município de Tomé-açu.

MAPA 1- Localização do município de Tomé-açu



Fonte: GDEA, 2016.

De acordo com Tafner Junior e Silva (2010), os imigrantes japoneses iniciaram seu trabalho com muito esforço e determinação, através do plantio de hortaliças, seguida de frutas regionais até chegar ao cultivo da pimenta-do-reino um percurso duro consolidado com muito trabalho. Assim fundaram a Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-açu (CAMTA), o crescimento da cooperativa foi tamanho que levou o município a emancipar-se do Acará em 1955¹.

O governo brasileiro, com o desejo de ocupar a Amazônia (pois se imaginava ela como um vazio demográfico, diferentemente da realidade) firmou um acordo entre Brasil e Japão buscando mão de obra disponível para trabalhar e desenvolver seu território, já o Japão precisava emigrar seus camponeses, que em sua maioria vivia em situações precárias. Por volta de 1915, o pesquisador Kinroku Awazu chega ao Brasil objetivando estudar a viabilidade de se construir uma colônia japonesa na Amazônia. Assim nasceram as companhias de imigração, que eram empresas privadas, subsidiadas pelo governo japonês para negociar tal mão-de-obra. Foi através de uma dessas companhias que se deu a imigração ao Estado do Pará.

Por volta de 1925 os acordos para a imigração japonesa se concretizaram, quando o então governador do estado Dionísio Bentes ofereceu ao embaixador japonês Hichita Tatsuke, 500 mil hectares de terra para a formação da colônia japonesa no estado. Para tomar essa decisão o governador paraense considerou o grande potencial do povo japonês, que já desenvolvia projetos de agricultura no Estado de São Paulo, levando a região a ter papel de destaque, com esse trabalho.

Após o estudo e análise da área cedida a Hachiro Fukurana que dirigiu o estudo neste segundo momento, retorna ao Japão e apresenta ao ministro das relações exteriores o resultado de sua pesquisa intitulado “Estudo para um plano de colonização da bacia amazônica”. A área situava-se entre as bacias dos rios Moju e Acará, assim como contava com mais três áreas dentro do Estado.

Assim surge a Companhia de Colonização Sul-Americana, tendo por base empresários japoneses que decidiram viabilizar a saída dos emigrantes em direção ao Brasil, nascendo a *Nanbei Takushoku kabushiki kaisha* (Nantaku). O interesse pelo Brasil se dava pautado na imensidão de terras disponíveis e gratuitas ao plantio naquele momento, que em sua maioria

¹ De acordo com o IBGE, com a denominação de Tomé-Açu pela lei estadual nº1127 de 11-03-1955, desmembrou-se do Acará, adquirindo a categoria de município. Meses depois foi extinto, voltando a anexar-se ao município do Acará. Entretanto, em 17-08-1959, elevou-se novamente a categoria de município pela lei estadual nº 1725, com sede no atual distrito de Tomé-Açu. Fonte: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=150800&search=%7Ctome-acu>> Acessado em 11 de novembro de 2015.

não haviam proprietários nem compradores interessados, o que muito se diferenciava do Japão onde a crise e falta de terras para o plantio era uma infeliz realidade.

No Japão, por volta de 1867, a revolução de *Meiji*, marcava o início da modernização da mão-de-obra, que buscava um desenvolvimento da economia mercantil, esse processo impulsionou naquele momento a proletarização dos camponeses, o que já vinha se desenvolvendo desde o século XVIII, e resultou em um grave empobrecimento da população em sua maioria rural. Dessa forma, a revolução *Meiji* marcou o início da industrialização e urbanização, que levou ao processo de desintegração das comunidades rurais japonesas. Tal crise despertou o desejo e a necessidade de migrar a outros países.

O governo do Pará concede então, em 13 de novembro de 1928, ao senhor Hachiro Fukuhara, 600 mil hectares de terra no Acará, 400 mil hectares em Monte Alegre e mais 3 lotes de 10 mil hectares em Marabá. Os primeiros imigrantes japoneses chegaram em Belém, capital do Estado, em 16 de setembro de 1929, em um grupo de 189 pessoas, sendo essas divididas em 43 famílias, mais 9 pessoas solteiras, todos a bordo do *Manila Maru*, em uma viagem de dois meses até o Brasil.

Ao aportar em Belém, os imigrantes permaneceram mais cinco dias, descansando da longa viagem, na hospedaria que pertencia a Companhia Nipônica de Plantação do Brasil S.A., filial da *Nantaku*, responsável por lhes recepcionar. E chegam em 22 de setembro de 1929, na área aonde iriam definitivamente estabelecer sua colônia, lugar que até então pertencia ao município do Acará.

Em condições precárias de trabalho, tendo que desmatar grandes áreas, plantar e começar do zero, os primeiros imigrantes japoneses tiveram muito que fazer em sua nova morada, a colônia significava para eles um recomeço, o entusiasmo se traduzia em vontade de trabalhar sem parar. Em dezembro de 1929 chega a segunda leva de imigrantes japoneses, seguida da terceira, porém, com o aumento do número de imigrantes as condições de vida começaram a ficar ruins, de maneira que todos os que vieram no quarto navio desistiram e voltaram ao Japão. Ao todo foram 21 viagens, desde 1929 até 1937, chegando ao Acará cerca de 362 famílias.

Dentre os problemas encontrados pelos imigrantes ao se fixarem em terras paraenses temos, a dificuldade de encontrar uma cultura para o cultivo que garantisse o seu sustento, já que a população da colônia havia crescido, passaram eles a viver em situação precária. Além disso, doenças endêmicas da região acometeram muitas famílias, a malária por exemplo levou a óbito nos primeiros quatro anos cerca de 51 pessoas.

Alguns japoneses vendo essa situação decidiram abandonar a colônia no Acará em direção a sua terra natal, outros migraram para o Estado de São Paulo e Paraná, onde haviam outras colônias japonesas. Em Marabá, o governo paraense tomou as terras antes cedidas a colônia japonesa, com o argumento de que não foi cumprido o contrato por parte dos imigrantes, já em Monte Alegre a colônia não progrediu, virando assim abrigo para receber imigrantes nordestinos. Segundo Aihara (2008, p. 88), podemos notar que:

De acordo com o relato do imigrante japonês, Hajime Yamada, de 80 anos, “vencer” a região inóspita de Tomé-açu, “quente e cheia de mato”, era um “sonho distante”, posto que, conforme declarou: “Até os 20 anos minha vida era só na lavoura, sofri muitas doenças, algumas malárias, tudo era difícil. Para construir um dique, levamos um ano”. Hoje, em 2008, Yamada é o *bonsan* (uma espécie de sacerdote, responsável pela condução do culto no templo) do *Oterá* (templo budista) de Tomé-açu. Ele é um dos imigrantes que permaneceu na região, mesmo depois de muitas famílias terem desistido de viver na Amazônia, por causa das adversidades que tiveram que enfrentar. Várias delas fixaram residência em São Paulo, de onde tiveram notícias de japoneses que estariam arrendando sítios e vivendo bem melhor do que na Amazônia.

Como uma forma de vencer as dificuldades e se estabilizar enquanto colônia no Estado, cultivando uma cultura que se adaptasse a região e lhes possibilitasse a subsistência das famílias, nasce a proposta do cooperativismo, unir forças a fim de alcançar a estabilidade econômica para a colônia japonesa, estabilidade essa que significava naquele momento os elementos básicos para a reprodução da vida. Esse é o primeiro passo dado pelos imigrantes que irá garantir o surpreendente sucesso de seu empreendimento.

Para compreendermos melhor do que se trata o cooperativismo, temos que ter em mente que ele é um modelo de associação de produtores, ou mesmo operários, que pertence totalmente a eles, é uma associação de pessoas e não de capital. Buscam fortalecer sua produção, assim como a diminuição dos custos e o aumento dos seus lucros. Toda e qualquer ação referente a cooperativa, escoamento da produção, vendas, e o processo de produção por exemplo é decidida em assembleia onde os cooperados tem igual poder de voto. O lucro é originário do trabalho direto de cada associado (RIOS,1987).

Vejamos que o cooperativismo vai à contramão o sistema capitalista, que gera a separação de classes, devido a produção acontecer por meio da exploração da força de trabalho. Dessa maneira, todos possuem o mesmo grau de influência nas decisões não existindo separação de classes. Seu objetivo é melhorar as condições de vida de seus cooperados.

Essa maneira de pensar o trabalho dos imigrantes japoneses irá acarretar forte influência na forma de realizar suas práticas existenciais. O pensar coletivo, a partir do trabalho individual

é uma forte característica, mesmo no sistema corporativista o senso de seu trabalho individual é um importante motor no desenvolvimento do todo reflete o grau de comprometimento e responsabilidade inserido no trabalho desses imigrantes.

1.3. O trabalho na CAMTA.

Segundo Tafner Junior e Silva (2010), inicialmente a Nankatu incentivou a colônia o cultivo do cacau, considerando que seu consumo em escala mundial era grande, como sua produção demorava cerca de três anos, decidiram então cultivar o arroz, como lavoura alternativa, onde ao mesmo tempo pudesse garantir a venda e sua subsistência através do consumo. Sobre o plantio do cacau não ter prosperado, acredita-se que isso ocorreu devido à falta de acompanhamento técnico, somado ao não conhecimento da cultura por parte dos colonos. A respeito do não progresso do arroz, a inviabilidade se deu por problemas na comercialização da colheita com a Nantaku.

Um desentendimento ocorreu, pois, a Nantaku inicialmente prometia comprar toda a produção da colônia, e revendia a eles a um preço muito maior para o consumo pessoal, a disparidade entre o valor recebido por eles pelo arroz cultivado, e o valor que tinham que pagar para o seu consumo próprio gerou o endividamento das famílias, pois naquele momento só a Nantaku comercializava esses suprimentos básicos. A partir daí os colonos reuniram-se e decidiram eles mesmos comercializar seus produtos em Belém.

Além do cacau e do arroz os colonos japoneses passaram a plantar hortaliças, a fim de consumirem já que ela faz parte da alimentação nipônica. Vários outros experimentos foram feitos, dentre eles o plantio da mandioca, a produção do açúcar e a extração de fibras, e em todas elas deparavam-se com dificuldades de adaptação, por não conhecerem a cultura. Como forma de garantir a subsistência os japoneses decidiram produzir para seu próprio consumo e assim iniciaram o plantio de hortaliças, como o pimentão, tomate, berinjela, pepino e nabo, inclusive este último virou o apelido pelo qual os belenenses os chamavam quando estes iam a Belém vender suas hortaliças “os nabos” (TAFNER JUNIOR e SILVA, 2010).

Posteriormente, foi construído com a ajuda da companhia Nantaku em Belém o prédio que seria a sede da Cooperativa de Hortaliças, inaugurada em 19 de novembro de 1935, onde se chamou Cooperativa Agrícola do Acará, e mais tarde ficaria conhecida como Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-açu (CAMTA). Na imagem 1, observamos o busto localizado na entrada da empresa em homenagem ao senhor Hachiro Fukuhara.

IMAGEM 1- Sede da CAMTA em Tomé- açu.



Fonte: GDEA, 2015.

Nesse momento as coisas pareciam se acertar, porém os colonos ainda enfrentavam dificuldades, dentre elas a principal foi o fato das hortaliças não serem um alimento tão presente na mesa dos paraenses, apenas pessoas de classe alta é que consumiam tais de legumes e verduras, ou seja, maior parte da população nem as conhecia, o desafio era apresenta-las aos paraenses e convida-los a acrescenta-las ao seu cardápio. Outra dificuldade vivida foi a perecibilidade dos produtos, pois a viagem até Belém era longa cerca de 12 horas em um barco chamado “Antonina I”, pertencente a Nantaku, alguns dos produtos se estragavam durante o caminho e eram jogados no rio.

Diante de tais dificuldades, cerca de 1600 pessoas abandonaram Tomé-açu, de 1935 a 1942, não aguentando permanecer em condições precárias foram em direção a São Paulo, dentre as 362 famílias que chegaram no Vale do Acará durante os 7 anos de imigração, 288 deixaram o Pará, permanecendo apenas 98 famílias. As questões culturais influenciaram muito no modo como os imigrantes tomavam decisões, a questão do “honrar sua palavra”, que foi dada ao chegarem no Estado, prometendo contribuir com o desenvolvimento da região, a paciência e calma com que solucionam seus problemas, típico da sua cultura, foi o que para muitos fez com que essas 98 famílias permanecessem na colônia lutando contra as dificuldades.

A fim de solucionar os problemas e viabilizar a produção de maneira que a cooperativa conseguisse se manter, algumas medidas foram tomadas, como a troca da diretoria, redução de custos, desativação de alguns plantios, e assim se reorganizou a Cooperativa. Com o passar dos anos os colonos adquiriram experiência, sempre tendo como foco o trabalho associativo.

Observemos que o trabalho exercido pelos colonos japoneses possuía algumas características peculiares que irão fomentar a construção do município, e dar singularidade a ele, um exemplo claro disso, é o fato desses imigrantes também terem sido camponeses em seu país de origem, ao chegarem no Brasil, trouxeram um leque extenso de costumes, cultura, princípios que os distinguem do camponês brasileiro, e/ou paraense.

O trabalho se realiza de maneira coletiva, o sistema associativo lhes encaminha a formação de colônias, e não a formação de “comunidades”, como é o costume local. As propriedades são totalmente individuais. Alguns traços foram adquiridos a partir do convívio com os caboclos da Amazônia, que já vivam aqui e passaram a conviver com os imigrantes.

Aihara (2008) nos relata através de entrevistas feitas pelos descendentes dos imigrantes, que o consumo de carne de animais nativos, como macaco, cotia e peixes regionais, foi um dos traços adquiridos pelos colonos ao se inserirem na região. No Japão talvez esse não fosse um costume corrente. Assim, ao questionar a prática, Aihara (2008, p. 125), ouviu o relato:

O *Ditchan* comia caça porque o índio aparecia e levava caça. Era anta, era todo tipo de caça. Ele trazia para trocar com comida, com arroz. Era índio mesmo porque vinha quase pelado, só com aquilo na costa [a cesta em que o índio costuma carregar seus objetos, durante uma caminhada]. Ai, *Batchan* trocava com comida, com sal, roupa, e ele deixava carne de anta. [...] *Ditchan* fazia *maparázuké*².

As relações de troca como relatado acima era uma constante já que o dinheiro ainda não era o principal mediador das relações, ele servia mais para se adquirir os produtos que não podiam ser produzidos. O contato entre os índios e os colonos japoneses de acordo com o relato se dava de maneira intensa e pacífica.

² Um tipo de conserva feita com o peixe típico da região, o mapará, colocado em infusão no missó (um tempero alimentício produzido a base de massa de soja.)

Obs: As palavras *Ditchan* e *Batchan* é como se nomeia a filha, ou o filho de japonês; trata-se da denominação dada á primeira geração de descendentes nipônicos.

QUADRO DE IMAGENS 1- Imigrantes Japoneses em Tomé-Açu e a prática da caça e pesca.



Fonte: Álbum de família, 1950 apud Aihara, 2008, p. 126.

No quadro de imagens 1 temos na primeira imagem um descendente nipônico com um tambaqui nas mãos. Já na segunda um caititu, também conhecido como porco-do-mato abatido junto a espingarda, na terceira um menino nipo-brasileiro com um peixe filhote. Na quarta e última outro descendente nipônico segurando uma preguiça com a mão esquerda e aos seus pés, um jabuti e uma paca.

Naquele momento a pimenta-do-reino já estava presente na colônia, trazida pelo coordenador do 13º grupo de imigrantes Makinosuke Ussui, em 1933 de Singapura. O navio vinha em direção ao Brasil, com mais uma leva de japoneses, também transportava algumas sementes, porém, aportou em Tomé-açu devido o falecimento de uma imigrante, e foi dessa maneira que chegaram em Tomé-açu 20 mudas de pimenta-do-reino que mais adiante ganharia papel de destaque na produção da CAMTA.

O ano de 1942 trouxe um momento difícil para a colônia japonesa que já vinha conseguindo remediar seus problemas, em 28 de janeiro as relações diplomatas entre o Brasil e o Japão foram rompidas devido o início da Segunda Guerra Mundial, questão que causou grande abalo aos colonos. A cooperativa Agrícola do Acará foi confiscada pelo governo brasileiro, esta passou a se chamar Colônia Estadual de Tomé-Açu (CETA). Por estarem em lados diferentes na guerra os japoneses passaram a ser mal vistos pelos paraenses.

Tiveram seus documentos apreendidos, alguns bens foram apreendidos, até mesmo alguns brasileiros lhes negavam vender produtos de primeira necessidade, a hostilidade aumentava, passando eles a correr até risco de vida. Foi quando o governo federal decidiu a fim de protegê-los isola-los no Acará onde viviam, em uma espécie de “campo de concentração”,

já que a área era cercada por densas florestas e o único acesso a Belém era pelo rio Acará. Segundo Aihara (2008, p. 88):

(...) durante a Segunda Guerra Mundial, “Tomé-açu virou terra para teimosos”, haja vista que os colonos japoneses não encontravam uma cultura que fizesse a economia progredir, eles não possuíam qualquer tipo de comunicação e nem estradas; a via fluvial era o único de que dispunha para contatar a capital; e as crianças estudavam “escondidas em casa”, como disse Hosokawa ao falar sobre esse período.

De acordo com Tafner Junior e Silva (2010), após esse difícil momento passado pelos imigrantes japoneses, que tiveram a cooperativa confiscada, sobreveio sobre a CETA certa estagnação, pelo não comprometimento de sua diretoria. A ela cabia a função de oferecer aos imigrantes os artigos de primeira necessidade assim como realizar a venda dos produtos em Belém. A falta de cuidado no transporte, e enfraquecimento das vendas a situação agravou-se, só ao fim de guerra em 1945 os colonos foram liberados, tendo permissão para sair da colônia livremente. Em seguida, um grupo de jovens da colônia se reuniram com o intuito de reaver a posse da CETA, fundando a “União dos Lavradores”, também conhecida como “Noumin Doshi Kai”.

Dentre as novas diretrizes criadas por eles, houve a construção de um barco para realizar o transporte de seus produtos, mesmo sem ter conhecimento algum sobre construção naval, o construíram. Sete meses depois o barco estava pronto, movido por um motor de caminhão velho, que pesava cerca de dezoito toneladas. Foi chamado de Universal I, e no dia 18 de fevereiro de 1946 fez sua primeira viagem a Belém, acontecimento muito importante para a União dos Lavradores.

IMAGEM 2- Barco Universal I ancorado no cais do porto em Tomé-Açu.



Fonte: CAMTA, 2009 apud Tafner Junior, 2010, p. 70.

Após a recuperação da posse da cooperativa por parte dos colonos, assumiram a execução de algumas atividades antes de responsabilidade da Nantaku, como a abertura e manutenção de estradas, para facilitar o escoamento da produção, investimentos em saúde e educação que viabilizassem melhores condições de vida aos cooperados (TAFNER JUNIOR, 2010).

O cultivo do arroz e das hortaliças continuavam, porém, e pipericultura dava seus primeiros passos em direção ao ápice que mais tarde iria alcançar. Após o fim da guerra, sem ter muitas opções, os imigrantes passaram a utilizar e investir nas mudas de pimenta-do-reino cultivadas em viveiros experimentais. Em 1947 a pimenta-do-reino plantada tomou caminhos expressivos e passou a ser a principal cultura cultivada por eles.

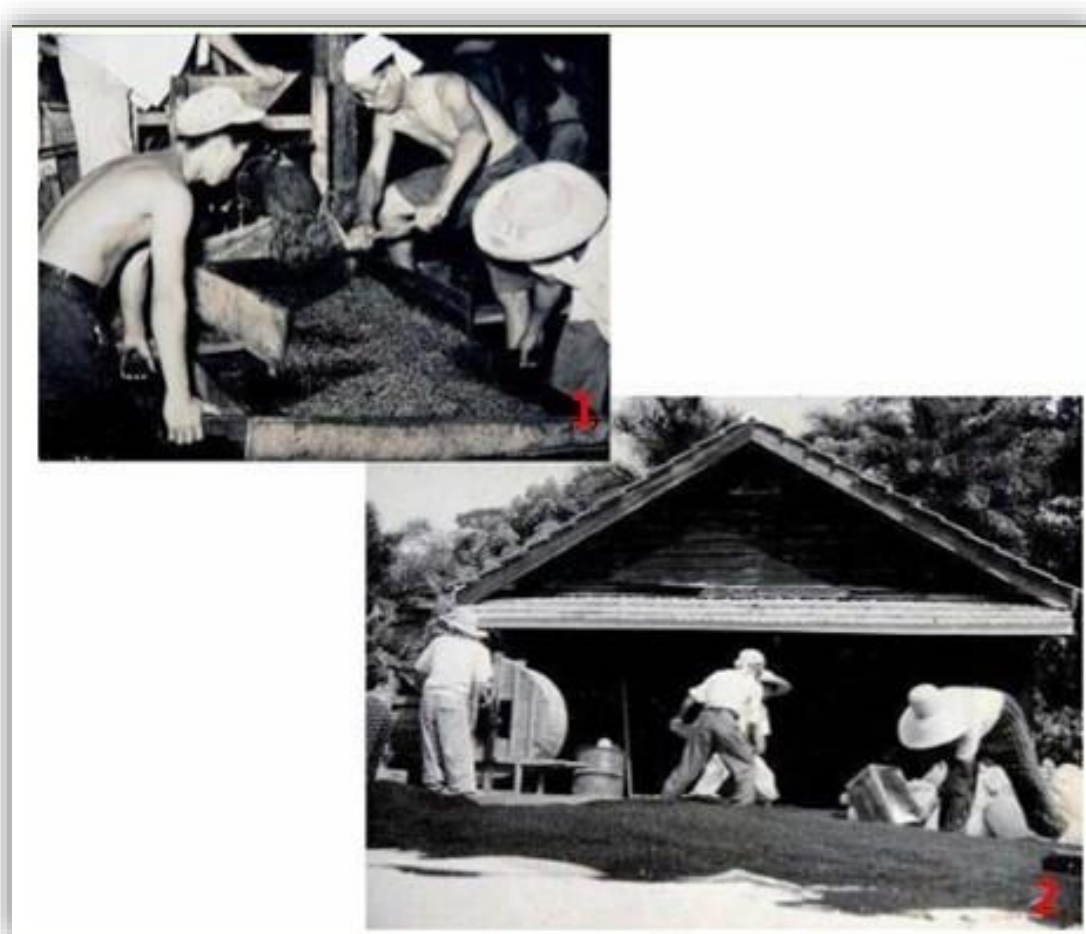
Em pouco tempo no Pará já representava 10% da produção mundial, e colocava o Brasil como o terceiro maior produtor de pimenta-do-reino do mundo. Foi dessa forma que os colonos obtiveram recursos suficientes para tirar do Estado a cooperativa e oficializá-la novamente como sendo deles.

Por volta de 1953, o “diamante negro da Amazônia”, como era chamada a pimenta-do-reino, atinge seu ponto mais alto de produção, o que garantiu muito dinheiro aos imigrantes,

que em sua maioria enriqueceram, fazendo que Tomé-açu ganhasse destaque na região, devida dinâmica gerada em torno dessa cultura. Isso fez com que o Brasil se elevasse a condição de um dos maiores produtores de pimenta-do-reino, e Tomé-açu fosse conhecida como sendo a “terra da pimenta-do-reino”.

Notemos quão grande foi o desenvolvimento da CAMTA, e o grau de trabalho realizado pelos colonos japoneses até atingirem papel de destaque a nível nacional, a maneira de administrar a cooperativa, lhes rendeu um grau de desenvolvimento econômico nunca visto na região. Levando muitos desses colonos a condição de grandes proprietários de terra, fazendeiros que empregavam a população local.

QUADRO DE IMAGEM 2 - Imigrantes Japoneses e o cultivo da pimenta-do-reino década de 1950.



Fonte: Álbum de família, 1950 apud Aihara, 2008, p. 150.

Nesse momento de alta da produção da pimenta-do-reino, um grande número de pessoas chega a Tomé-açu, em busca de emprego, a fim de trabalhar nas extensas plantações de pimenta. Pelo fato da colheita da pimenta ser realizada totalmente de maneira manual, como podemos observar no quadro de imagens 2, a oferta de emprego era grande, pessoas vindas de outros Estados, e de municípios vizinhos, fizeram com que o município aumentasse a sua população, desse crescimento nasce a vila Forquilha, assim como as várias outras vilas que irão surgir nesse momento e compor essa nova dinâmica espacial.

De acordo com os moradores mais antigos da vila Forquilha, nos contam sobre o processo de formação da vila e do município a partir das culturas que cultivavam, como ciclos econômicos, o primeiro foi comandado pelo arroz, junto com as hortaliças, o segundo seria o da pimenta do reino. Durante este ciclo já como forma de criar alternativas os japoneses passaram a plantar frutas de dentro e de fora da região, como o cacau, o açaí, em seguida deram início ao plantio consorciado entre essências florestais, o que ficou conhecido como o SAFs - Sistemas Agroflorestais.

Esse sistema tornou-se um grande projeto agrícola, que virou exemplo no mundo inteiro, o sistema agroflorestal implantado pela CAMTA cultivava diferentes espécies de plantas, causando baixo impacto no meio ambiente. Além disso, o sistema faz com que a diversidade garanta a subsistência do agricultor desde o primeiro ano da plantação.

O agricultor planta a cultura interna, geralmente a pimenta-do-reino, e no espaço existente entre as fileiras são plantados diversos tipos de frutas como banana e cacau, tudo de maneira intercalada. Ao redor do plantio são inseridas as árvores frutíferas de maior porte, podendo ser açaí e/ou taperebá, e no entorno da plantação são plantados mognos, que são incluídos no sistema para que o agricultor tenha uma renda, para quando for se aposentar (Jica, 2009).

O arroz também é cultivado em meio a essa produção nos espaços entre as plantações, tudo que for produzido será a primeira lavoura vendida pelo agricultor, gerando lucro já em seu primeiro ano de cultivo. Já no quinto ano da plantação, em que as culturas já atingiram maturidade, a terra já se assemelha a uma floresta densa, mas que produz uma grande variedade de gêneros alimentícios. A policultura desse sistema ainda garante uma colheita anual permanente, fazendo com que sempre haja ganhos ao agricultor.

Dessa maneira, os cooperados da CAMTA passaram a produzir em conjunto, conseguindo levar a cooperativa a atingir grandes lucros. Após o sétimo ano, a pimenta-do-reino não produz mais, assim como a banana, por isso, os seus pés são retirados do sistema,

porém o cacau intensifica a sua produção suprimindo a receita que estava sendo gerada pela plantação da pimenta-do-reino. As árvores maiores também permanecem produzindo, o que faz com que a plantação se pareça com um jardim floresta (JICA, 2009).

O aparecimento de pragas e doenças nas plantações fizeram com que a continuação de seu cultivo se tornasse inviável, além da queda no preço da pimenta, por isso, os descendentes nipônicos que viviam na região e possuíam cerca de 13,5% da área total do município, buscaram uma alternativa mais sustentável, utilizando o reflorestamento das áreas que antes eram utilizadas no plantio da pimenta do reino, para o plantio de frutas nativas, e assim investir na produção de polpas de frutas para exportar sucos *in natura*, dentre elas o cupuaçu, o açaí, o bacuri, o cacau, a acerola, e a graviola. Assim encerrou-se o ciclo de ápice da pimenta-do-reino, sendo continuamente plantada só que em menor quantidade.

Notemos que o trabalho camponês ainda está atrelado a unidade familiar, a reprodução do seu modo de vida, se estabelecendo pela pluriatividade, caça, extração de sementes e frutos da floresta, a criação de animais de pequeno porte, a policultura, tudo destinando-se a responder as necessidades locais. O trabalho moldando as relações de cooperativismo entre as famílias.

Podemos observar o trabalho na lógica capitalista tomando força em Tomé-açu, pois sabemos que os processos não ocorrem de maneira homogeneia em todos os lugares. A lógica começa a ser alterada quando há a entrada das madeiras, da pecuária, quando a pimenta se tornou um “negócio”, e sua produção passou a ser voltada para a exportação. O momento em que a CAMTA se tornou uma empresa que buscava o acúmulo de capital e assim melhorar sua produção, o que já compreendemos ser parte do agrário, e não mais o campo, é o que veremos a seguir.

1.4. A extração da madeira e a pecuária.

Por volta da década de 1970, a extração da madeira passa a ganhar ênfase em Tomé-açu, com a chegada de investidores do Espírito Santo e de Minas Gerais instalando serrarias, passando a explorar as madeiras da região. Segundo Aihara (2008) a floresta nativa começa a sofrer intensa devastação a partir da década de 1985, para fins comerciais, com a chegada de paranaenses instalando a madeireira MADEVAL - Madeireira Vale do Acará.

A imagem 3 retrata o ano de 2004, ano em que a atividade madeireira já não atuava mais com tanta expressão, porém, continuava atuando em Tomé-Açu como sendo uma das

principais atividades do município, que de acordo com matéria publicada na Revista Comemorativa ACTA³ do mesmo ano, 32 serrarias ainda atuavam no município.

IMAGEM 3- A indústria madeireira atuando no município de Tomé-Açu.



Fonte: Revista Comemorativa (ACTA), 2004 apud Aihara, 2008, p. 61.

A criação de gado também ganhou destaque nesse período, fazendo aumentar as disputas por terra. Conflitos ocasionados pela extração de madeira indevida, invasores de terra assentavam-se em Tomé-Açu e em seguida exploravam a madeira até acaba-la, depois procuravam outros lugares e assim iniciavam o mesmo processo de exploração. Como forma de demonstrar as mudanças que já ocorriam na paisagem em Tomé-açu, diante dos diversos ciclos econômicos que dinamizavam o lugar, Aihara (2008, p. 61, 62), ao retornar em 2007 a Tomé - açu narra as modificações na paisagem:

Percebi que as madeiras e as fazendas de gado dominavam as paisagens locais provocando devastação de vastas áreas de floresta nativa da região, e, em consequência dessa ação predadora, a cidade apresentava um ar desolador, se comparado àquelas paisagens de outrora onde o verde exuberante das matas amazônicas prevalecia, ganhando o olhar do observador sensível.

³ASSOCIAÇÃO CULTURAL E FOMENTO AGRÍCOLA DE TOMÉ-AÇU (ACTA). Revista Comemorativa aos 75 anos da Imigração Japonesa na Amazônia da Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu (ACTA). Tomé-Açu/PA. [s.n.], 2004.

Nesse meu retorno percebi, logo na entrada da cidade, o ar carregado de fumaça que era produzida pela queima dos restos de madeiras, os quais foram amontoados, formando elevações de tamanho avantajado, em torno de dois a três metros de diâmetro e de altura. Em cada serraria que se seguia uma após outra, às margens da rua que servia de acesso a Tomé-Açu, existia um monte de serragem de madeira do qual saía uma fumaça intermitente, indicando a queima do que restava da flora da região.

Aihara (2008) observou também que a rua de principal acesso a cidade, possuía um asfalto precário, cheio de buracos, e sinalização em péssimo estado, assim como abundancia de capins cresciam as margens da rua. A paisagem vista as margens da via de acesso a Tomé-Açu haviam fazendas de gado, o que se prosseguia com uma vegetação rasteira para o gado, poucas árvores, a maioria dos igarapés foram assoreados e transformados em pequenos córregos de água. A imagem 4, representa a mudança na paisagem aos arredores da colônia dos imigrantes japoneses que antes era circundada de densa mata, hoje foi transformada em pastagens.

IMAGEM 4 - Áreas que antes eram de mata deram lugar às extensas pastagens para a prática agropecuária.



Fonte: Revista Comemorativa (ACTA), 2004 apud Aihara, 2008, p. 62.

A agricultura familiar em Tomé-açu também se dava em torno da mandioca para fazer farinha, do plantio do açaí, mas não era o foco principal. As famílias que se estabeleceram na região para trabalhar nas fazendas de gado e nas plantações de pimenta-do-reino aos poucos foram se estabelecendo e assim construindo seus próprios roçados, onde se dividiam entre as atividades, sempre produzindo para o seu sustento familiar, e vendendo o excedente de sua produção para conseguir comprar os produtos que não são produzidos por eles.

Observemos que em alguns momentos, as atividades corriam juntas, a produção de polpas de frutas pela CAMTA e pelos demais moradores do município, a produção do arroz, e da pimenta-do-reino. A entrada de empresas madeireiras com a extração de madeiras da região, e a criação de gado, inauguram um movimento de abertura do lugar para a reprodução ampliada do capital, onde a intenção não é apenas a reprodução de seu modo de vida, e sim a acumulação. Dessa forma, o trabalho se desenvolve tendo como carro chefe tais atividades, que modificam a paisagem e a dinâmica espacial do lugar, além do modo de vida dos moradores do lugar.

1.5. O surgimento da vila Forquilha.

É nesse contexto que surge a vila Forquilha, cujo nome advém do fato de que a via de acesso possui uma encruzilhada em formato de “Y” que muito lembra uma forquilha, um instrumento usado na agricultura ou na jardinagem, formado por um longo cabo de madeira contendo dois dentes na ponta, que quase sempre são de metal. Uma vila que se forma a partir da chegada dessas pessoas que vieram em busca de emprego nessas atividades, que eram um atrativo em Tomé-açu, tendo ao seu entorno esses vários tipos de usos do território. Sua paisagem tem como característica ser uma pequena vila, formada por poucas residências, cercadas por fazendas de gado e por plantações de pimenta do reino, dentre eles estão os descendentes dos imigrantes japoneses que contribuíram na construção do município, porém, quanto aos moradores da vila estão as famílias e camponeses que se empregaram em tais fazendas, além dos moradores que já viviam naquela área e foram passando suas terras de geração em geração.

Segundo entrevistas, o acesso a vila só era possível através de barco, de Belém para o porto de Tomé-açu, as pessoas saíam cerca de 23:00h da noite e chegavam as 05:00h da manhã do dia seguinte, passavam a madrugada toda viajando, pela manhã esperavam os caminhões que faziam o transporte da pimenta, e lhes pediam carona, e era assim que se chegava a vila Forquilha. Não havia uma estrada de acesso, a estrada só surge quando se intensifica a extração

da madeira, a fim de viabilizar o escoamento abriram-se estradas que facilitaram o acesso a vila.

Nesse momento a vila era composta de poucas casas localizadas na rua principal, avenida Francisco Luís (pois só havia essa rua), era habitada por pessoas que trabalhavam nessas fazendas de gado, ou na extração de madeira, ou na pimenta. A vila possuía pequenos comércios que não davam conta de atender a demanda da população. Muitas coisas tinham que ser compradas em Quatro Bocas, ou na sede em Tomé-açu.

Observemos que nesse momento, o trabalho se dava respondendo as necessidades do lugar, onde o lugar reproduz suas próprias características, as fazendas de pimenta e gado empregavam poucas pessoas, a população da vila era pequena, seu comércio refletia isso, devido ao baixo poder de compra da população, aos poucos serviços que eram oferecidos lá, as famílias possuíam seus roçados, o que garantia a eles a alimentação básica.

O território era usado para a reprodução de sua vida, possuíam autonomia por parte de suas atividades econômicas, no que se refere ao que plantar, como e onde vender ou trocar seus excedentes. Aqui o uso da natureza se dava em prol da reprodução da existência, e não para a acumulação. O dinheiro mesmo fazendo parte da vida dos moradores, ainda não era o principal mediador das relações sociais na vila, as relações eram sustentadas através das relações de vizinhança e de parentesco, além da influência das associações e da igreja que já se estabeleciam no lugar.

O trabalho neste momento se dava em torno da agricultura familiar, assim as famílias conseguiam se manter através do cultivo do arroz, feijão, milho, açaí, mandioca, algumas famílias possuíam pequenas criações de aves, tudo para o consumo próprio. Para obter os demais produtos necessários no dia a dia, a família trocava seu excedente ou vendia na feira local para conseguir dinheiro, e assim comprar os artigos de que necessitavam.

As relações tinham como centro a cooperação entre as famílias, trocas de dias de trabalho, acontecendo de um dia o membro de uma família contribuir na limpeza do roçado de um vizinho, na semana seguinte este lhe retribuir a ajuda, colaborando com o trabalho em seu roçado. Além dos mutirões, costume repassado entre as famílias de reunirem-se em prol de uma atividade quase sempre pesada, que não poderia ser realizada apenas por uma pessoa, onde todos concordam em ajudar no trabalho e ao fim confraternizam em um almoço coletivo. As trocas de produtos, de favores, mediadas pelas relações fraternais geradas entre as famílias que viviam próximas umas das outras, é uma forte característica camponesa.

Na vila Forquilha predominava o trabalho como um meio para se obter o dinheiro para a compra das demais mercadorias necessárias à sua existência. A produção era socialmente determinada, isto é, não se produzia por vontade própria, mas sim pela falta de opção e necessidade de se conseguir dinheiro, e a terra como sendo o único meio de produção era utilizada pela família para produzir.

A relação se dava caracterizada ainda por uma relação social de produção camponesa, pois a mercadoria era proveniente da extração, criação, cultivo e produção, da unidade familiar, assim, o excedente era vendido como mercadoria, este se tornando um meio para obtenção de dinheiro para a reprodução do seu modo de vida. Ou seja, observemos nesse momento como o trabalho influencia na construção e manutenção desse modo de vida familiar. As famílias têm seu trabalho na esfera familiar onde a dedicação e objetivo é apenas um, suprir suas necessidades básicas, comer, beber, vestir, morar, dormir, etc..

Existindo relações de proximidade entre as famílias, no âmbito da vizinhança na utilização dos espaços comuns para atividades como os mutirões, nas caçadas, na pescaria, nos girais de lavar roupa na beira do rio, e nas festividades da comunidade. A vila Forquilha se compreendia em um bom lugar para morar, onde todos se conheciam, já que eram poucos os moradores, todos sabiam quem era filho de quem, onde morava, o que faziam. E assim eles viviam de maneira tranquila, a violência não fazia parte da realidade, eram raros e quase nulos os atos de furto e brigas.

As pequenas tabernas que existiam na vila vendiam artigos básicos e onde o crédito se dava através da compra fiada, tudo acontecia tendo por base nos laços de amizade presente entre os envolvidos na relação. Podia-se comprar lá querosene, charque, café, açúcar, arroz, sabão em barra, tudo em pequenas quantidades, a retalho, pois assim custariam pouco.

A produção excedente dos agricultores era levada para a feira, em Tomé-Açu ou Quatro Bocas, hoje conhecida como a feira do agricultor, o transporte era feito de barco, ou de canoa, geralmente eles iam em grupos, lá as famílias trocavam suas frutas, farinha, arroz, pimenta do reino, por produtos que não produziam, além de vender parte dessa produção a dinheiro, esse dinheiro seria usado na compra de itens que só podiam ser comprados na cidade.

Quase sempre eram reféns dos preços impostos pelos compradores, e tinham que aceitar, pois não podiam voltar com seus produtos para casa. A circulação do dinheiro na vila era mínima, já que o dinheiro que eles recebiam pela mercadoria vendida, já ficava no centro, em Tomé-açu, pouco ou nada voltava com eles para a vila.

(...) nós trabalhava com pimenta e cacau e cupuaçu, e roça de mandioca e milho. Trabalhava eu, meu pai e mais dois irmãos, era muito difícil essa época, nessa época meu pai trabalhava todo dia, e a condição eu achava que era menos, eu lembro demais, pra comprar uma bicicleta eu lembro que foi uma luta medonha (...) naquele tempo pra comprar uma bicicleta nós fizemos mais de 20 sacos de farinha pra poder comprar uma bicicleta e hoje se você fizer 10 sacos de farinha você compra uma bicicleta (...) (Entrevistado1).

O entrevistado é morador da vila Forquilha relata as dificuldades vividas por ele e sua família, a quantidade de trabalho que precisava ser realizado para se conseguir adquirir algum bem. O que eles ganhavam ao vender seus produtos era pouco, e só lhes garantia o necessário a sobrevivência. O agricultor só possuía a terra, trabalhava em sua unidade familiar com a ajuda de seus filhos e esposa, trabalhando todos os dias, em um regime pesado para alimentar sua família e suprir suas necessidades mais básicas. Essa era a única forma de se manter lá.

É importante compreendermos que nesse momento o trabalho ainda não havia se tornado mercadoria. Olhando pela perspectiva marxista o campesinato estava ligado ao modo de produção pré-capitalista, já havia a dependência do mercado, porém essa ainda era parcial, pois as relações de troca ainda eram constantes.

As terras eram aparentemente livres, “sem dono”, qualquer pessoa poderia se apossar, construir sua casa e viver ali, como os demais moradores da vila, não havendo nenhum tipo de documento que lhes concedesse a titulação da terra, portanto não havia mercado de terras. Assim que chegavam na vila Forquilha, (assim também aconteceu nas demais vilas) o agricultor imediatamente já começava a plantar suas frutas, preparar a terra para o seu roçado, já que este seria a garantia da sobrevivência de sua família. A posse se dava pelo uso.

A unidade familiar era administrada pelo chefe da família, quase sempre o patriarca, para contribuir com a alimentação e diversificação do cardápio alimentar a caça e a coleta de frutos era uma prática comum, já que as comunidades eram cercadas por mata. A unicidade entre a terra, o trabalho e a família é uma forte característica onde desde criança os filhos contribuía no trabalho, seja na roça, no cuidado com os animais, nos afazeres domésticos.

As paisagens vegetais do lugar eram pouco alteradas pois o tipo de agricultura produzida era em pequena escala, o que causava pouco desgaste ambiental, e quando a terra estava cansada eles faziam uma nova roça em outro lugar em quanto o solo usado se recuperava naturalmente, e aquele local pudesse ser utilizado para o cultivo novamente, uma espécie de rodízio no regulamento de tarefas no campo. As propriedades eram pequenas, não existindo cercas, cada um usava a quantidade de terra que era necessária à sua reprodução.

O habitat dos moradores se dava em casas quase sempre de madeira, algumas de barro, com poucos móveis e objetos. Com poucas estradas de acesso ao centro de Tomé-açu, as

notícias demoravam a chegar na vila, a comunicação se deu por anos através de bilhetes e recados, dados por um ou outro morador. A expansão da CAMTA, assim como das culturas produzidas em Tomé-Açu, garantiu um processo de crescimento do município, o que lhe possibilitou um melhoramento nas estradas de acesso, a chegada da energia elétrica e do telefone, passando a vila Forquilha a também usufruir desses benefícios.

Assim como surgiu a vila Forquilha nesse momento, também surgiram outras comunidades como a São Raimundo, Binteua, Vila Socorro, Nova Betel, Castanhalzinho, como sendo as mais antigas, entendemos que tais comunidades se reproduziam se relacionando umas com as outras, onde suas relações de trabalho tinham por base a produção da mandioca, frutas tropicais, pimenta-do-reino, viviam o tempo da natureza, pois não possuíam nenhum tipo de aparato tecnológico para produzir.

Falar da natureza do trabalho em Tomé-açu pressupõem tratar do processo de ocupação e desenvolvimento do município faz-se necessário mostrar o papel que a CAMTA possuiu e ainda possui na região, os esforços desde o início da caminhada dos colonos imigrantes japoneses que mesmo passando por dificuldades permaneceram e com a estratégia do associativismo uniram forças e deram destaque a região, vemos o trabalho moldando as relações entre o homem e o espaço, construindo uma dinâmica espacial como a da vila Forquilha.

Essa dinâmica continuará em movimento devido a implantação da dendeicultura aos arredores da vila, as políticas públicas propostas pelo estado e pelo governo federal, buscando transformar a matriz energética do país, irão ser sentidos na vila Forquilha, uma série de transformações serão realizadas na microrregião de Tomé-açu que o tornará um dos principais polos de plantação de dendê, para a produção do biodiesel. É o que veremos no capítulo a seguir.

CAPITULO 2 – E O DENDÊ CHEGA A TOMÉ-AÇU.

Após acompanharmos no capítulo anterior alguns dos fatos que marcaram o processo de ocupação e de formação de Tomé-açu, além do papel exercido pelos imigrantes japoneses que fizeram com que o município fosse estruturado a partir das formas de uso do território envoltos nos ciclos do arroz, cacau, hortaliças, pimenta do reino, os sistemas agroflorestais, a madeira e o gado.

Esses usos do território foram moldando as relações de trabalho, que desencadeiam juntamente com ele os modos de vida dos moradores da vila Forquilha. Assim, apresentamos como se deu o surgimento da vila, caracterizando-a quanto a sua paisagem, sua dinâmica social e sua configuração espacial antes da chegada do dendê, dando ênfase no trabalho, enquanto esfera de interação entre a natureza e o homem.

Buscamos neste capítulo mostrar a partir das informações obtidas durante entrevistas com os moradores da vila como a dendeicultura se instala no município, e como isso irá ocasionar metamorfoses no trabalho. Ensaíamos outro olhar sobre a implantação desses empreendimentos em Tomé-açu, pois por repetidas vezes nos deparamos com a versão da história apresentada nos planos e programas construídos pela EMBRAPA, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Banco da Amazônia entre outros.

Privilegiaremos o olhar dos representantes dos sindicatos, da associação de agricultores, os agricultores familiares, os moradores da vila em geral. A fim de desvelar a história pelos “bastidores”, da maneira como ela é contada por eles. Além disso, apresentaremos as políticas públicas propostas pelo estado e pelo governo federal que viabilizaram a instalação deste evento, como a configuração espacial e a paisagem foram transformadas e reorganizaram o município e assim, a vila Forquilha.

Acreditamos que a chegada da dendeicultura se deveu a um conjunto de ações, planos e políticas públicas, somado a um conjunto de técnicas que se relacionam sob um território usado. De acordo com Nahum e Santos (2015) na década de 1950 a vila Forquilha vivenciava uma dinâmica espacial diferente da atual, reproduzia-se subordinada as limitações impostas pela precariedade nos sistemas técnicos existentes lá, assim como pelo acesso aos sistemas de transporte, comunicação e informação.

Destacamos o papel das unidades familiares alicerçadas no tripé terra, trabalho e família, que se fixaram no lugar e se utilizavam da terra para a reprodução do seu modo de vida, moravam e trabalhavam lá sem possuir o título de proprietário. Na terra desenvolviam

atividades agrícolas, extração, criação de animais, tudo isso objetivando a manutenção de suas vidas, o excedente de sua produção era vendido ou trocado por itens que a família não produzia. Essa forma de trabalho sofrerá metamorfoses, a partir da chegada das empresas de dendeicultura, transformando a dinâmica espacial da vila.

Interpretamos o monocultivo do dendê em Tomé-açu tal como um evento construído bem antes do plantio das primeiras mudas no período do Plano Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). Dessa forma, compreendemos assim como Nahum e Santos (2015) que a anatomia da produção do espaço, é resultado de ações e intencionalidades que se configuram em seis décadas do século XX. Seguindo-se desde a chegada do dendê na Amazônia, dos acordos internacionais e das pesquisas elaboradas pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em busca de realizar os primeiros plantios de cunho estatal, assim como a inserção do capital privado no ramo da dendeicultura, e assim por diante. Não se tratando de um acontecimento repentino.

A partir de então podemos identificar um período da dendeicultura no Pará (Carvalho, 2013). Para compreender essa dinâmica temos que considerar não só as ações locais, pois um empreendimento como esse não reflete apenas a vontade local, e sim, as intenções globais, porém, se debruçar sobre isso não é o nosso foco, trataremos apenas dos eventos mais importantes que refletiram sobre o período da dendeicultura em Tomé-açu.

Segundo Santos e Silveira (2010) entender o território significa considerar a materialidade assim como os usos do território, que se dão através da ação humana, exercida pelo trabalho e pela política. Tais relações contidas no contexto geral das relações que se dão na totalidade e sofrem influências exteriores ao lugar. Elas nos darão as diretrizes de análise para assim compreender e apreender a dinâmica espacial da vila Forquilha.

2.1. Política e reorganização espacial em Tomé-açu.

A Amazônia passa a receber demasiada atenção a partir das décadas de 1940, quando uma série de políticas de integração nacional voltam-se os olhos para a região, uma forma de abrir as fronteiras regionais a fim de desenvolvê-la, além de possibilitar abertura ao capital internacional. Nesse momento, o Estado, o grande mentor e interessado em tais investimentos cria condições legais, financeiras e infra-estruturais para a instalação de grandes projetos hidroelétricos, minerais, madeireiros e agropecuários que reinventam a região como fronteira de recursos, espaço vazio atrativa de investidores (NAHUM, 2012).

A partir daí surge um novo momento na Amazônia, onde uma série de políticas públicas visando a melhoria, instalação de sistemas técnicos, incentivos fiscais, chegam na região como uma forma de viabilizar tais projetos e atrair pessoas, capital e investimentos. Projetos como a hidrelétrica de Tucuruí, Grande Carajás, e a Albrás/Alunorte foram os de maior impacto na produção do espaço regional. A abertura de estradas para o escoamento da produção, o surgimento de cidades as suas margens, deram a região uma nova cara (NAHUM; SANTOS, 2015). Ainda segundo Nahum e Bastos (2015, p. 313) vemos que:

A situação geográfica esboçada traz condições e possibilidades para emergência do cultivo da palma para o biodiesel, ainda que o lugar não tenha consciência disso. O espanto ocorre no desencontro do encontro (MARTINS, 1993), entre a comunidade da Forquilha e as empresas monocultoras, que parecem se estranhar e se desconhecem como se não tivessem relação alguma. Apesar disso, integram o mesmo processo, compõe uma condição sócio-espacial, consciente ou não disso. A reprodução da comunidade cria condições para a chegada da dendeicultura no lugar.

É interessante a maneira como os autores propõem pensarmos que o encontro realizado entre determinado empresa e o lugar em um primeiro momento possam parecer antagônicos, mas que no fundo, não são. A dinâmica construída na vila Forquilha através da sua reprodução cria condições para a emergência do evento, as intencionalidades que ganham materialização desde o seu estágio embrionário nascem juntas.

Para a chegada da dendeicultura não foi diferente, uma série de transformações foram projetadas e planejadas pelo estado e que permitiram a emergência deste evento. É claro que todos os outros grandes projetos pensados para a Amazônia já vinham preparando a base territorial para ser palco desses grandes empreendimentos. Apresentando condições edafoclimáticas favoráveis ao plantio, uma localização estrategicamente ideal para o

escoamento da produção, mão de obra de baixo custo e um mercado de terra em abundância, o Estado do Pará apresentava em sua conjuntura fortes motivos para tornar-se um grande polo de produção do biodiesel, e foi o que aconteceu, como veremos agora.

A respeito de sua produtividade, segundo SUFRAMA (2003), o dendê tem vida útil de 25 anos, sua produtividade tem início a partir dos 3,5 anos após o plantio, chegando ao ápice entre 7 e 15 anos, após esse período há um decréscimo lentamente até o 25º ano. Dentre as oleaginosas cultivadas, ela é a mais produtiva, com rendimentos superiores a 25-28 toneladas de cacho por ha/ano. Com um rendimento entre 4 a 6 t de óleo por hectare correspondendo a 1,5 vezes a produtividade do óleo de coco, a 2 vezes a do óleo de oliva e mais do que 10 vezes a do óleo de soja.

Por se tratar de uma cultura permanente com produção contínua ao longo do ano, ela não possui problemas de sazonalidade. Possui inúmeras possibilidades de usos, desde alimentícios humano e animal. O óleo de palma tem sido muito usado no preparo de margarina, gordura para panificação, biscoitos, massas e tortas, pó para sorvete, óleo de cozinha. Os óleos também são usados como insumos na fabricação de velas, cosméticos, crayons, detergentes, substituto do diesel, álcoois graxos, glicerina, condicionador de cabelos, folhas de flandres, tintas, lubrificantes, plastificantes, polidores, resinas, xampus, óleo químico, chapas de aço, sabonete, sabões, etc.

Na gestão do então governador Almir Gabriel, através dos PPA's estaduais (1996/1999 e 2000/2003), implantou-se reformas no Estado objetivando a construção de um "Novo Pará". A partir desse momento mudanças estruturais tomam forma, visando o aumento da produtividade no setor extrativista mineral e vegetal. O incentivo ao plantio de dendê no Estado do Pará também se deu motivada pela viagem feita pelo governador Almir Gabriel à Malásia, ao retornar ao Estado solicitou que realizassem um estudo que chamou de "Diretrizes para Expansão da dendeicultura no Estado do Pará".

O objetivo era mostrar a importância socioeconômica, política e ambiental do plantio da dendeicultura para o desenvolvimento sustentável desta cultura no Estado, já que as condições edafoclimáticas do Pará eram bastante favoráveis. Outro ponto de destaque desse estudo é o fato de que a mesorregião mais propícia ao plantio era o Nordeste paraense, isso devido sua localização estratégica, como sua infraestrutura de transporte, energia, comunicação, acesso à mão-de-obra, uma maior proximidade aos mercados externos de consumidores.

Segundo Cruz (2006), o Estado como um incentivador a fim de facilitar a instalação de projetos nessas áreas, propôs algumas reformas, como a criação da Secretaria Especial de Gestão em substituição à de Planejamento e Gestão, e a Secretaria Especial de Produção. Além disso, através da Secretaria de Integração Regional estabeleceu uma política de reordenamento territorial na mesorregião do Nordeste paraense, objetivando a implantação, expansão e verticalização de cadeias produtivas, como o dendê.

Das obras de infraestrutura propostas por essas políticas, podemos lembrar o Sistema de Integração do Leste Paraense (SILP) onde se destaca a construção da Alça Rodoviária. Além dela, temos também a implantação da hidrovía do Capim – 770 km; Restauração e pavimentação da PA – 124 – Capanema/Santa Luzia; Pavimentação da PA-253 – Irituia/Capitão Poço; Pavimentação da PA-256 – Paragominas/Rio Capim; Rodovia Castanhal/Apeú; Duplicação da BR-163 Belém/Castanhal; Pavimentação da PA-124 – Capitão Poço/Ourem; Pavimentação da PA-140 – Tomé-Açu/Concórdia/Bujaru; Pavimentação da PA-252 Acará/Concórdia/Mãe do Rio; e Sistema de Integração do Pará – Alça Rodoviária, que liga a Região Metropolitana de Belém ao leste do Pará (CRUZ, 2006).

Obras realizadas na mesorregião do nordeste paraense beneficiam os projetos instalados na área de abrangência do polo de dendê. A ação do Estado é de fundamental importância na consolidação da cadeia produtiva do dendê, como justificativa para a implantação do projeto de agricultura familiar, que usa o discurso de que os projetos visam à recuperação de áreas degradadas e a introdução dos agricultores numa atividade econômica que lhe permita aumentar sua renda, além de ser uma atividade que demanda processo de industrialização, possibilitando ao Estado incentivar sua política de verticalização produtiva.

Alguns marcos influenciaram no desenvolvimento do período do dendê no Estado, e foi através deles que a produção de óleo de palma ganhou forças estabelecendo no Pará a maior quantidade de área plantada de dendeicultura do Brasil. Estes foram: o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNBP) e o Plano Nacional do Agronegócio, e o Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma no Brasil, foi a partir deles que o país passou a caminhar dando ênfase ao agronegócio voltando-se para o biodiesel.

O governo federal e o estadual não medem esforços para emplacar um novo rumo para os investimentos nacionais e regionais. Surgindo oficialmente neste momento a associação das unidades familiares ao agronegócio do biodiesel, por meio da produção da dendeicultura, que antes acontecia, mas não de maneira oficializada, agora se estabelece como uma política de integração social, transformando os camponeses em trabalhadores rurais. Trabalhadores

que entram a partir dessa parceria com as empresas produtoras de dendê, e que passam a desenvolver o trabalho não mais como antes, agora ele está incluso na cadeira produtiva do biodiesel, que segue a lógica capitalista de produção.

O PNPB traz a proposta de utilização de energia renovável para o Brasil, por meio de diversas culturas, o dendê é apenas uma delas. O Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma no Brasil tem por objetivo disciplinar a expansão da produção de óleo de palma no Brasil e ofertar instrumentos para garantir uma produção em bases ambientais e sociais sustentáveis. Possui como diretrizes a preservação da floresta e da vegetação nativa; expansão da produção integrada com agricultura familiar, tendo como territórios prioritários áreas degradadas na Amazônia Legal e a reconversão de áreas utilizadas para cana-de-açúcar (PPSOPB, 2010). A execução do programa conta com o cumprimento dos seguintes itens:

- Zoneamento Agroecológico da Palma de Óleo;
- Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação;
- Ampliação da oferta de assistência técnica;
- Aprimoramento dos instrumentos de crédito;
- Regularização Ambiental;
- Regularização Fundiária;
- Câmara Setorial.

Ao nível de desenvolvimento tecnológico e inovação o programa conta com uma ação em parceria com setor privado, envolvendo recursos públicos habilitados em R\$ 60 milhões, estruturado nos eixos de melhoramento genético, obtenção de novos cultivares e busca de soluções para anomalias, em especial do Amarelecimento Fatal; ampliação da oferta de sementes e mudas com genética definida para o Brasil; revitalização, modernização e expansão da infraestrutura e facilidades físicas para produção de plantas matrizes e conhecimento; parcerias internacionais com institutos de excelência em palma de óleo e pesquisa para avaliar efeitos da espécie.

Sobre a oferta de assistência técnica e qualificação de técnicos extensionistas, foi construída em parceria pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), juntamente com a Embrapa, mais as entidades estaduais de assistência técnica da região e empresas produtoras de palma de óleo

em atuação no Brasil. Quanto aos instrumentos para Financiamento da Produção de Palma de Óleo, podemos observar abaixo na tabela 4, a programa oferece três tipos de financiamento:

QUADRO 1- Financiamentos oferecidos pelo PPSOPB.

	PRONAF – Eco	PROPFLORA	PRODUSA
Público	Agricultores familiares	Produtores rurais e cooperativas	Produtores rurais e cooperativas
Finalidade	Investimento, custeio e remuneração da mão de obra familiar	Investimento e custeio associado ao investimento	Investimento e custeio associado ao investimento
Limite do financiamento	R\$ 6.500 por hectare, limitado a R\$ 65.000 por beneficiário	Até R\$ 300 mil	-Até R\$ 400 mil para projetos em áreas degradadas
Juros	Taxa efetiva de 2% ao ano	6,75% ao ano	-5,75% ao ano para projetos em áreas degradadas
Prazo para pagamento	Até 14 anos	Até 12 anos	Até 12 anos
Carência	Até 6 anos	Até 6 anos	Até 6 anos

Fonte: PPSOPB, 2010.

Esse programa oficializou a parceria entre o agricultor familiar e as empresas de dendecultura como já dissemos. O projeto de agricultura familiar com o dendê foi inicialmente implantado no município de Concórdia do Pará, entretanto, teve problemas relacionados à distância da usina processadora, o que levou o governo a escolher outra área no município do Moju para implantação do projeto. Assim, os pequenos produtores passam a se associar as grandes empresas, como a AGROPALMA, que havia feito em 2002 um plantio pioneiro com milhares de dendezeiros, com cerca de 50 produtores, dando a eles a assistência técnica, e a garantia de compra de sua produção.

Em 2005, o então presidente Lula fez uma visita à empresa AGROPALMA, em busca de mais informações sobre como essa parceria entre o agricultor familiar e a empresa estava funcionando. A ideia lhe agradou, e alguns anos depois ela se tornou uma política pública. O financiamento adquirido proporciona ao agricultor familiar cobrir os gastos iniciais tidos com o plantio de seu plantio, até que chegue no quarto ano, quando a cultura começa a produzir. Até

lá o financiamento auxilia o agricultor na manutenção e cuidado com a plantação, sem o qual não haveria a possibilidade de parceria.

No intuito de descobrir novas áreas para investimento realizou-se estudos edafoclimáticos para levantamento das áreas propícias a plantação da cultura de dendê na Amazônia, ficando o estado do Pará com grande contingente de áreas aptas a esse cultivo. O Zoneamento Agroecológico do dendê lançado em 2010 foi uma ferramenta fundamental para a criação de mecanismos de orientação à implantação da cadeia de produção de óleo de dendê.

O procedimento consiste no fato que exista para cada espécie vegetal um conjunto de características de solo, relevo e clima, bem como de outros fatores ambientais, ao qual ela se adapta e nas quais a sua implantação terá o menor impacto negativo no ambiente. O zoneamento delimitou apenas áreas aptas (solo e clima) em regiões antropizadas sem restrições ambientais e proibiu a supressão de vegetação nativa em todo o território nacional.

O Zoneamento Agroecológico do Dendê para as Áreas Desmatadas da Amazônia Legal - ZAE-Dendê, foi elaborado sob encomenda do Governo Federal, com apoio financeiro da Financiadora de estudos e projetos (FINEP). O projeto, liderado pela Embrapa Solos, contou com a cooperação das unidades da Embrapa na região norte bem como de outras instituições públicas e privadas que atuam na região, entre elas o Sistema de Proteção da Amazônia (SIPAM-Manaus); Ministério do Meio Ambiente, através do IBAMA, FUNAI e das Secretarias do Desenvolvimento Sustentável e de Biodiversidade e Florestas; CEPLAC/CEPEC; EMATER-RO, FEMACT-RR; SEPLAN-MT; Diocese de Tabatinga- AM, UFPA e as empresas AGROPALMA e MARBORGES (ZAE, 2010).

Esse é mais um dos zoneamentos agroecológicos na região, em 1991 criou-se um Programa de Zoneamento a Amazônia Legal, buscando a ordenação do território. Em 2009 foi efetuado pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) o Macrozoneamento Ecológico-Econômico da Amazônia Legal (MZEE), como estratégias de transição para a sustentabilidade, que expressava o desejo de deslocar a região de sua condição de fronteira agropecuária para fronteira do capital natural (BECKER, 2010).

Vemos que tais programas vêm preparando o terreno para o nascimento e expansão da dendeicultura. O Estado juntamente com o poder federal e municipal, não economizaram esforços para impulsionar o desenvolvimento da dendeicultura na microrregião de Tomé-açu. Entretanto esse movimento foi realizado em meio a um campo de relações já existentes em Tomé-açu, e na vila Forquilha, resultando em algumas tensões.

A visita do presidente Lula foi um marco para a região. O fato dele ir ao município apresentar o projeto da Palma de Óleo Sustentável em 2010, que possibilitava a integração do agricultor familiar na produção do biodiesel gerou um sentimento de confiança no projeto, os agricultores passaram a ver com bons olhos essa oportunidade. Essa jogada de *marketing*, gerou aceitação por parte dos agricultores e os incentivou a aceitar realizar parceria com as empresas de dendeicultura, uma estratégia que era importante às empresas para agregar mão-de-obra além de garantir a eles o selo de combustível social, selo cedido as empresas que incluem o agricultor familiar em sua produção.

Para compreendermos o processo de implantação da dendeicultura em Tomé-açu temos que visualizar as ações se intercalando e se encaixando em um processo executado por diversos agentes, o Estado, com os programas e políticas públicas, e o capital privado agindo através das empresas. Privilegiaremos olhar esse evento a partir da visão dos moradores da vila Forquilha, agricultores familiares, representantes da associação dos trabalhadores rurais. E assim mostrar as tensões existentes na organização do território, que se tornou um campo de disputa, gerando movimentos que irão influenciar diretamente o processo de instalação das empresas.

Sobre os processos existentes antes da instalação das empresas em Tomé-açu, podemos destacar a disputa de mão de obra barata presente no município, acentuada pela instalação das empresas que estimulou ainda a vinda de pessoas de outros estados e municípios vizinhos, acentuando a disputa com as demais atividades já realizadas na vila. A intensificação dos fluxos migratórios foi o que mais tarde transformaria a vila Forquilha no que é hoje, sua complexa dinâmica social, e sua configuração espacial atual. As disputas de terra também foram uma realidade nesse processo de instalação das empresas, resultando em conflitos entre o sindicato dos trabalhadores rurais e as empresas.

2.2. Movimentos, tensões e disputas em torno da dendeicultura em Tomé-açu.

Vimos que as atividades econômicas desenvolvidas em Tomé-açu, já vinham movimentando a mão de obra local e cada vez mais atraindo pessoas de municípios e Estados vizinhos. Entendemos que a sucessão das culturas cultivadas (pimenta do reino, arroz, cacau, os SAFs), seguido da extração de madeira e da pecuária, foram de grande importância para a formação da vila Forquilha e das demais vilas que se estabeleceram. Em entrevista um dos moradores mais antigos da vila nos explicou porque foi morar na vila:

(...) porque as condições aqui são muito melhores que no nosso lugar, lá não tem serviços e o que a gente arrumava mal dava pra comer. Como eu tinha vontade de arrumar alguma coisa e sabia que aqui tudo era mais fácil de conseguir e tinham mais coisas, cheguei aqui e fui trabalhar com pequenas coisas. Trabalhei de empregado, juntei um dinheirinho e pude conseguir uma terra pra plantar pimenta, tentei várias plantações mas a que deu certo foi pimenta. Até hoje tenho pimenta (entrevistado 2).

Com o mesmo desejo de se fixar com sua família em uma terra fértil, que possibilitaria a realização de seu roçado, sua pequena criação de animais, e a construção de sua moradia, outros também foram para Tomé-açu. Através da pimenta do reino muitas famílias conseguiram se estabelecer, e ainda se utilizam dela como fonte de renda.

Mais tarde, com a notícia que a empresa Biopalma estava contratando mão de obra não especializada para plantio e manutenção dos extensos dendezais atraiu pessoas. Aquecendo a disputa por mão de obra na vila, pois a empresa buscava jovens e adultos para o trabalho assalariado, atraindo tanto os que chegaram com esse intuito quanto os que já moravam lá, desprendendo mão de obra das demais atividades existentes na vila, veremos isso com mais detalhes no próximo capítulo.

A disputa por terras também foi uma realidade no município, a Biopalma através de terceiros começou uma busca por terras a partir do ano de 2006, ano em que ainda nenhum programa ou política pública havia sido lançado, ou seja, tudo ainda estava no plano das intencionalidades, as estratégias eram pensadas para a microrregião de Tomé-açu antes mesmo de serem expostas a população local, e assim o movimento de compra e venda de terras se inicia aos arredores da vila Forquilha.

Ainda em 2006, a Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário adotou a instalação de “Polos de Produção de Biodiesel” a fim de colaborar com a

organização territorial da base produtiva de oleaginosas na agricultura familiar, buscando promover a inclusão de agricultores familiares na cadeia de produção do biodiesel.

No Pará o polo1 abrange 37 municípios: Abaetetuba, Acará, Barcarena, Belém, Bonito, Bujaru, Cachoeira do Arari, Cachoeira do Piriá, Cametá, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Concórdia do Pará, Curalinho, Dom Eliseu, Gurupá, Igarapé-Miri, Ipixuna do Pará, Limoeiro do Ajuru, Melgaço, Moju, Muaná, Nova Esperança do Piriá, Oeiras do Pará, Ourém, Paragominas, Ponta de Pedras, Portel, Santa Luzia do Pará, São Domingos do Capim, São Francisco do Pará, São Sebastião da Boa Vista, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis, Viseu. Podemos ver melhor essa espacialização no mapa 2.

MAPA 2- Municípios do nordeste paraense que correspondem ao polo 1 de produção de dendê vinculado a inclusão com os agricultores familiares.



Fonte: GDEA, 2013.

Esse movimento de compra e venda de terras ocorreu não só em Tomé-açu, mas em vários desses municípios definidos como aptos ao plantio de dendeicultura, que compõem o polo 1, sendo este o que abrange maior número de municípios e assim de área, no Brasil inteiro. O que não quer dizer que todos estejam em produção, mas sim que foram diagnosticadas como aptas ao cultivo do dendê. Porém, a microrregião de Tomé-açu, que compreende os municípios de Moju, Acará, Tomé-açu, Tailândia e Concordia do Pará são os que mais se destacam na produção do óleo de palma.

A partir dos mapas de aptidão gerados pelo ZAE (Zoneamento Agroecológico), as fazendas de grande porte começaram a ser compradas, em sua maioria áreas de pasto e pequenas e médias propriedades, áreas de plantios de pimenta, e de outras culturas foram adquiridas pela empresa. Considerando que o dendê, de acordo com as regularidades, deva ser plantado apenas em áreas já desmatadas ele faz com que aumente a procura por parte das empresas, esgotando assim essas áreas.

Nós questionamos quanto ao resultado dos estudos sugeridos pelo ZAE, que propõe o plantio da dendeicultura para os municípios do polo 1, porquê o dendê e não a pimenta do reino, cultura tradicional daquela região, ou o cacau, a mandioca, os SAFs que sempre deram grande resultados. A exemplo a CAMTA, que se estruturou na produção de culturas regionais e obtiveram grande êxito. Ficam dúvidas quanto haver ou não intencionalidades por trás de tais proposições?

Além disso, questionamos porque todo um leque de investimento e cooperação foi feito por parte do município, estado e governo federal, em prol do desenvolvimento dos plantios de dendê para o capital privado. Enquanto que os esforços para desenvolver os plantios de pimenta do reino e os SAFs propostos pelos camponeses sempre tiveram investimentos tão limitados.

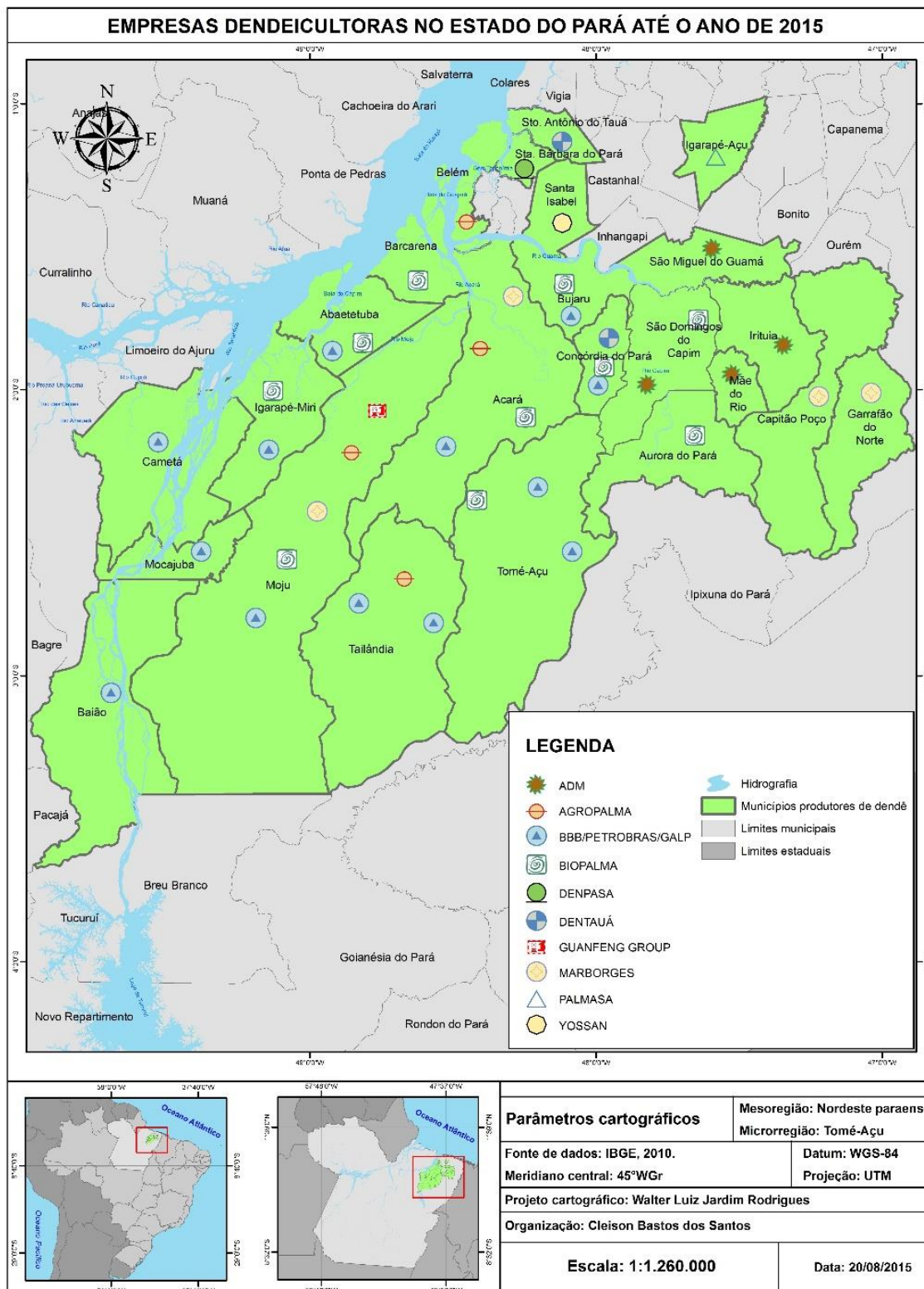
Algumas propriedades de pequeno porte foram compradas por preços mínimos para assim aumentarem ainda mais a área de instalação aonde a Biopalma iria se estabelecer. Esse período de compra e venda de terras se acentuou mais entre os anos de 2010 a 2012, período em que houve um crescimento exacerbado de plantios de dendê no estado do Pará, entrando em atividades várias empresas que destinam o óleo de palma aos mais diversos segmentos, desde alimentício, até o ramo dos cosméticos, quase não havendo produção voltada ao biodiesel.

Nesse período diferentes empresas se estabeleceram destacando-se no mercado a BIOPALMA, ADM, AGROPALMA, DENPASA, PETROBRAS/GALP, DENTAUÁ, MARBORGES, PALMASA, YOSSAM e PBIO. Por esse motivo, tal período é considerado por Nahum, Santos (2015) o período de *boom* da dendeicultura na microrregião de Tomé-açu.

Constituindo assim um campo de disputas de terras, já que seus plantios se espalharam pelo nordeste paraense, contendo em um mesmo município filias de várias empresas. Nahum e Santos (2013), chama esse processo de espacialização das empresas no Pará de territórios – rede do dendê, formado por territórios descontínuos, onde os pontos dependem da envergadura e da natureza do capital que será usado para transformar terras em territórios do dendê.

Podemos visualizar tal processo no mapa 3, que demonstra a localização das dez empresas de dendeicultura que mais se destacam na região, e assim podemos observar seus campos de disputa e suas diversas territorialidades, ao se instalarem com filiais e extensas áreas de plantio em um mesmo município. Notemos que em um mesmo município consta a presença de várias empresas produtoras de dendeicultura, e como elas conseguem administrar seus plantios em vários lugares ao mesmo tempo, implantado sua lógica e incorporando-se aos lugares a dinâmica proposta pelo dendê.

MAPA 3- Empresas de dendecultura no estado do Pará até o ano de 2015.



Fonte: GDEA 2015.

As disputas ocorreram entre as empresas que se utilizavam de várias estratégias para estabelecerem a compra de terras nos municípios, intensificadas pelas normas exigidas pelo código florestal, este define que o cultivo de uma monocultura não pode abarcar determinada quantidade de terras, além disso, cada plantio deve conter uma dada área de reserva legal. Isso dificultava ainda mais o processo de instalação das empresas que faziam projeções gigantescas aos seus plantios.

Em entrevista o representante do sindicato dos trabalhadores rurais, nos afirma que cerca de 40% da terras agricultuáveis de Tomé-açu foram vendidas na época da instalação das empresas e desde, esse movimento lhes assustou de maneira que eles sentiram a necessidade de tomar alguma atitude, pois muitas famílias estavam vendendo suas terras a preços baixos, ficando sem ter onde realizar seus plantios. Aceitavam as propostas feitas pelas empresas acreditando que o valor da venda seria o suficiente para mudarem de vida, sem ter noção de quanto realmente valia suas terras.

Diante dessa situação o sindicato dos trabalhadores rurais decide reunir-se buscando deter esse movimento intenso de compra e venda de terras: “ (...) nós tivemos assim um enfrentamento muito forte, um momento muito difícil pra gente do sindicato, tivemos que enfrentar e combater a venda desenfreada de terra. Nós procuramos naquela época conversar com eles, procuramos dialogar não conseguimos” (Entrevistado 3).

Após isso algumas denúncias foram feitas por parte do sindicato que buscava frear a compra e venda de terra no município: “(...) fizemos um movimento que nós tivemos que ir pra rádio, jornal, a gente tem o momento em que a gente fez a denuncia no jornal liberal, que eles tiveram aqui com nós, e foi a partir dai que a gente conseguiu dá uma freada” (Entrevistado 3).

O enfrentamento do sindicato se deu de duas formas. A primeira foi tentando um diálogo, não obtendo sucesso buscou-se a denuncia através dos meios de comunicação. Sendo o sindicato totalmente contra a venda desenfreada de terras para a Biopalma, pois foi a instalação da empresa que aqueceu o mercado de terras Tomé-açu, de acordo com o sindicato, fazendo com que muitos moradores vendessem suas terras, com o sonho de ir para a cidade e viver em melhores condições, muitos venderam seus lotes ficando apenas com suas casas sem area para qualquer plantio, outros venderam tudo.

Outra forma de tentar frear esse processo foi o movimento de conscientização feito pelo sindicato junto a população, para que não vendessem suas terras, nem firmassem parceria com

o projeto da agricultura familiar com a Biopalma, pois o sindicato dizia está totalmente contra, acreditando não ser essa uma boa alternativa, uma vez que este seria apenas usado pela empresa, não obtendo benefícios.

Após esse enfrentamento cessaram os movimentos de compra e vendas das terras, por valores quase que simbólicos como vinham ocorrendo nos arredores da vila Forquilha. Além disso, já não era tão fácil encontrar quem vendesse suas terras, as que restaram eram de pessoas que estavam convictas de que aquela não era a melhor escolha a se fazer.

Nesse momento entra em ação a política de integração entre o agricultor familiar, que sempre viveu da policultura, utilizando-se da unidade familiar para a reprodução de seu modo de vida através da agricultura, extração, criação de animais, para fazer parte da cadeia produtiva do dendê, uma estratégia direta que favoreceria a empresa, lhe liberando dos diversos encargos trabalhista, pois o contrato entre as duas partes isenta a empresa de tais questões. O sindicato dos trabalhadores rurais, desde o princípio não foi favorável a tal parceria, pois segundo eles:

(...) é uma jogada pra calar a boca da gente, fizeram a questão da agricultura familiar, e que nós trabalhamos também a conscientização dos trabalhadores rurais pra que eles não entrassem nessa manobra, mais um jogo né, ia tá trabalhando praticamente de graça para a empresa, que era um novo momento de uma mão-de-obra barata, porque quando tu é empregado assalariado tu tens férias, décimo, FGTS, todas essas coisas, e quando tu planta o dendê na agricultura familiar, tu tira a mão-de-obra pesada do dendê e tu tira os direitos trabalhistas, os encargos trabalhistas da empresa e joga pra costa da tua família (Entrevistado 3).

Notemos que o sindicato se coloca totalmente contra tal parceria, sabemos que cada empresa tem seus próprios contratos que pouco se diferenciam uns dos outros, na realidade a intenção é a mesma, garantir o selo de combustível social, que é cedido a cada uma das empresas que comprovem que estão promovendo a inclusão social e o desenvolvimento regional, através desse sistema de parceria com o agricultor familiar. O que na opinião da empresa é um ato de solidariedade, incluir o pequeno agricultor a cadeia produtiva da dendecultura, é dar a ele a oportunidade de se tornar um empreendedor. Porém, o selo de combustível social cedido a eles proporciona determinados benefícios na hora de vender o óleo de palma.

Segundo informações levantadas junto aos entrevistados o processo se dava a partir de reuniões onde a empresa mandava representantes, que explicavam e apresentavam o projeto mostrando quais os benefícios, direitos e deveres que cada agricultor teria ao fazer parte desta parceria. O sindicato se fez presente em 72 dessas reuniões a fim de expor sua opinião e afirmar

não ser favorável a tal parceria. *“Porque o nosso medo é que no futuro desse errado e quem fosse pagar o preço era o trabalhador, e hoje nós tamos vendo o resultado”* (Entrevistado 3).

A visita feita pelo então presidente Lula em Tomé-açu para o lançamento do projeto foi apenas um marco festivo, pois o dendê já vinha sendo plantado no município muito antes de 2010. Pois até então, o processo que ocorria era a venda desenfreada de terras, após o lançamento do programa da palma de óleo sustentável é que a estratégia muda, passando a ter como foco a parceria com os agricultores familiares. Até porque já não haviam tantas fazendas disponíveis para serem compradas. Dessa maneira, as vendas de terra foram diminuindo, há quem diga que o projeto em si foi modificado, pois o projeto apresentado pelo presidente Lula garantia maiores regalias ao agricultor familiar, quanto aos apoios técnicos e a doação das mudas que seriam inicialmente cedidas gratuitamente.

Esse movimento de disputa de mão de obra, de terras, aconteceu nos municípios que compõem a microrregião de Tomé-açu, acarretando conflitos e enfrentamentos, como vimos em Tomé-açu, a vila Forquilha, devido está cercada por fazendas de pimenta do reino, pequenos agricultores que vivem da pluriatividade teve sua dinâmica alterada durante tal processo, transformações em sua paisagem, dinâmica social e configuração espacial, a partir da “gestação” do evento, que já nasce aos arredores da vila, com a instalação das empresas Biopalma e Petrobrás/Galp, vejamos agora quem são elas.

2.2. Biopalma e Petrobrás/Galp em Tomé-açu.

A microrregião Tomé-Açu foi o grande alvo quando se tratou de transformar o estado do Pará em um polo de destaque na produção de óleo de palma, a parceria se deu no ano de 2010, apoiada pelo governo federal, na gestão da governadora Ana Júlia Carepa, e gestor municipal prefeito Carlos Vinicius e a vice-prefeita Ilda Taketa, em uma reunião juntamente com os trabalhadores rurais de Tomé-Açu e municípios vizinhos. A reunião aconteceu no Parque de Exposição da Associação Agropecuária Vale do Acará (AAVA), no dia 6 de maio de 2010, com a finalidade de formar o maior polo industrial de biodiesel do Brasil, no município de Tomé-açu.

Nesse momento o governo brasileiro através da Embrapa, fazia um trabalho de estudo de aptidão do solo nesta região chamado de georreferenciamento agrícola, que definiu quais as regiões que seriam interessantes para criação de gado, qual área serviria para a produção de grãos, como arroz, feijão, soja, milho. A área composta pelos municípios Tomé-Açu, Bonito, Ourém, Capitão Poço, Santa Isabel, Castanhal, Bujaru, Barcarena, São Domingos do Capim, Igarapé-Mirim, Abaetetuba e parte de Tailândia, foi definida como uma faixa apropriada para a dendeicultura.

Em Tomé-açu a instalação das empresas e a compra de terras por parte da Biopalma se deu em áreas concentradas, contendo algumas áreas menores e mais isoladas, como é o caso da propriedade Sempre Alegre. Porém, antes da chegada das grandes empresas, os japoneses em Tomé-Açu já haviam plantado dendê, em uma escala bem menor, entretanto tiveram dificuldades na comercialização da produção, pois não possuíam nenhum tipo de contrato de venda. Sem ter nenhuma garantia da compra, resolveram abandonar suas plantações.

Instalar-se em Tomé-açu foi uma estratégia para a empresa Biopalma que via o potencial do município sempre foi e é destaque na agricultura familiar, com a pimenta do reino, o cacau, os SAFs e a CAMTA. Outro fato importante é que no município não havia relatos de doenças que pudessem pôr em risco os plantios, como nos foi relatado em entrevista que (...) *quando as empresas chegaram para cá para se instalar, tipo a BIOPALMA e as demais, eles já observaram esses plantios de dendê e identificaram que as doenças que atacam as palmeiras, atacaram muito pouco essas árvores. Então mais uma razão para estimular a empresa a se instalar aqui na região* (Entrevistado 3).

Seguindo o exemplo vivido pela Agropalma em Moju, com sua primeira experiência com a agricultura familiar efetuando parceria com 50 famílias, em uma área cedida pelo ITERPA e com o auxílio do Estado através do financiamento do Banco da Amazônia tais

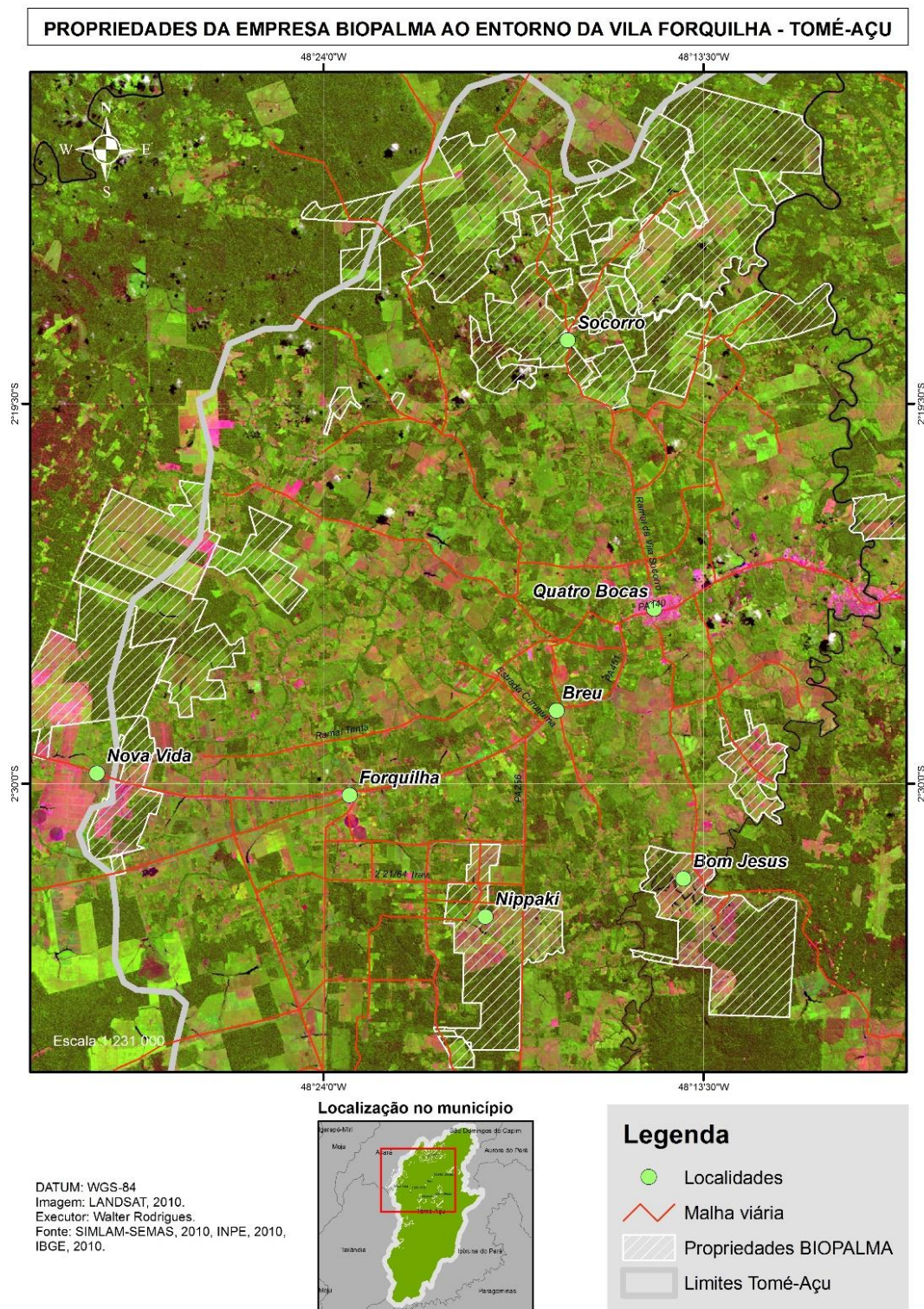
famílias iniciaram seus plantios de dendeicultura, o projeto tornou-se um sucesso e passou a ser referência para todo o Estado. Alguns agricultores obtiveram grande lucro financeiro com o projeto, melhorando de vida, como os próprios narram.

A BIOPALMA já chegou com um programa bem definido de que ela iria ter 60 mil hectares e 2 mil hectares em parceria com a agricultura familiar. Hoje, a BIOPALMA está com 57 mil hectares plantados próprios e 650 agricultores familiares, ou seja, 6.500 hectares de palma com a agricultura familiar. Parte desse plantio da BIOPALMA já está produzindo e parte do plantio com a agricultura também já produzindo, inclusive, já está colhendo. Os que plantaram em 2009, 2010 e 2011 já estão colhendo e a empresa já está comprando (Entrevistado 4).

A empresa consolidou-se no município, passou a ter seu projeto de parceria com o agricultor familiar, e vem alcançando suas metas iniciais. A empresa foi fundada no ano de 2007, em 2009 o Consórcio Vale comprou 41% das ações e a Biopalma da Amazônia 59% para a produção de óleo de palma. Em 2011 a Vale assumiu 70% das ações da Biopalma, iniciou seu projeto em 2009 no município de Moju e no final de 2009 ela chega em Tomé-açu, mas se instalou mesmo em 2010 e só começou a cadastrar a agricultura familiar em 2011.

Podemos visualizar na imagem 5 a proximidade existente entre as fazendas com plantios de dendeicultura pertencentes a Biopalma, e a vila Forquilha, tal proximidade se dá também com os agricultores familiares que realizam a parceria com a empresa. A presença da empresa aos arredores da vila transforma a paisagem, o cultivo de uma monocultura como podemos observar aumentou a concentração de terras, acarretando mudanças na dinâmica espacial do lugar.

IMAGEM 5- Propriedades da Empresa Biopalma próximas a Vila Forquilha em Tomé-açu.



Fonte: GDEA, 2015.

O projeto começou a gerar seus primeiros frutos e a chamar atenção dos demais países, agradando assim o mercado de Portugal, que também necessitava produzir biodiesel, porém o país não possui terras disponíveis ao plantio do dendê, despertando o desejo de se utilizar das terras brasileiras, despertando interesse pelo município de Tomé-açu, pois as condições físicas e sociais apresentavam-se propícias ao cultivo da dendeicultura, como a Biopalma vinha obtendo sucesso, resolveu-se apostar nessa empreitada, surgindo assim, a GALP energia.

Uma empresa portuguesa estatal, que trabalha com o transporte de petróleo em Portugal, Espanha e faz prospecção em alguns países na África, associou-se à Petrobrás e iniciando o projeto. A GALP instalou-se no Pará, inicialmente no município de Tailândia, através do projeto Biodiesel Pará, implantado pela Petrobrás Biocombustível, contrato assinando no dia 22 de setembro de 2010 para implantação do 1º polo de produção, para o plantio de 6 mil hectares, com mais de 1 milhão de mudas de dendê a serem plantadas em parceria com agricultores do município. Logo depois ocorre a ampliação do programa, estendendo-se aos municípios de Tomé-Açu, Moju, Acará, Concórdia do Pará, e Bujaru.

A GALP e a Petrobrás Biocombustíveis constituíram um *holding*, a Belém Bioenergia S.A., que terá duas subsidiárias, uma será a Belém Brasil Bioenergia (BBB), localizada no Estado do Pará, ficando responsável pelo polo industrial e pela produção de palma e a outra se chama Belém Portugal Bioenergia, localizada em Sines, Portugal. Diferente da Biopalma e da Agropalma que compraram suas próprias terras, a BBB começou a arrendar algumas áreas em Tomé-Açu. A ideia segundo Miguel Rossetto, presidente da Petrobras Biocombustíveis, é produzir 250 mil toneladas de diesel “verde” em Portugal, processadas a partir de palma cultivada no Pará para venda no mercado europeu.

Entendemos que a instalação do polo de produção do biodiesel no Pará foi um processo que se deu por uma sucessão de ações políticas, somado a condições tecnológicas oferecidas por órgãos estatais. As atividades econômicas anteriores à dendeicultura que se desenvolveram nos municípios contribuíram para a configuração espacial do espaço geográfico na vila Forquilha. Foi no início dessas relações econômicas que foram fecundadas as condições territoriais necessárias para o nascimento da dendeicultura.

Ações estruturadoras que possibilitaram a inserção do capital privado na microrregião de Tomé-açu. O PNPB juntamente com o Programa de produção sustentável da palma de óleo, e os diversos incentivos e financiamentos propostos pelo Banco da Amazônia, permitiram que o evento pudesse acontecer. Mostramos a instalação dos sistemas técnicos pensados pelo Estado como estradas, energia e telefonia, um aparato tecnológico em prol da produção do espaço.

Os investimentos infraestruturas propostos pelo Estado moldam o município objetivando torná-lo atrativo para o capital e é isso que ocorre nesse período em toda a microrregião de Tomé-açu. O que não quer dizer que tais municípios tenham se desenvolvido infra-estrutura e economicamente, o que afirmamos é que os sistemas de transporte, energia, e telefonia, que antes não faziam parte daquela configuração espacial, foram implantados de maneira intencional, como uma forma de possibilitar a instalação das empresas de dendeicultura.

Observamos aqui a inauguração do agrário, começam a viver juntos a pequena unidade familiar camponesa e a grande propriedade, onde prevalece a posse e não mais o uso, o que desencadeia os diferentes interesses, gerando os primeiros conflitos. As frentes de expansão e o êxodo rural desenham uma nova dinâmica espacial. O trabalho começa a metamorfosear-se atendendo a uma demanda de fora, a madeira extraída, a criação de gado, a dendeicultura ligando o lugar ao mercado global. O ritmo do trabalho não corresponde mais ao lugar.

A inserção do agricultor familiar no sistema de parceria com as empresas Biopalma e GALP, assim como na admissão do trabalho assalariado, transforma o modo de vida desse camponês, pois antes o trabalho caracterizava-se pela unidade familiar, se dando na esfera da policultura, onde as famílias se dedicavam a pluriatividade, aos quais vendia o excedente de sua produção a fim de adquirir os demais elementos necessários a reprodução da sua vida, e que agora vivem em um novo contexto. Uma nova dinâmica em torno trabalho se estabeleceu na vila Forquilha, caracterizar essa nova configuração espacial e dinâmica social é o que pretendemos fazer no próximo capítulo.

CAPITULO 3- METAMORFOSES NO ESPAÇO E NO TRABALHO HABITADO DA VILA FORQUILHA

No capítulo 1 vimos o processo de ocupação do município e a formação da configuração espacial a partir dos diversos ciclos econômicos que ajudaram a estruturar o lugar. No capítulo 2 observamos a estruturação proposta pelo Estado a partir de uma série de políticas públicas e instalação de um aparato tecnológico que deram suporte à instalação de empresas de dendeicultura ao redor da Vila Forquilha, gerando conflitos, disputas de terra e de mão de obra.

Buscamos neste capítulo apresentar uma caracterização da vila a partir da chegada destas empresas, enfatizando as metamorfoses ocorridas no trabalho e como elas reestruturaram a dinâmica espacial dos moradores da Vila Forquilha. Destacamos que a expansão da cultura do dendê ressignificou o lugar, o dendê enquanto atividade produtiva e não apenas as plantações Biopalma e da GALP, como próteses estranhas ao lugar.

Apresentamos as metamorfoses espaciais que ocorreram na paisagem e configuração espacial, os fluxos imigratórios realizados em direção a Tomé-açu e a vila foram aspectos importantes na construção desse novo momento, e como tais fatores alteraram a dinâmica social anterior. Em suma, focamos nos elementos do que chamamos de situação geográfica 2, construída a partir da presença da dendeicultura na Vila Forquilha, e assim focar as metamorfoses ocorridas no trabalho.

Nossa intenção não é fazer uma análise sociológica do trabalho e sim mostrar como ele está ligado à existência humana, revelando que as mudanças no trabalho irão ser refletidas no modo de vida dos moradores do lugar. Dessa forma, buscamos caracterizar a Vila Forquilha, enfatizando o trabalho atual, como ele se dá na esfera do comércio e serviços, da unidade familiar e do trabalho assalariado. Chamaremos de trabalho rural, por se tratar da Forquilha um distrito do município de Tomé-açu.

Quanto aos dados que serão apresentados e analisados neste capítulo foram fruto de trabalhos de campo na vila Forquilha, e foram de grande importância para a compreensão das metamorfoses ocorridas no espaço e no trabalho. Eles foram levantados em momentos diferentes no decorrer da pesquisa, sendo necessário definir aqui cada um desses, já que seus objetivos se diferenciavam a cada questionário aplicado, e direcionamento para cada entrevista também contribuiu para a diversidade de informações adquiridas.

Dessa forma, temos em um primeiro momento a aplicação de 104 questionários aos moradores da vila, que inicialmente nos forneceram informações mais gerais, quanto aos pontos positivos e negativos observados por eles a partir da instalação das empresas de dendeicultura; quais os programas assistenciais atendem os moradores atualmente e quais as principais fontes de renda dessas famílias, estas informações foram devidamente tabuladas resultando na elaboração dos gráficos que veremos neste capítulo.

Em um segundo momento, levantamos dados sobre o trabalho na vila, onde foi aplicado 38 questionários, um outro modelo de questionário pois buscávamos descobrir aspectos referentes ao histórico deste trabalhador que atualmente vive na vila. Assim, perguntamos quais as três últimas ocupações destes moradores, antes da atividade atual, as respostas foram também tabuladas e são apresentadas neste capítulo.

Obtivemos dados referentes aos fluxos migratórios em um terceiro momento, através do acesso aos prontuários contidos no arquivo cadastral do posto de saúde da vila, que gentilmente nos foi permitida a coleta, identificamos os municípios e estados de origem de exatamente 4.919 prontuários referentes aos anos de 2009 a meados de 2015. Dos quais foram tabulados e transformados em gráficos para melhor representação.

Um quarto momento foi a pesquisa realizada nos estabelecimentos comerciais, levantamos as informações sobre o ano da inauguração destes mediante entrevistas junto a 28 estabelecimentos comerciais, localizados na via principal da vila com os funcionários e proprietários.

As demais informações foram obtidas através de cerca de 25 entrevistas abertas e semi-estruturadas, em um quinto momento, realizadas com os moradores da vila, incluindo os agricultores familiares, trabalhadores assalariados, donos de estabelecimentos comerciais, funcionários, representantes da associação dos trabalhadores rurais, os quais foram fundamentais para a realização da pesquisa.

3.1. Reorganização espacial na Vila Forquilha.

Os distritos de Quatro Bocas e o da Vila Forquilha integram o território municipal de Tomé-açu. A Forquilha é composta por várias comunidades menores, sendo ela a maior e mais abastecida por serviços que as demais. No entanto, os moradores denominam o conjunto e as partes de “Vila Forquilha”. Dentre as vilas que compõem o distrito da Forquilha, temos Igapuaçu, Sempre Alegre, Nova Olinda, Santa Rosa, Água azul, Nova Vida, Apuí, Curimã, Limão, Ipiranga, Mancha Negra, Vila Canidé, Santo Expedito, São José, Mariquita, Travessa Santana, Santa Luzia, Pau Amarelo, Puxiú. O número de vilas cresceu refletindo o aumento populacional vivido pelo município de Tomé-açu.

Essas são apenas algumas das comunidades que se formaram nos últimos dez anos, vilas como os próprios moradores denominam, que compõem o distrito da Forquilha. A seguir poderemos observar mais precisamente a espacialização delas e como os plantios de dendê se estabeleceram próximo a elas. E dessa maneira entender melhor a configuração espacial desse distrito que se desenvolve e tem agora sua dinâmica impulsionada pelas extensas plantações de dendeicultura.

Observemos na imagem 6 a localização das sedes das fazendas da Biopalma, e da empresa Belém Brasil Bioenergia (BBB), bem como as fazendas dos produtores rurais, que possuem parceria com as empresas de dendê. Vejamos como o distrito da Forquilha cresce e se reestrutura, expandindo-se e agregando-se a outras vilas. As fazendas NIPAKKI, Rio Negro, Campos Belo e Carolina, (círculos verdes grandes) como sendo os grandes plantios pertencentes às empresas, plantios contínuos, fazendas que puderam ser compradas inteiras pelas empresas, e os plantios associados ao agricultor familiar (círculos verdes pequenos), onde o agricultor planta dendê em sua propriedade e vende sua produção as empresas.

O croqui apresenta apenas a Vila Nova Vida, Vila Poeirão, Vila Apuí, Vila Nova Olinda, Vila Socorro, Vila Nova Betel (círculos azuis pequenos), pois tem como datação 2010/2011, anos em que os fluxos migratórios em direção a Tomé-açu começam a crescer, como veremos mais a frente, outras vilas já surgiram desse período até os dias atuais, e também muito já se expandiu em área de plantio do dendê.

saúde, lugar que foi uma das principais fontes de dados referentes aos fluxos imigratórios da vila, com estrutura já desgastada pelo tempo, não consegue atender a demanda da população, pois este quando construído foi pensado para receber uma demanda muito inferior à que vem sendo atendida, devido crescimento desordenado sofrido pela vila.

IMAGEM 7- Posto de saúde responsável por atender toda a Vila Forquilha.



Fonte: GDEA, 2015.

Em entrevista com a enfermeira chefe do posto, nos foi informado que no ano de 2009 quando esta chegou na vila, os cadastros eram cerca de 7 mil, atualmente (segundo semestre de 2015), esse número aumentou para 13.349 cadastros, como veremos mais à frente. Vemos que em seis anos, praticamente duplicou-se o número de pessoas atendidas no posto de saúde da Vila Forquilha. Esse salto se dá no mesmo período de implantação das empresas de dendê na microrregião de Tomé-açu. O lugar vem se transformando para atender as necessidades dessa mão-de-obra que chegava na vila a fim de se empregar na Biopalma. Pois antes os serviços eram destinados apenas a população local, com a implantação das empresas isso muda, obrigando o lugar a expandir-se. Crescendo e transformando sua dinâmica, metamorfoseando-se em um “bairro rural” (NAHUM e SANTOS, 2015).

Porém, alguns elementos da paisagem permanecem intactos e ajudam a compor o aspecto rural da vila, como podemos ver na imagem 8, a praça central, elemento comumente presente em comunidades rurais, próxima a ela a igreja católica, quase sempre esses são os primeiros elementos construídos que dão o sentido de comunidade, com uma área comum, onde as pessoas se reúnem, e a igreja, que funda o sentido de comunidade, ao lugar. A igreja quase sempre tem como nome a padroeira que é homenageada anualmente nas festividades, neste caso, Nossa Senhora da Conceição. A vila Forquilha conta atualmente com a presença de igrejas evangélicas, assembleia de Deus, Universal, que compõem a sua configuração espacial, exercendo seu papel de elo entre as pessoas.

Observamos ainda que algumas moradias preservam plantios e tem nos quintais arvores de médio porte, que esboçam a resistência do lugar as transformações. Algumas propriedades mais afastadas da área comercial da vila Forquilha que possuem seus roçados, aderiram ao sistema de parceria e cultivam dendê. A presença dos postes de energia elétrica, como iluminação pública, casas com sistemas de água encanada, caixas d'água. As áreas de mata virgem que cada agricultor preserva ainda dão um “ar verde” a paisagem da Vila Forquilha.

IMAGEM 8- A Igreja e a Praça central.

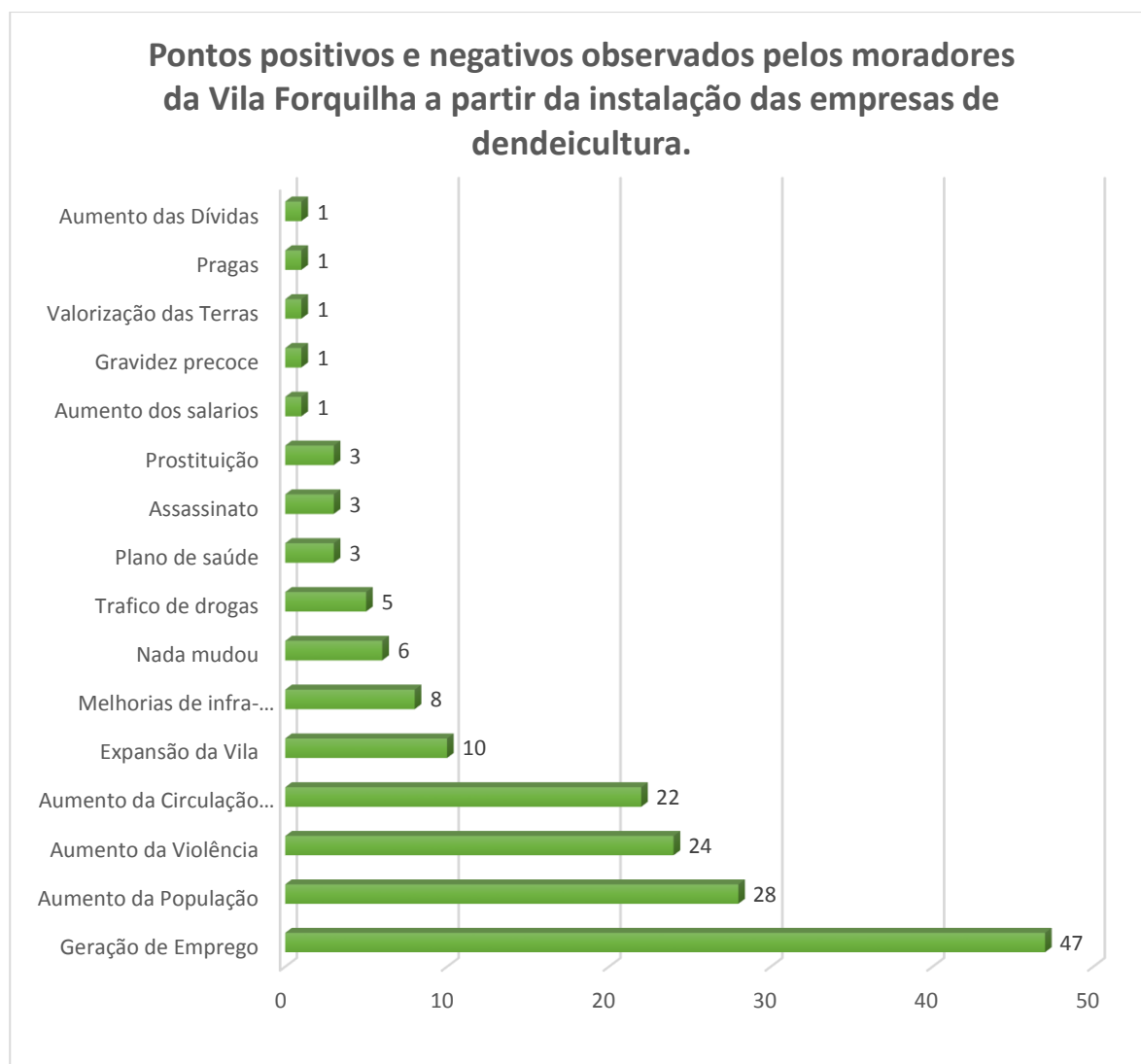


Fonte: GDEA, 2015.

Ao entrevistarmos moradores da vila, aplicamos 104 questionários buscando conhecer um pouco sobre seu perfil socioeconômico, além de suas opiniões a respeito da dinâmica social construída em torno da dendeicultura no lugar, eles elencaram algumas mudanças ocorridas a partir da instalação das empresas, transformações que mais foram visíveis. O gráfico 1 demonstra os aspectos destacados por eles, que vão desde positivas, negativas, às questões ambientais e sociais.

Como podemos observar os itens mais citados entre os entrevistados foi a geração de emprego ocasionado pela instalação da Biopalma e da Belém Bioenergia aos arredores da vila, dando oportunidade aos moradores de se “ficharem”, termo utilizado por eles ao conseguirem um emprego de carteira assinada. Esse foi o ponto que mais chamou a atenção dos moradores entrevistados, e mais se destacou como sendo uma mudança ocasionada pela instalação das empresas. O trabalho assalariado passando a predominar na lógica espacial do lugar, uma lógica nova que como veremos a seguir irá fomentar diversas transformações.

GRÁFICO 1- Pontos positivos e negativos observado pelos moradores da Vila Forquilha a partir da instalação das empresas de dendeicultura.⁴



Fonte: GDEA, 2015.

Outros aspectos destacados foram o aumento da população, da violência, da circulação de dinheiro e a expansão do lugar ocasionando algumas melhorias na infraestrutura. Esse movimento na dinâmica social e na configuração espacial foi observado pelos moradores, entretanto, alguns aspectos negativos também foram evidenciados como o aumento no tráfico

⁴ Observemos no gráfico 1 que alguns entrevistados disseram mais de uma opção, por esse motivo os dados totalizam 164 entrevistas.

de drogas, no número de assassinatos, de gravidez precoce, e na prostituição, fatos que se originam a partir do crescimento desordenado, pode ser constatado pelos moradores da vila.

Os policiais responsáveis por fazer diariamente a ronda na vila Forquilha nos relatam que hoje, vivem uma situação um pouco mais tranquila, com relação há alguns anos atrás. Assassinatos eram constantes na área, decorrentes de acertos de contas, roubos seguidos de morte, hoje o que mais se vê por lá é o tráfico de drogas, roubo de celulares, furtos, e brigas aos fins de semana em festas que acontecem nos bares.

Segundo eles, os indivíduos ao saírem do emprego na empresa, devido demissão, ou abandono de emprego, frequentemente gastar suas indenizações sem planejamento, e ao ficarem sem dinheiro partem para o mundo do crime, praticando o roubo, e às vezes até do tráfico de drogas. A vila Forquilha não possui um posto policial, tem apenas um ponto que serve de descanso aos policiais que fazem ronda, sem ter um posto fixo, a delegacia está localizada em Quatro bocas, a 14ª Companhia, lá são feitas as ocorrências.

Há aqueles que acreditam que nada mudou, e os que percebem um aumento salarial dos trabalhadores, aumento também nas dívidas adquiridas por eles, pois houve aumento no poder de compra destes, que não se planejam financeiramente e acabam se endividando. Assim como uma relevante valorização das terras, que foram vendidas as empresas de dendeicultura, que antes não eram tão valorizadas. Outros moradores destacaram a presença de pragas de animais peçonhentos em suas casas, insetos, que antes não eram vistos por lá. Além disso, foi visto como mudança positiva o fato dos trabalhadores das empresas possuírem como direito um plano de saúde, realidade nunca vivida por eles antes.

3.2. Fluxo imigratório.

Na Vila Forquilha o comércio ganhou uma nova dinâmica devida presença de imigrantes vindos de outros municípios e estados atraídos pelas atividades madeireiras, os plantios de pimenta do reino e a partir de agora a dendeicultura. Esse imigrante tem movimentado o setor de comércio e serviços da vila, sendo importantes na reprodução da vila, como podemos notar através da quantidade de pessoas empregadas nas empresas produtoras de dendê, que se utilizam dos serviços locais para satisfazerem suas necessidades, vestir, comer, morar, beber, dormir, lazer e etc.

Dessa maneira, podemos constatar um fluxo de pessoas e de capital, chegando na vila Forquilha atraídos pela dendeicultura. Os imigrantes têm o sonho de construir uma vida melhor, alguns chegam com capital inicial, proveniente de suas economias ou de venda de propriedades no seu lugar de origem. Esse capital impulsiona o imigrante a empreender no setor de serviços e comércio, ou mesmo na compra de seu terreno, de sua casa própria ou de seu investimento no comércio local. Outros chegam sem nada, apostando na possibilidade de se empregar no dendê. Além disso, a dendeicultura em si apresenta um capital giratório intenso, seja proveniente do setor privado ou estatal, que passa a ser inserido na vila através dos salários pagos a seus funcionários, ou quer seja pelo agricultor familiar associado a empresa.

Observamos as diversas origens desses moradores da vila, essa população chegou a Tomé-açu, em diferentes anos, vindos não só de municípios que compõem o nordeste paraense como também da mesorregião sudoeste paraense, que é o caso de Altamira, e da mesorregião do baixo Amazonas, no caso de Almeirim. Maranhão, Alagoas, Ceará, Piauí, Pernambuco, Sergipe e Espírito Santo estão entre os estados de origem desses moradores da vila.

Essa capacidade de atração de contingentes populacionais é inerente aos grandes projetos desenvolvidos na Amazônia, tal como a dendeicultura na microrregião de Tomé-açu, capaz de envolver pessoas de outras regiões do país, fazendo com que a nossa região se torne um ponto de atração e de disputas de mão de obra. Como ela consegue competir com demais oportunidades de empregos que possam existir em outros estados. O processo histórico de ocupação da Amazônia produz fluxos migratórios que foram em alguns casos bem sucedidos, muitos dos que vieram fugindo das secas do nordeste atrás de melhores condições de vida nas décadas de 1960 e 1970 ainda estão na região amazônica.

A disputa de mão de obra que se intensificou com a dendeicultura, se deu nos primeiros momentos quando as empresas ainda se estabeleciam aos arredores da vila Forquilha, oferecendo emprego com carteira assinada, um salário fixo mensal, fato que despertou a atenção de quem já vivia por lá e trabalhava nas fazendas de pimenta, atraiu os moradores da vila que sobreviviam de seus roçados, em suas unidades familiares, ocorrendo em alguns casos que os filhos maiores de idade saíram para trabalhar na empresa, deixando apenas o pai e mãe na unidade familiar. Uma busca por melhores condições de vida, algo que sempre foi almejado, mas que só agora surgia a oportunidade.

Houve ainda as famílias que venderam suas terras para a empresa, processo que ocorreu de maneira intensa provocando um êxodo rural. Algumas delas foram estabelecer-se no centro de Tomé-açu e/ou em Quatro Bocas, ocasionando com isso uma acentuada queda na mão de

obra nas atividades tradicionais da vila, que eram nas fazendas de pimenta, nas fazendas de gado, e nas empresas madeireiras.

Com a instalação da Belém Brasil Bioenergia (BBB) em Tomé-açu, e da Archer Daniels Midland (ADM), Agropalma e Palmasa nos municípios vizinhos aumentou a oferta de emprego aos trabalhadores, e como a maior parte dos cargos eram para mão de obra não especializada, para cuidar dos plantios iniciais, limpeza, e manutenção do dendê, atividades que a maioria dos moradores conhecia, pois tinham experiência no cuidado com a roça logo aceitaram a oferta. A notícia sobre a oferta de emprego se espalhou chegando aos municípios vizinhos, atraindo uma gama de pessoas, alguns vinham com suas famílias para estabelecer moradia, mas na maioria das vezes vinham sós.

Devida chegada desses imigrantes em busca de emprego nas empresas, houve uma queda na mão de obra que trabalhava com a pimenta, nas fazendas de gado, e nas madeireiras, que continuavam realizando suas atividades normalmente, mas que por não oferecer um emprego assalariado formal, com salário fixo como nas empresas de dendeicultura eram deixados de lado. O desejo de tornar-se um assalariado vigorou como sendo um sonho conquistado, por muitos jovens de baixa escolaridade, e que agora conseguiam ter um maior poder de compra, além de possuir seus direitos trabalhistas regularizados.

Como nem toda mão de obra vinda de fora do município pode ser absorvida nas empresas, ela voltou a atender as demais atividades realizadas em Tomé-açu, alcançando certo equilíbrio novamente. Com o aumento populacional vivido na Vila Forquilha, o setor de comércio e serviços cresce, também fazendo uso dessa mão de obra, crescendo o número de pessoas necessárias para trabalhar nos supermercados, nas lojas de material de construção e demais estabelecimentos comerciais.

O trabalho na dendeicultura impulsionou o comércio local, mas o processo ainda é recente, de 2009 até os dias atuais (2016), em sete anos o crescimento econômico local, até onde visualizamos, ainda não possibilitou que o trabalhador assalariado nas empresas se estabeleça enquanto um investidor no comércio local, pois a produção do dendê ainda está servindo, no caso do agricultor familiar para pagar seu empréstimo junto ao Pronaf-eco-dendê.

No caso do trabalhador assalariado imigrante, que veio sem capital e conseguiu empregar-se na empresa, ao se tornar assalariado obteve maior poder de compra, realizando investimentos como de compra ou reforma de sua casa, compra de terreno, moto, bens duráveis, eletrodomésticos, móveis, de maneira que lhe possibilitou maior crédito no setor comercial, abrir conta bancária, efetuar compras no crediário.

Podemos compreender que o processo migratório é instável, com altos e baixos, a cada projeto implantado difunde-se geração de emprego, ocorrendo esse deslocamento da população dos municípios vizinhos em busca de trabalho, pois este tem como característica voltar-se a um baixo grau de especialização, mão-de-obra barata, geralmente para atividades manuais, envolvendo o trabalho com a terra, corte e limpeza de terrenos, em alguns casos há contratações de motoristas, cozinheiras e mecânicos.

Esse atrativo é visto como uma saída ao homem que vive com sua família em situação muitas vezes precária, e sua unidade familiar não lhe proporciona mais o sustento básico para a reprodução do seu modo de vida, por esse motivo ele sai em busca de novas possibilidades, o sonho de ir para outro lugar e lá ser bem-sucedido é o que muitos guardam até hoje.

Para apreender a materialidade dessa imigração na dinâmica social da vila Forquilha, buscamos dados acerca dos anos de maior e menor fluxo migratório na vila e procuramos entender o porquê desses movimentos. Para isso, recorremos aos dados cadastrais do posto de saúde localizado na vila, lá foi possível ainda conversarmos com a enfermeira chefe do posto que nos informou trabalhar lá desde 2009, e observar o aumento significativo de pessoas na vila. Segundo ela isso se intensificou com a instalação das empresas produtoras de dendê.

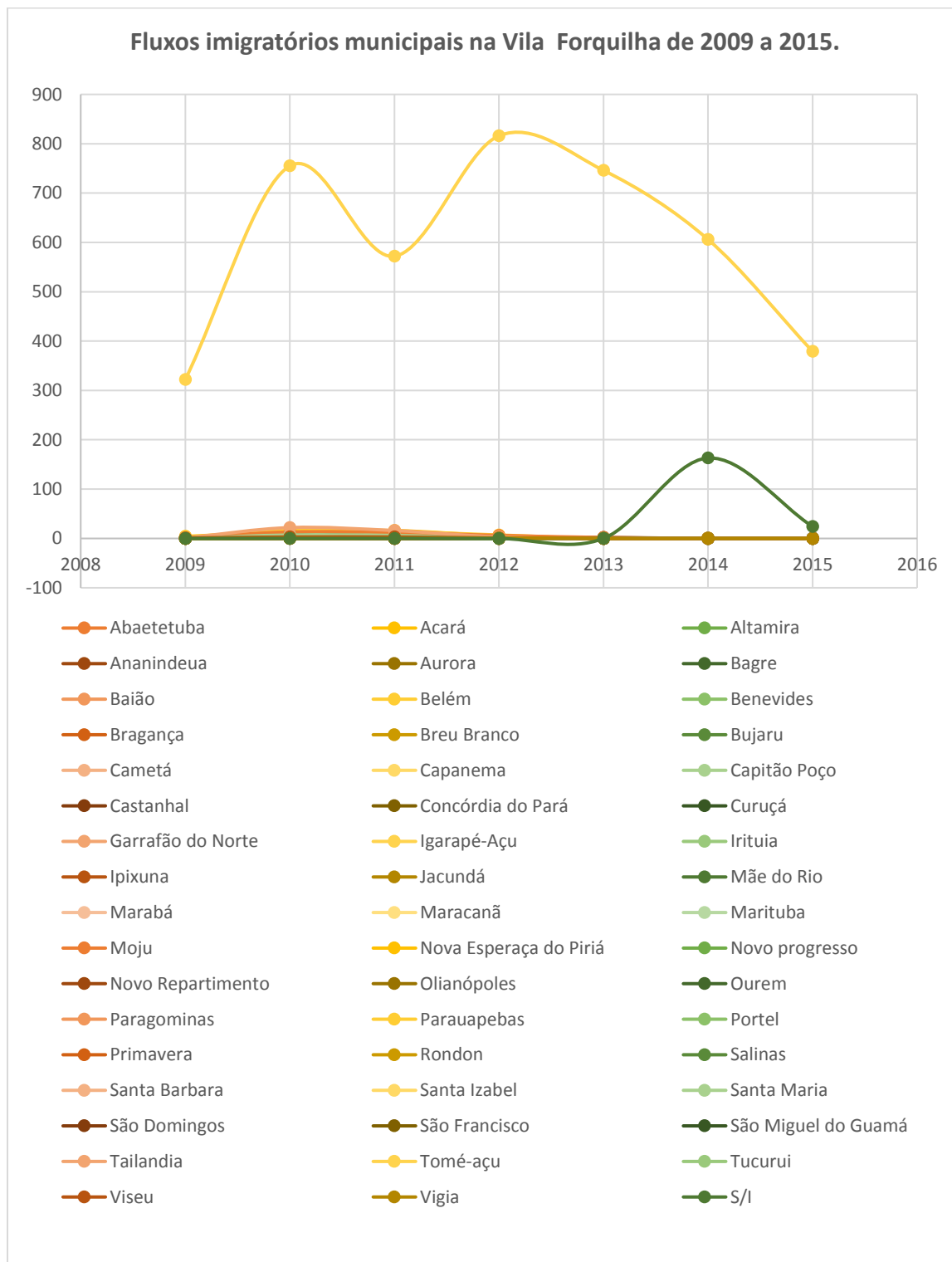
Dentre os prontuários analisados no arquivo do posto que estavam separados em blocos e por anos, analisamos dos anos de 2009 a meados de 2015, contendo em cada ano quantias diferenciadas, assim podemos observar o aumento no número de registros como nos foi informado pela enfermeira. Tendo como pontos mais elevados os anos de 2010 a 2012, que correspondem ao maior fluxo, isso se dá devido “boom da dendeicultura” no polo 1, período de maior expansão da cultura no estado, e na Vila Forquilha corresponde ao período de chegada da Biopalma.

Acreditamos que esse movimento imigratório deva ter se dado em toda a microrregião de Tomé-açu, que compreende os municípios de Tomé-açu, Acará, Moju, Tailândia e Concórdia do Pará, já que estes foram os principais municípios escolhidos para o desenvolvimento do dendê, e onde as demais empresas produtoras se instalaram. No gráfico 2 demonstramos os dados levantados nos cadastros analisados, que mostram os fluxos de imigração a nível municipal, podemos observar uma grande elevação no eixo de cor laranja que representa o município de Tomé-açu, mostrando que maior parte dos quase 5 mil cadastros analisados junto ao posto de saúde, de 2009 até 2015 se deslocaram em direção a vila.

Assim, observamos que dos 842 cadastros analisados no ano de 2012 cerca de 816 são de pessoas nascidas em Tomé-açu, e que estavam agora na vila Forquilha. Encontramos uma

extensa variedade de municípios, como podemos ver na legenda do gráfico, foram 51 municípios citados, tendo maior destaque, Tailândia, Acará, Belém e Moju.

GRÁFICO 2- Fluxo imigratórios municipais em direção a Vila Forquilha.

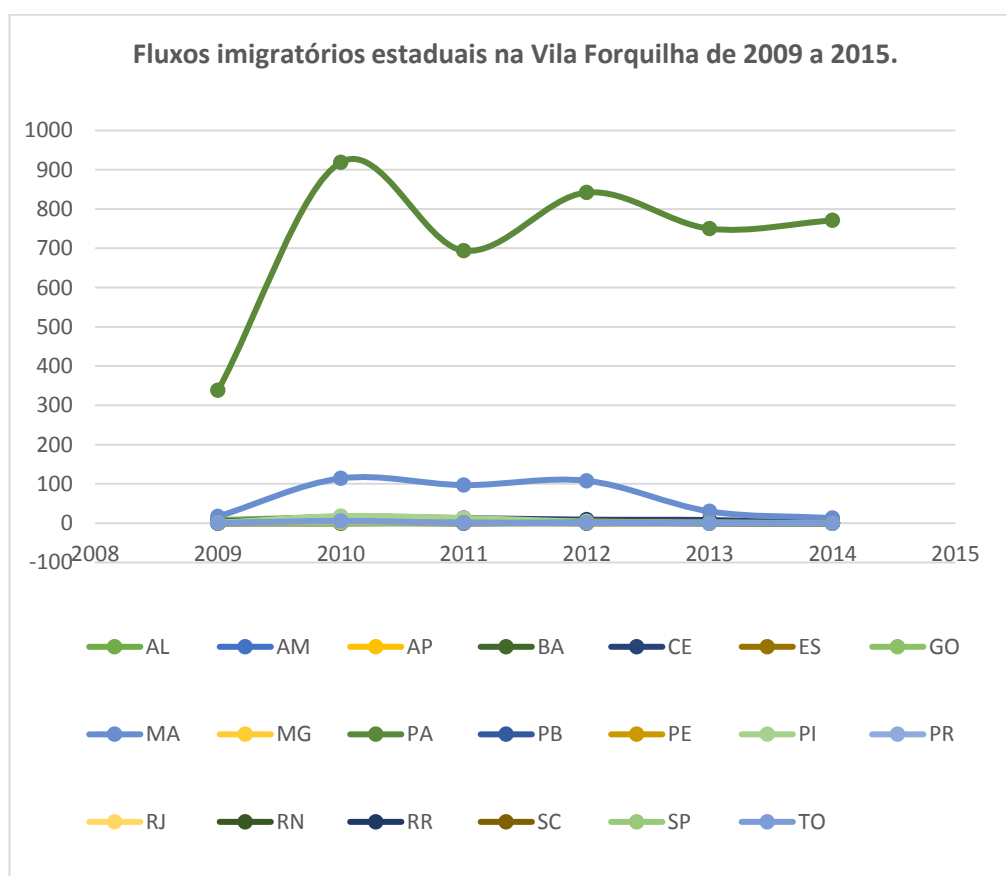


Fonte: GDEA, 2015.

Isso significa que durante esses anos a vila recebeu pessoas de diversos municípios do estado. Notemos que nos anos de 2014 e 2015 temos uma queda, que pode ser explicada pelo fato das empresas terem equilibrado seus quadros de funcionários não contratando mais um número tão elevado de pessoas, porque a vila Forquilha deixou de ser tão atrativa, por ter passado a apresentar um aumento populacional e assim, precariedade nos seus serviços. Ou ainda, que outras empresas tenham se fixado nos municípios vizinhos e assim atraído outra leva de trabalhadores para lá.

Da mesma maneira observamos no gráfico 3 os fluxos imigratórios só que agora por estado, dentre os cadastros analisados o número de pessoas nascidas no estado do Pará é visível no eixo de cor verde, que chega a atingir em 2010, cerca de 919 cadastrados, dentre os 1108 cadastros levantados para aquele ano, e 114 vindos do estado do Maranhão, como sendo o ano que mais maranhenses se cadastram no posto de saúde, dentre os anos analisados. Dos estados citados, encontramos uma variedade de 20 estados, sendo Piauí, Ceará, Alagoas e Bahia, os mais mencionados.

GRÁFICO 3- Fluxo imigratório em direção a Vila Forquilha.



Fonte: GDEA, 2015.

Alguns pontos precisam ser destacados aqui, para nos ajudar a não cometer enganos quanto a interpretação dos dados e análises feitas até aqui. Compreendemos que o fato dos moradores da vila Forquilha informarem em seus cadastros no posto de saúde sua naturalidade, seus municípios e estados de origem, não significa que essas pessoas tenham vindo exatamente de lá, em direção a vila, propriamente.

Sabemos que existiram casos aonde as famílias vieram, em outros que indivíduos sozinhos chegaram na vila e já constituíram família que agora residem lá, e assim fazem uso do posto de saúde, como foi possível ouvir de vários moradores. Porém, como já dissemos anteriormente, esses fluxos migratórios são constantes, devido as diversas oportunidades que surgem nos lugares. Pode ser que tais pessoas mesmo nascendo em determinado município, já tenha vindo de outro, ou podendo até mesmo, apenas ter ficado por pouco tempo na vila.

Outra informação importante é que as fichas cadastrais analisadas, entre os anos de 2009 e 2015 durante o tempo mudaram seu formato e os dados exigidos, e em sua maioria não apresentam todos os elementos solicitados, muitas informações ficam em branco. Entretanto, sabemos que maior parte das pessoas que procuram atendimento médico no posto são mulheres, crianças e idosos, quase sempre gestantes, crianças recém-nascidas para tomar vacinas, pois o posto atende apenas consultas de rotina, não atendendo casos mais graves. Ou seja, esse cadastro nos revela que a dinâmica imigratória vivida na vila Forquilha, entre os anos de 2009 a 2015 foi muito mais intensa do que os dados mostram.

Notemos que a vila se traduz no lugar do encontro, como lembra Nahum e Santos (2015), pois é lá que se encontram em um primeiro momento os imigrantes, vindos dos mais diversos municípios e estados, cada um com suas tradições de seus lugares de origem. O dandê que também vem de muito longe, trazido pela Biopalma inicialmente que tem seus caminhos abertos por inúmeras políticas públicas. Todos esses encontros transformam a vila Forquilha no que ela é heterogênea, complexa e ativa.

3.3. Traços do circuito espacial inferior na Vila Forquilha.

Em relação ao comércio local identificamos três lojas de material de construção, três de móveis e eletrodomésticos, cinco lojas de roupa e calçados, três restaurantes, seguidas de duas oficinas mecânicas, duas lojas de informática, duas farmácias, casa lotérica, salão de beleza e posto de gasolina, estes são alguns dos estabelecimentos dispostos na avenida principal, isso demonstra o grande boom vivido pelo lugar.

A chegada de mão de obra passa a ser incorporada ao trabalho, aquecendo o setor de compra e venda de imóveis, assim como o de alugueis, uma grande demanda de kitnets vem sendo construída a fim de receber essa mão-de-obra que chega na vila Forquilha. Isso se reflete na abertura de tais lojas de material de construção, que irão atender a essa demanda local.

Assim surge a necessidade de se comprar eletrodomésticos, móveis a fim de mobiliar as novas residências, da mesma maneira esse movimento impacta o consumo, estimulando a abertura de mais lojas de roupa, calçado, acessórios, bem como franquias de venda de motos, celulares. Vemos que agora a vila passa a oferecer serviços que antes só eram possíveis ser acessados em Quatro Bocas ou no centro de Tomé-açu.

Essa expansão no setor de comércio e serviços fez com que o fluxo ao distrito de Quatro Bocas diminuísse, o que também influencia e resulta no fato de que o dinheiro pertencente a população da vila Forquilha, grande parte fica agora na vila mesmo, é injetado no comércio local. O que gera cada vez mais um crescimento, ocasionando pela oferta e especialização dos serviços. Além de trazer maior comodidade aos moradores do lugar que não precisam mais se deslocar.

Observamos que o trabalho na dendeicultura tem um papel importante na economia local, bem como a dependência que o lugar tem da empresa é um fato preocupante, o que nos leva a questionar se a vila manteria tal dinâmica caso a empresa fechasse? O comércio conseguiria absorver a mão-de-obra que atualmente é sustentada pelas empresas? O que aconteceria com esses trabalhadores? O setor de comércio e serviços conseguiria manter sua clientela consumindo a ponto de manter seus estabelecimentos funcionando?

Como podemos observar na imagem 9, a rua Francisco Luís, avenida principal no comércio da vila Forquilha, podemos notar alguns estabelecimentos comerciais, entre eles o supermercado “Meio Preço”, o de maior referência na vila, e o “Giro Motos”, que oferece serviços de manutenção de motos e a venda de acessórios. Além disso, temos a presença de um ônibus da empresa Biopalma, que faz o transporte dos trabalhadores, das áreas de plantio da

empresa até as vilas ao redor. Na vila Forquilha não há um sistema de transporte público que transite pelas ruas, há apenas duas linhas, uma da empresa Calimã e outra da Boa Esperança que passam pela vila uma ou duas vezes por dia. Contudo o transporte alternativo se faz presente, mesmo não sendo legalizado transporta os moradores até Quatro Bocas e o centro de Tomé-açu.

IMAGEM 9- Principal via comercial.



Fonte: GDEA, 2015.

Os três supermercados na mesma avenida indicam a quantidade de pessoas que moram na vila e consomem os seus produtos, pois em um primeiro momento não se compreende como todos eles conseguem se manter em atividade, devido à concorrência, mas ao caminhar entre ruas da vila, nos deparamos com a quantidade de ruas que foram se desenhando na vila, e assim podemos ter a dimensão da quantidade de pessoas que vivem lá.

Na imagem 10 apresentamos um croqui da Vila Forquilha, que nos possibilita compreender sua espacialização no ano de 2010, tendo alguns pontos de localização como a feira do agricultor, onde foi possível constatar poucos agricultores vendendo seus produtos, a igreja Assembleia de Deus, e a torre de telefonia.

A representação da vila demonstra o início de sua expansão por ser tratar do ano de 2010, como dissemos um ano após a instalação da Biopalma. Atualmente o número de moradias aumentou, mas o crescimento se dá de maneira desordenada. A imagem 11, temos a presença de um dormitório, localizado na via principal da vila, que funciona como um hotel. Atende geralmente as pessoas que estão de passagem e precisam ficar por poucos dias, quase sempre vendedores, representantes de empresas que vão até lá vender seus produtos. Possuindo mais de 15 quartos com suítes, e oferecendo serviço de café da manhã, o dormitório funciona a preço popular.

IMAGEM 11- A presença de um hotel e dormitório na Vila Forquilha.



Fonte: GDEA, 2015.

Durante o levantamento de dados em trabalho de campo foi possível compreender um pouco mais sobre o crescimento do comércio local, descobrimos que a maioria destes estabelecimentos comerciais surgiram entre os anos de 2012 e 2013, período em que segundo nossos dados sobre imigração, houve uma intensa chegada de pessoas e de capital na vila Forquilha.

Em campo levantamos informações a respeito do ano de abertura dos estabelecimentos comerciais localizados na rua principal e como podemos observar os anos de 2010, 2012, e 2013 demonstram maior quantidade de estabelecimentos sendo inaugurados, correspondendo

aos anos de maior boom no crescimento da vila, como podemos visualizar na tabela 2. Consideremos a alta rotatividade existente no setor de comércio, pois em um ano, fecham e abrem vários estabelecimentos, do mesmo modo que trocam de lugar, alugando outros pontos comerciais na via principal, isso também impulsiona tal mobilidade já que quanto mais bem localizado o ponto, melhor para o comércio.

TABELA 1- Ano de abertura de alguns estabelecimentos comerciais na Vila Forquilha.

ANO	2000	2005	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Material de Construção	1		1		1					
Móveis e Eletrodomésticos							1	1	1	
Calçados e Roupas							3	1		1
Restaurantes		2				1				
Supermercado			1		1					
Oficina de Moto			1		1			1		
Informática				1				1		
Posto de Gasolina					1					
Distribuidora de Bebidas					1					
Loja Agrícola							1			1
Farmácia	1	1								
Loja de Variedade				1						

Fonte: GDEA, 2015.

A ideia de circuito inferior da economia urbana, proposto por Santos (2004), nos auxilia na interpretação do comércio local da vila Forquilha. Ele o caracteriza como sendo composto por atividades de pequena dimensão, que fazem uso da mão de obra intensiva, que se movimenta com pouco capital, e mesmo assim consegue se reinventar tendo sua própria dinâmica, isso é reflexo da necessidade de se encontrar maneiras de reprodução da existência, mesmo que com trabalhos pouco remunerados.

O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia de “capital intensivo”, enquanto no circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo” e frequentemente local ou localmente adaptado ou recriada. Os dois subsistemas urbanos são

formas de produzir, distribuir, comercializar e consumir que geram materialidades distintas, visíveis na paisagem urbana.

Santos (2004) afirma que os dois circuitos não são dois sistemas isolados e impermeáveis entre si, mas ao contrário estão em interação permanente. De um lado, a própria existência de uma classe impede de se falar em circuitos fechados. Seu consumo dirige-se a um ou outro circuito com frequências variáveis. De outro lado, o funcionamento de cada circuito compreende uma articulação interna ou horizontal, com diferentes graus de integração, e uma articulação vertical que se realiza pela comunicação entre atividades dos dois circuitos.

Mesmo a vila Forquilha sendo compreendida em um primeiro olhar como um núcleo rural, apresenta um circuito econômico que muito se assemelha ao de um bairro urbano periférico, como já dissemos, e sua economia dialoga diretamente entre os setores de indústria, agricultura, comércio e serviços. Que se reinventam localmente, recebendo influências exteriores ao lugar, dialogando com o circuito superior, fazendo com que existam relações entre eles, e nesse processo as oportunidades se recriam, oferecidas pelo mercado, e pelo território como um todo.

Em relação ao discurso de melhoria econômica das famílias associadas aos projetos de parceria com as empresas, podemos dizer, de acordo com a o sindicato dos trabalhadores rurais, que o maior poder de compra das famílias não se dá devido seu processo de integração aos projetos de produção de óleo de palma, e sim a dedicação das famílias em parceria ao sindicato dos trabalhadores rurais, que se organizou e as incentivou a implantar o Financiamento do Norte (FNO) para algumas culturas, após conquistar melhoras as famílias e o sindicato procuraram associar-se ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Família (PRONAF) para produzirem dendê.

Dessa forma, podemos notar que o posicionamento do sindicato é de não apontar o projeto de agricultura familiar do dendê como um gerador de benefícios as famílias associadas. Para o sindicato as comunidades e vilas que se organizaram e souberam administrar melhor seus financiamentos e conseguiram focar suas forças e trabalhar, com a ajuda de Deus obtiveram melhorias, do contrário as que não obtiveram melhorias foram porque não se empenharam para isso.

A participação do trabalhador rural no sindicato, a partir de 2010 quando surgiram os primeiros contratos de parceria entre os agricultores familiares e as empresas, ocorreu uma queda nas filiações ao sindicato, muitas famílias foram embora de suas comunidades, venderam suas terras as empresas dendeicultoras e agora retornaram, encontrando outras formas de

reconstruir suas vidas aqui novamente. Voltaram acreditando mais no sindicato devido o enfrentamento ocorrido contra as vendas de terras no processo de chegada das empresas.

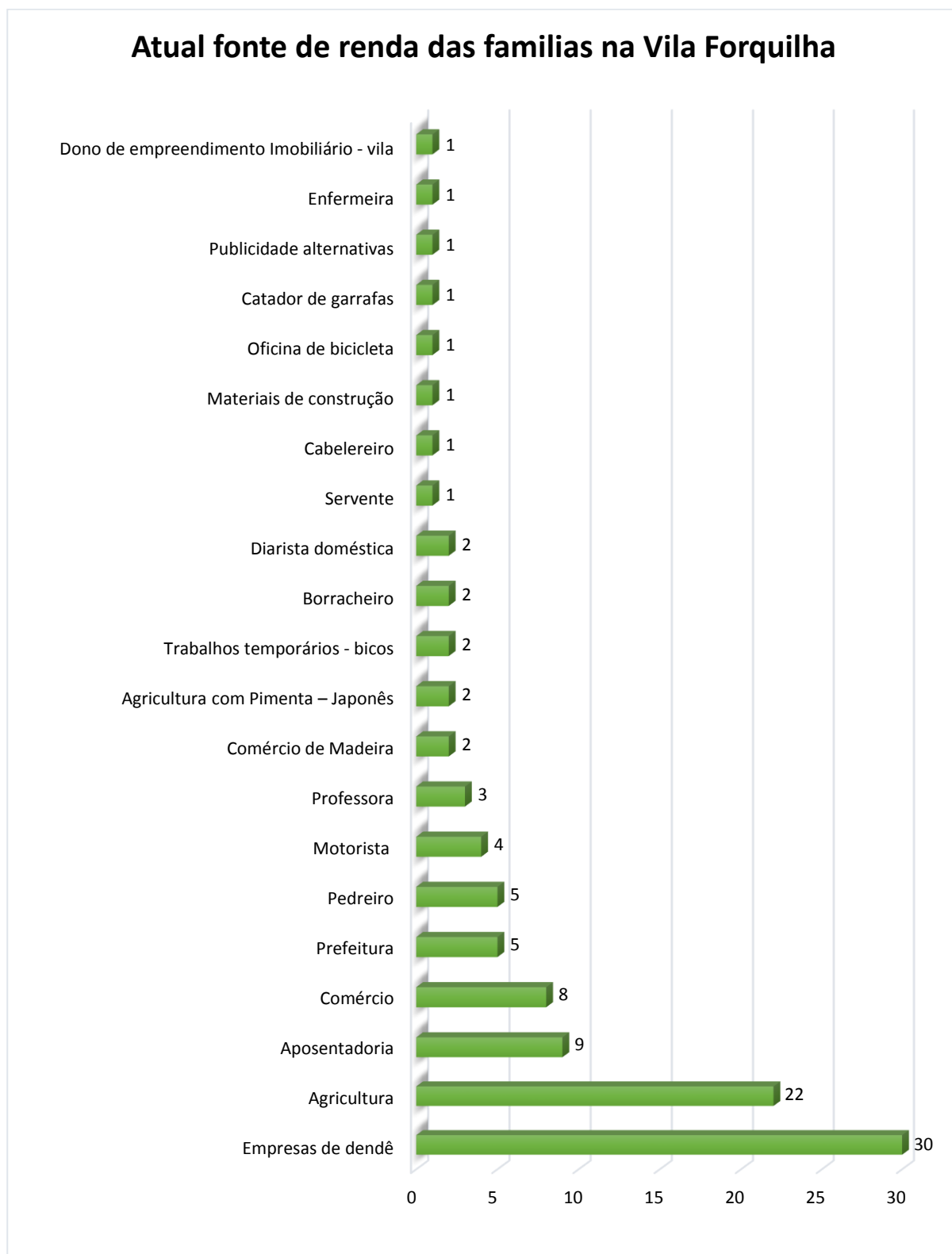
Vive-se um novo momento em Tomé-açu, pois agora as comunidades passaram a acreditar mais no poder do sindicato, se conscientizaram que o movimento se faz conjuntamente, e passaram a associar-se ainda mais. Tendo hoje uma faixa de 2500 sócios que contribuem regularmente, sendo 800 provenientes da Biopalma, que são assalariados e contribuem com o sindicato.

Ao final da década de 1990, o sindicato tinha mais força, chegando a possuir cerca de 3 mil sócios efetivos, só através da agricultura familiar, porém, a maioria dessas famílias foram assediadas a vender suas terras, e ir embora do município, indo algumas para a cidade, outros municípios vizinhos morar com seus parentes. Houve casos de famílias que abandonaram suas terras, por não terem condições de ficar.

Atualmente o sindicato é formado, em sua maioria, por associados do sexo feminino. As mulheres que sempre tiveram um papel importante em suas famílias hoje estão tendo acesso ao salário maternidade, o que tem complementado a renda, aumentando assim a participação delas no sindicato, nas reuniões, pois foi através do sindicato que tal benefício chegou até elas. Uma vez que as famílias são compostas em sua maioria por mais de um filho, em média três filhos, assim o sindicato acompanha as famílias, as envolvendo de maneira que ela continue sempre participando de suas atividades e tomadas de decisão.

Com o intuito de descobrir qual a atividade era a principal geradora de renda das famílias da vila Forquilha, coletamos dados através da aplicação de questionário, sobre “Qual a principal fonte de renda da sua família atualmente?” para verificar o alcance do trabalho assalariado na Biopalma, e mais do que isso, construir um quadro relativo as formas de emprego e renda encontrados no lugar. Enteder quais as outras fontes de renda movimentam a economia da vila, dando vida ao seu circuito inferior da economia, como podemos observar no gráfico 4.

GRÁFICO 4- Atual fonte de renda das famílias na Vila Forquilha.

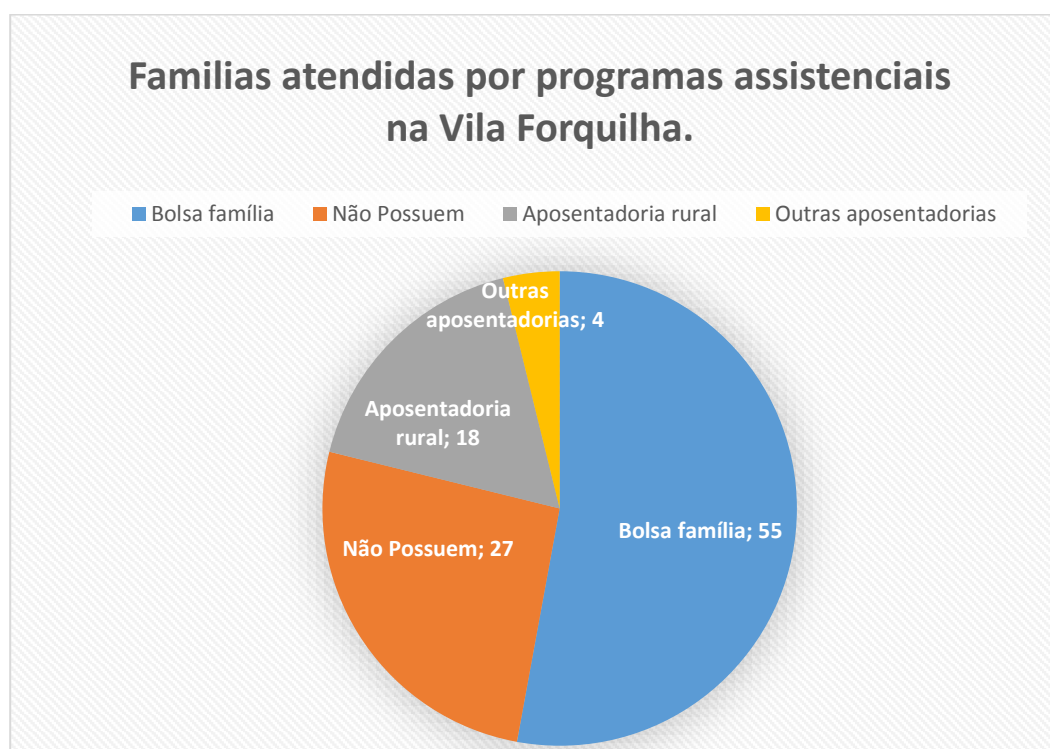


Fonte: GDEA, 2015.

Podemos verificar que o trabalho nas empresas de dendê e o trabalho na agricultura são as principais fontes de renda das famílias entrevistadas. Seguido da aposentadoria e das atividades no comércio local, esse é o movimento atual do trabalho a vila Forquilha, e as demais profissões referem-se a serviços autônomos como moto-taxi, costureira, catador de garrafas, diaristas, ocupações e trabalhos temporários.

Entretanto, sabemos da importante contribuição dos programas assistências na composição da renda das famílias na vila e de como eles vivificam a dinâmica econômica dos lugares, contribuindo para o aumento no poder de compra dos indivíduos. Pode ser observado entre as pessoas entrevistadas que o bolsa família, e a aposentadoria rural são presentes em maior parte das residências, como podemos observar no gráfico 5, esse processo acentua as relações mercantis na vila, dinamizando o comércio local.

GRÁFICO 5- Famílias atendidas por programas assistenciais.



Fonte: GDEA, 2014.

Dessa forma, vemos que são diversas as fontes de renda que se relacionam na vila Forquilha, e que as famílias buscam complementar suas rendas com serviços autônomos, mas que a o trabalho nas empresas de dendeicultura, sejam diretamente na Biopalma ou nas terceirizadas como veremos a seguir, tem um grande peso na dinâmica do lugar, assim como o programa bolsa família e as aposentadorias.

A entrada de outras rendas provenientes de programas assistências, convivendo juntos nessa dinâmica social com a agricultura, pecuária, extrativismo, agroindústria, comércio e serviços ressignificam o lugar. A presença dos salários, renda, capital e benefícios é resultado das metamorfoses ocorridas na vila.

O estabelecimento das ações do Estado, de instituições privadas e do mercado podem ser vistas atuando entre os diversos atores que compõem a vila, com a presença de camponeses, agricultores familiares, empresários, assalariados rurais conglomerados nacionais e internacionais, moradores rurais, inauguram o rural, como sendo a soma dessas múltiplas relações.

3.4. Metamorfoses ocorridas no trabalho na Vila Forquilha.

Antes da instalação da dendeicultura os moradores da Vila Forquilha viviam de acordo com a dinâmica social do lugar, em suas pequenas propriedades, contendo uma forte ligação com a terra, pois ela era o único meio que possuíam para a reprodução de sua vida. Em suas unidades familiares viviam a partir da agricultura, extração, criação de animais, essas atividades eram um meio, que objetivava suprir suas necessidades, eles sempre se dedicaram também, dadas as devidas proporções a atividades paralelas como o comércio, artesanato e ao trabalho em outras propriedades, no cultivo da pimenta do reino, cacau, arroz.

Após garantir a alimentação de sua família, alguns produtos eram comercializados na cidade, neste caso em Tomé-açu ou em Quatro Bocas, e o dinheiro adquirido era também usado em favor da reprodução do seu modo de vida, neste caso, da unidade familiar inteira. O dinheiro naquele momento, ainda não era o principal mediador das relações sociais, pois a maioria das coisas necessárias a sua sobrevivência não vinham dele, e sim da terra em que viviam, de suas próprias mãos.

Do trabalho na unidade produtiva familiar resultava um circuito da produção e circulação da qual produzia. Isso muda com a chegada das empresas de dendeicultura na vila

Forquilha. A diversidade de culturas cultivadas, era um fator chave para se obter êxito na unidade familiar, pois os cultivos se intercalavam, construindo assim um calendário agrícola que lhes garantia a produção o ano inteiro. Além de sempre poder contar com a coleta de frutos e com a criação de animais. Essa multiplicidade de ações se transforma em virtude do trabalho rural individual, o que propicia que o camponês possa adentrar novos campos de trabalho, conforme suas necessidades, e determinações sociais que se apresentam ao seu lugar.

Esse movimento desencadeia uma série de transformações positivas e negativas a vila, que antes tinha seu modo de vida girando em torno da forma de trabalho que possuíam, na maneira com que se utilizavam da terra na unidade familiar. A produção acontecia respondendo as necessidades locais, de uma agricultura voltada a sua reprodução e ao comércio local, as regras locais, as necessidades das famílias que ali moravam. Isso também se transforma com a chegada da dendeicultura. O trabalho passa a atender demandas de fora da Vila Forquilha, pois o óleo de palma não é uma necessidade dos moradores da vila, e talvez não seja nem do município ou do Estado. Já que maior parte da sua produção é voltada à exportação para fora do país.

Falar das metamorfoses ocorridas no trabalho rural nos leva a pensar que estas fazem parte de um conjunto maior de mudanças, que acontecem nos eixos econômicos, políticos, sociais e culturais, e que estão inseridos no cotidiano dos moradores da vila e constituem seu modo de vida, moldando suas práticas existenciais, através do habitat, consumo, habitação e deslocamentos diários.

Temos assim, o dendê como um agente de destaque na economia, pois possibilitou o emergir de uma nova fonte de renda, apresentando aos moradores da vila oportunidade de emprego, metamorfoseando o trabalho no lugar, entretanto, isso trouxe mudanças que se desencadeiam e recaem sobre a vida dos indivíduos que lá habitam.

Desse modo, podemos afirmar que a vila Forquilha antes da instalação das empresas de dendeicultura viviam relações de produção camponesa, como foi possível caracterizar no capítulo 1, de maneira que essa realidade se transformou após o nascimento do evento, metamorfoseando o trabalho na vila, fazendo com que emergissem três novas formas de trabalho, como podemos observar no fluxograma 1.

FLUXOGRAMA 1- Representação das metamorfoses do trabalho.



Fonte: Organizado pela autora.

Essas três formas serão caracterizadas a seguir, para compreendermos como elas se estabeleceram, transformando a dinâmica social e a configuração espacial do lugar. Trataremos aqui do trabalho assalariado, oferecido pelas empresas Biopalma e Galp, além das terceirizadas que surgem a fim de levantar um exército de mão de obra e assim prestar serviço as empresas. Da mesma forma no setor de comércio e serviços na vila que se colocam nessa lógica do assalariamento, da individualização do trabalho, desencadeando a lógica do capital industrial.

3.4.1- O trabalho assalariado

Entendemos assim como Antunes (2004) que o trabalho é a fonte de toda riqueza, mais do que isso, ele é a condição básica e fundamental de toda a existência humana. A partir dele em suas realizações cotidianas que o ser social se diferencia de todas as formas pré-humanas. O trabalho começa com a criação de instrumentos, para a caça, a pesca, até mesmo armas. O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, o qual ele se defronta com a matéria natural como uma força natural, assim, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, ou seja, seus braços, pernas, cabeça e mão, objetivando apropriar-se da matéria natural de maneira útil a sua própria vida. Ao realizar tal movimento sobre a natureza externa a ele, a ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo sua própria natureza.

Quanto ao meio de trabalho, entendemos por ser uma coisa, ou mesmo um conjunto de coisas que o trabalhador coloca entre ele mesmo e seu objeto de trabalho idealizado, que lhe serve como condutor de sua atividade até que esta se concretize gerando o objeto. A própria terra é um meio de trabalho, que implica servir como meio de trabalho para a agricultura. Trataremos aqui da força de trabalho, que nesse caso irá ser utilizada como assalariada.

O que é vendido todos os dias pelo “operário” é o seu trabalho, porém, na verdade ele vende a sua força de trabalho, onde é cedido ao capitalista o direito de dispor dela. Assim como qualquer mercadoria, calcula-se o seu valor a partir da quantidade de trabalho necessária para sua produção. Dessa forma, temos que a força de trabalho de um homem consiste em que ele consiga se manter vivo, consumindo as quantidades necessárias à sua subsistência. Além disso, este homem precisa manter sua família, para que em determinado momento estes possam também vender sua força de trabalho.

No caso do trabalho assalariado o valor passa a ser fixado como de qualquer outra mercadoria, entretanto, cada tipo de força de trabalho tem seu valor diferente, pois exigem a sua produção desiguais quantidades de trabalho, e por isso precisam ter distintos preços no mercado de trabalho. Assim compreendemos que o trabalho assalariado seria a troca existente entre a força de trabalho pelo salário, o momento em que a força de trabalho ganha um preço e passa a ser uma mercadoria, como outra qualquer.

A partir de 2009, quando entra em funcionamento a Biopalma, o movimento de imigração para a vila Forquilha é intenso igualmente o processo de absolvição dessa mão-de-obra. É errôneo pensar que o trabalho assalariado só surge na vila com a presença das empresas, por isso, faz-se necessário evidenciarmos aqui que estamos tratando exatamente do trabalho assalariado com todos os seus encargos legais, como ocorre na empresa.

Acreditamos que parte da mão-de-obra que antes trabalhava no setor produtivo, foi incorporado ao trabalho assalariado na Biopalma, e parte no setor de comércio e serviços. Estes eram pequenos proprietários, agricultores, trabalhadores que prestavam serviços nas fazendas vizinhas, pois algumas dessas fazendas tiveram suas terras vendidas para a empresa, por desejo próprio de seu proprietário de integrar-se ao trabalho assalariado, acreditando assim ter uma maior estabilidade financeira.

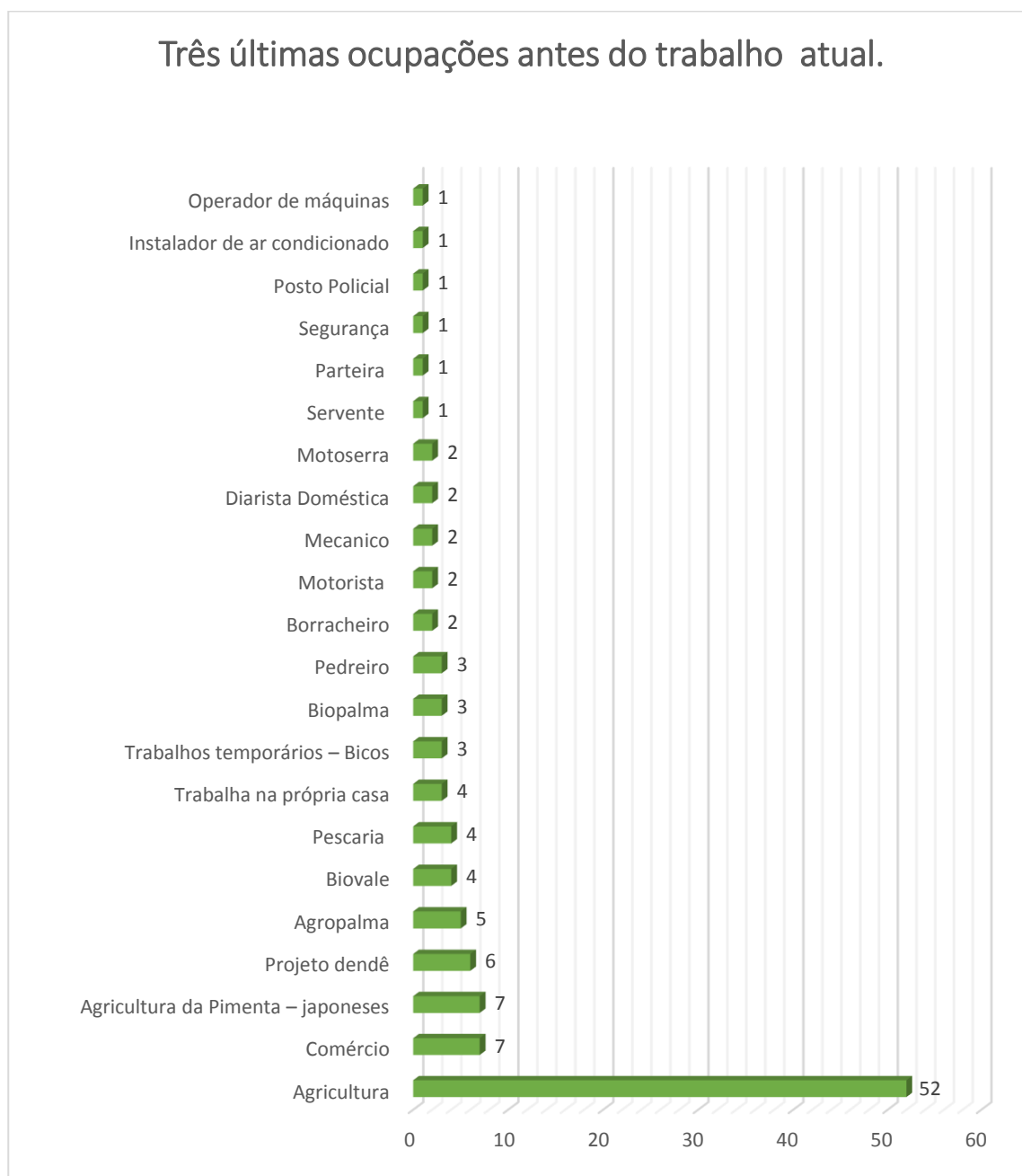
O setor de comércio e serviços também incorporou essa massa que trabalhava do setor produtivo, fazendeiros que ao vender suas terras, quer seja para a Biopalma, ou não, viram no crescimento populacional da vila a possibilidade de investir em outros setores, abrindo assim um estabelecimento comercial, supermercados, oficinas, salão de beleza.

Evidenciamos também que dentre os imigrantes não vieram apenas os interessados em obter trabalho na empresa, mas junto com ele vieram pessoas que já possuíam experiência no setor comercial e que viram no lugar a oportunidade de crescer como empreendedor e tinham recurso para isso. Ainda há aqueles que vieram com sua família, onde o pai e o filho integraram-se a empresa, a mãe e os demais filhos abriram um comércio, lanchonete e/ou ponto de venda de açaí.

Constatamos assim determinada diminuição do trabalho produtivo, dada suas devidas proporções ainda podemos encontrar fazendas de pimenta, extração de madeira, agricultura familiar, nos arredores da vila Forquilha, porém, esta não sendo mais a principal atividade exercida na lá, como antes. Ainda existem famílias que tem seu sustento advindo da pimenta do reino, que também oferece emprego aos moradores, pois se trata de uma metamorfose que não homogeneizou o lugar, mas o ressignificou.

Como uma forma de evidenciar o movimento de diminuição do trabalho produtivo, fomos em buscar no histórico dos moradores da vila, quanto aos seus antigos empregos, ao aplicarmos os questionários lhes perguntamos quais foram seus três empregos anteriores, para assim termos ideia de como se deu essa transição. Das opções respondidas por eles, a que mais se repetiu foi o trabalho na agricultura como podemos observar no gráfico 6.

GRÁFICO 6- As três últimas ocupações antes da atual.



Fonte: GDEA, 2015.

Ao fato da agricultura ter sido a opção mais citada entre os entrevistados, acreditamos que isso se traduza na transição que evidenciamos neste tópico, que é a saída das relações camponesas em direção ao trabalho assalariado. Essa transição se dá por vários motivos, um deles foi a venda de suas terras que ao serem assediadas pelas empresas, logo venderam, resistindo no lugar apenas com suas residências. Outro motivo é o fato do trabalho assalariado

ser tão atrativo que os jovens e adultos passam a preferi-lo, ao invés de continuar exercendo a profissão de seus pais no roçado nas unidades familiares que restaram.

O que evidenciamos aqui é a chegada dessa lógica capitalista, relação de trabalho assalariado do capital industrial, onde o indivíduo vende sua força de trabalho como uma mercadoria, nesse caso, a empresa Biopalma, inaugurando novas relações de trabalho na vila, que irão fazer a lógica do dinheiro ganhar novo sentido aquelas pessoas. Pois esta será para as famílias que não possuem terra, e aos imigrantes a única forma de obter recursos a fim de reproduzir seu modo de vida, onde a força de trabalho do indivíduo passa a ser seu principal e único meio.

Vemos que dessa forma, o trabalho se “desmembra”, o que antes era função da “unidade familiar”, pai, mãe, filhos, avó, avô, torna-se agora individual. O trabalho no roçado era função da família, exercido coletivamente, assim como as demais atividades, criação de animais, coleta de frutos e a caça. O trabalho então sai da esfera da unidade familiar, antes usada, e se desmembra, para integrar-se a mão de obra não familiar.

Podemos nos perguntar, mas mesmo nos Sistemas Agroflorestais (SAFs), ou na pimenta-do-reino, as famílias já usavam mão-de-obra de fora da família? Sim, de acordo com entrevistas realizadas com os agricultores familiares, nos foi afirmado por eles que já se utilizavam de mão-de-obra de fora para a colheita da pimenta do reino, esta que é feita uma vez no ano, processo completamente manual, utilizavam da contratação de pessoas para a colheita, secagem e estocagem da pimenta. Porém, essa contratação se dava não como uma forma exploratória a qual é reproduzida pelo capitalismo, pois a sua força de trabalho não havia se tornado mercadoria.

O pagamento se dava através da produção, de acordo com a quantidade colhida, e assim a família cuidava das demais culturas, roçados, criação de animais, afazeres da casa. Hoje, com a dendeicultura essa absorção de mão de obra de fora se intensifica, visto que a entrada do dendê na agricultura familiar tornou o trabalho mais difícil e penoso, visto que essa colheita se dá quase que mensalmente. A aquisição dessa mão de obra se torna, em alguns casos, essencial para o bom cultivo do dendê, manutenção, limpeza, corte, colheita dos cachos, já que são 10 hectares de dendê para cada projeto cerca de 1430 plantas.

Segundo o Instituto de Observação Social (2013), a jornada de trabalho dos assalariados rurais, entre os que são funcionários diretos e os de terceirizadas no campo é cerca de 44 horas semanais, 8 horas/dia, de segunda a sexta e 4 horas no sábado, com intervalo de 1 hora para o almoço. Porém, algumas diferenciações existem quanto aos horários de trabalho por empresas,

na Biopalma os funcionários trabalham de segunda a sexta de 6h às 15h45, sendo que o almoço ocorre das 11h00 às 12h00, no sábado de 6h às 10h. Nas áreas de plantio da Belém Bioenergia, os horários de trabalho são de 6h30 às 15h30, sendo o almoço das 11h30 às 12h30.

As empreiteiras, como também são chamadas as empresas terceirizadas prestadoras de serviços as empresas dendeicultoras, que surgem nesse contexto oferecendo um contingente de mão de obra local não especializada. Tratam-se de firmas que possuem escritórios, onde são contratados trabalhadores, os quais as empresas recorrem para assim se livrarem de qualquer vínculo empregatício, pois estes são contratados das empreiteiras, não tendo contrato legal com as empresas produtoras de dendê. Esse sistema de contratação movimentava intensamente o mercado de força de trabalho local, não só na vila Forquilha, mas na maioria dos municípios onde a dendeicultura se estabelece, o uso dessa estratégia se tornou realidade.

Oficialmente as empreiteiras Norte Palma e FO, prestam serviço para a Belém Bioenergia, porém existem outras que trabalham nesse sistema, os contratos em sua maioria são para a prestação de serviço de alimentação, transporte e segurança, com o passar do tempo alguns são incorporados ao quadro de funcionários diretos das empresas de dendeicultura. Algumas empreiteiras oferecem mão de obra também aos agricultores familiares que nesse caso, precisam recorrer a esse sistema para assim dar conta do trabalho pesado que é cuidar de seu plantio de dendê.

A alta rotatividade entre os empregados é intensa devido o esforço exigido no trabalho. Além disso, muitos saem do emprego com o objetivo de receber seus encargos trabalhistas e após determinado tempo voltam a ser contratados, essa é uma ação frequente entre os trabalhadores. Por esse motivo existem inúmeros casos junto a justiça, de trabalhadores que lutam em busca desses benefícios, que saíram das empreiteiras e não receberam o que lhes era de direito, e outros de empreiteiras que declararam falência e se desfazem, sem efetuar o pagamento aos seus funcionários. O sindicato dos trabalhadores rurais assume os casos e vai a frente para defender os associados rurais.

3.4.2. A agricultura familiar e a produção de dendê.

Vemos emergir no horizonte o circuito do capital comercial (**M-D-M'**), observamos isso no sistema de parceria existente entre a empresa e o chamado agricultor familiar, relação também presente na vila Forquilha. Que se estabelece quando o agricultor familiar, este sendo possuidor de terra, o qual sustenta sua família através de seu próprio roçado, fecha um contrato com as empresas, a fim de produzir dendê em sua propriedade, recebendo delas auxílio técnico, mudas, adubação dentre outros serviços, que serão devidamente descontados em seus pagamentos, e assim ao colherem sua produção venderem à empresa.

A lógica anterior era que o agricultor produzia para si mesmo, e sua produção correspondia a lógica local, como já dissemos, seu cultivo, coleta de frutos, criação de animais e caça, era voltada a sua reprodução. Hoje ele produz não mais para ele, e sim para a lógica do dendê. A intenção agora é atender ao mercado, neste caso externo, uma produção voltada para fora do lugar. O que traz como consequência, a não produção de alimentos, já que se torna difícil para o agricultor continuar com sua pluriatividade.

Segundo Nahum e Santos (2015), o que vem ocorrendo nas unidades familiares que produzem dendê, associados as empresas é o processo de subordinação do território ao capital. Neste caso, o agricultor continua com a posse da terra juridicamente, (alias esse é um pré-requisito para que a parceria aconteça), a terra enquanto meio de produção e força produtiva continuam sendo de sua propriedade, porém, sua força de trabalho não é vendida á empresa, pois ele não se torna assalariado. O tempo, a terra e o trabalho familiar passam a ser comandados pela empresa, o contrato entre as partes garante que a terra passe a ser território usado para a monocultura. A força de trabalho é treinada para lhe dá com o dendê, e comandada por ele.

A unidade familiar passa a ter total dependência a empresa, pois passa a entregar sua produção a apenas um comprador, caso ele não queira mais compra-la esta unidade estará falida. Já que o dendê não é um fruto, que possa servir como alimento, também não pode ser trocado por outras mercadorias e nem existe localmente outros compradores interessados em adquiri-lo.

O agricultor familiar antes produzia sua mercadoria não para a obtenção de lucro, ou para reinvestir em sua produção, mas sim para a reprodução de sua vida. Entretanto, agora com a lógica do dendê adentrando suas propriedades as coisas mudam, o dendê tornou-se uma mercadoria geradora de lucro, não a ele, mas à empresa, pois é ela que ao receber os cachos de dendê o beneficia, agregando valor ao produto.

O lucro fica com a empresa e não com o agricultor familiar que o produziu. A entrada da agricultura familiar na cadeia produtiva do dendê, fez com que ele se tornasse um importante ator desse processo, porém, ele não é o maior beneficiado da relação, ele apenas passa a produzir uma mercadoria para o capital, que se utiliza dele para se reproduzir. Na imagem 12 podemos ver como é feita a pesagem dos cachos de dendê produzidos na unidade familiar e comprados nesse caso pela Biopalma. Os cachos são colocados nessa espécie de rede e são erguidos por uma balança, assim a empresa calcula a produção do agricultor.

IMAGEM 12- Cachos de dendê prontos para serem recolhidos na unidade familiar.



Fonte: GDEA, 2015.

Na vila Forquilha algumas famílias que continuam trabalhando em suas unidades familiares, sendo a mão de obra familiar o principal responsável pelo sustento, porém, dependendo da composição da família, ela contrata mão de obra de fora para lhe ajudar no dendezal. Em alguns casos o dendê foi apenas mais uma cultura incluída no seu calendário agrícola, seus cultivos anteriores, os SAFs, seus roçados, a pimenta-do-reino continuam, só que em menor quantidade, já que agora eles possuem esse compromisso rígido com a produção do dendê. Enfrentam dificuldades para conseguir dar conta de todo o trabalho, e respeitar os prazos e datas em que a empresa recolhe a produção.

Não ouvimos relatos a respeito da proibição de mão de obra infantil nos plantios familiares, enquanto que no município de Moju, mais precisamente na comunidade do Arauaí, é terminantemente proibida, acarretando problemas as famílias que deixarem jovens menores de 18 anos exercerem qualquer tipo de trabalho junto ao dendê. Em alguns casos onde isso foi evidenciado, a empresa não recolhe a produção da família, ficando esta sem receber. Aí entra mais uma vez as terceirizadas, disponibilizando mão de obra estrategicamente, aos agricultores familiares.

Evidenciamos como metamorfose do trabalho que agora a unidade familiar tornou-se território usado pelo dendê, sua lógica agora é outra, as famílias têm funções a cumprir de acordo com o calendário proposto pelas empresas, plantio, manutenção, adubação e colheita dos cachos, seguindo horários estipulados para melhor ser sua produção.

Na paisagem da vila forquilha, comumente encontramos nas unidades familiares a presença de duas casas, como podemos observar na imagem 13. Uma simples de madeira, pequena, em alguns casos de barro, e ao lado uma casa maior de alvenaria, construída recentemente, com o piso de lajota, moveis novos. Ao perguntarmos se aquela casa havia sido comprada com dinheiro advindo do dendê, alguns diziam que não, que a renda conquistada com o dendê apenas havia contribuído. Observamos que muitas famílias conseguiram adquirir carro, moto, que caracteriza uma ascendência econômica na família.

As famílias entrevistadas ainda continuam com seus plantios de pimenta do reino, foi comum encontrarmos a pimenta estendida sobre uma grande lona, para secar e assim ser vendida posteriormente. As famílias diziam que sim, conseguiam continuar mantendo seus roçados, a exemplo a pimenta, que dá anualmente, e como agora o preço estava bom, todos estavam aproveitando, porem algumas afirmaram contratar mão de obra de fora para auxiliar nos trabalhos, tanto da dendeicultura quanto dos demais roçados. A contratação de pessoas de fora da família é um fator decisivo na produção familiar pois só a família não consegue dar conta de todo trabalho.

IMAGEM 13- Casas de agricultores familiares que possuem parceria com a Biopalma.



Fonte: GDEA, 2015.

O número de pessoas por família é um elemento importante e até mesmo definidor ao êxito neste sistema de trabalho, pois a quantidade de pessoas disponíveis a cuidar dos pés de dendê dos demais cultivos e atividades desenvolvidas por eles, irá determinar a necessidade de se contratar mão de obra de fora, caso seja preciso, isso acarretará um maior custo. Dependendo da lucratividade da família, esta pode investir na compra de trator, o que facilitaria o trabalho, contribuindo para o sucesso da produção familiar.

3.4.3. Arrendamento - capital financeiro.

Por fim, temos o capital financeiro (**D-D'**), estabelecendo-se na presença do arrendamento, venda de terras as empresas de dendeicultura. Vemos na vila Forquilha, o emergir de dezenas de conjuntos de kitnets, voltados intencionalmente para atender a esse trabalhador assalariado que não possui terra, que chegou vindo de longe e já está constituindo família no lugar na maioria dos casos. Assim, observamos um grupo de comerciantes, fazendeiros, ou assalariados que de alguma forma tiveram condições e passaram a investir neste ramo, e que atualmente vem obtendo lucros consideráveis já que a procura é grande.

Na imagem 14 podemos observar uma vila de kitnets, como podemos notar aparenta ter sido construídos recentemente devido seu bom estado de conservação, destinado a pessoas solteiras ou casais, pois se trata de uma casa pequena, com um ou dois cômodos, em sua maioria alugado para funcionários da Biopalma e da BBB, que possuem um regime de trabalho intenso, e que ainda não conseguiu adquirir sua casa própria.

IMAGEM 14- Vila de kitnets construídos na Vila Forquilha.



Fonte: GDEA, 2015.

Foi constatada a presença de mais de 30 vilas de kitnets como esta nas ruas da vila Forquilha o que demonstra ser algo além de muito rentável aos seus proprietários, parece ter

uma alta demanda por parte dos trabalhadores das empresas. Essa lógica do capital financeiro, passa a ser incorporada na vila Forquilha, tornando uma nova fonte de renda, uma alternativa de reprodução que o capital encontrou para se desenvolver no lugar, diante das oportunidades existentes.

Acompanhamos aqui a situação geográfica 2, (SG2) onde a chegada das empresas de dendeicultura inauguram uma nova dinâmica na Vila Forquilha, através do que chamamos de metamorfoses no trabalho. A possibilidade do trabalho assalariado, além do crescimento do comércio local, emerge uma nova realidade na vila, após a chegada da Biopalma e da Galp, reestruturando o lugar, isso irá desencadear mudanças no quadro existencial dos moradores da vila Forquilha.

O que antes era esporádico, agora é frequente, homogêneo, normal, a relação social de produção camponesa tornou-se uma exceção neste segundo momento, não sendo mais o trabalho no roçado a única opção das famílias. Através de investigação e levantamento de dados, entrevistas, aplicação de questionários, podemos evidenciar algumas das transformações ocorridas na vila, desde os fluxos migratórios, as disputas de terras e de mão de obra, a instalação de sistemas técnicos no município, estradas, luz elétrica, as inúmeras políticas públicas de incentivo ao capital privado possibilitaram o nascimento do evento.

FLUXOGRAMA 2- Trabalho na Vila Forquilha na Situação Geográfica 2.



Fonte: Organizado pela autora.

Acreditamos que fluxograma 2 representa a situação atual vivida pelo trabalho na vila Forquilha, uma diminuição considerável no trabalho produtivo camponês, que ainda resiste, porém, deu espaço ao trabalho no setor de comércio e serviços, que demonstrou ter se expandido, assim como a vila, tornando-se mais dinâmico. Um aumento no trabalho assalariado, este consolidado pela oportunidade de ser contratado pelas empresas. Dessa maneira, vemos a presença do capital comercial e do capital financeiro, reproduzindo-se em um lugar que continua a sofrer mudanças.

As metamorfoses vividas no trabalho reverberam aos demais ramos da existência, recaindo diretamente no modo de vida dos moradores da vila. Evidenciamos as transformações ocorridas no seu habitat, a paisagem que ganha novos elementos, como a presença de casa lotérica, hotéis, kitsnets, casas de alvenaria, casas com garagem, os consumos destas famílias também se alteram, já que muitas agora possuem maior poder de compra, e sua mobilidade também se transforma, já não sendo mais tão necessário recorrer ao centro de Quatro Bocas, nem a Tomé-açu, pois agora a vila Forquilha oferece um leque de serviços que antes não oferecia.

Vemos que a dinâmica atual trazida pela dendeicultura inventa a cada dia novas formas de ser reproduzir, transformando as relações existentes nos lugares, através das novas formas de trabalho, Hebette (2004) nos diz que a integração da fronteira com o mercado e a integração do capital estão desestruturando as formas camponesas de produção, e dessa maneira, liberando o camponês de sua conexão com a terra. Entretanto, não lhe oferece nenhuma estrutura de trabalho adequada a reproduzi-lo como proletário. Assim, como o latifúndio improdutivo, o capital industrial proporciona então, apenas empregos temporários de alta rotatividade, deixando peões abandonados com a mesma facilidade e rapidez com que os movimentou.

A fronteira, mesmo sendo rica em terra, transformou-se em uma matriz de superpopulação e pauperização. Sendo que a atuação do Estado, como um agente mediador, permitiu que o capital gerasse para seus donos um máximo de lucro com um mínimo de trabalho, nas palavras de Hébette (2004). Acreditamos que essa dinâmica vem sendo impulsionada também pelo dendê, principalmente na microrregião de Tomé-açu, e em particular na vila Forquilha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese estruturadora deste trabalho nasceu a partir de observações feitas durante trabalhos de campo realizados com o grupo de pesquisa GDEA, onde tivemos a oportunidade de observar e analisar mais de perto as transformações ocorridas na microrregião de Tomé-açu, na Amazônia paraense. E como as comunidades localizadas próximas as empresas produtoras de dendê tem passado por um processo de ressignificação.

Assim como Nahum e Santos (2014), concebemos a dendeicultura como evento, que reorganiza a paisagem, a configuração espacial e a dinâmica social. A partir disso emerge no lugar uma tendência a descampesinização, ou seja, a formação de um campo sem camponeses, metamorfoseando-os em trabalhadores para o capital, pois tornam-se assalariados das empresas ou em outros casos associam-se aos projetos de agricultura familiar. Diante disso, decidimos analisar mais de perto as metamorfoses no espaço de Tomé-açu, precisamente a vila Forquilha, posto que antes da instalação da Biopalma no município, a vila possuía uma dinâmica social diferente da existente hoje. Tendo como foco o trabalho, que se transformou no lugar assim como a lógica existente na vila, que tinha a terra como único meio para a sua reprodução de vida.

O trabalho tinha como característica a pluriatividade, a policultura, que eram desenvolvidas em unidades familiares, a família trabalhava coletivamente entre seus membros, a produção correspondia as necessidades locais. Relações camponesas com a terra em que prevalecia o uso sobre a posse, onde a paisagem era marcada pela ausência de sistemas técnicos, e a terra como a única forma de obtenção de renda. Essa relação com a terra era fruto de uma determinada situação geográfica, que se altera a partir do emergir da dendeicultura aos arredores da vila Forquilha.

O Estado, através de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da agroindústria do dendê, propõe os programas de produção do óleo de palma para o biodiesel como uma saída para incluir o agricultor familiar nessa cadeia produtiva. A ação estatal direciona investimentos em infraestrutura a fim de oferecer subsídios que permitam a instalação dos grandes projetos de produção da dendeicultura nos municípios paraenses. O capital privado e o mercado passam a ditar as regras ao lugar, metamorfoseando-o.

A Biopalma chega na região por volta do ano de 2009, mas as mudanças surgem muito antes, no momento em que os eventos começam a ser pensados, quando nasce a intencionalidade de realiza-lo, nesse momento os movimentos de compra e venda de terras se iniciam, terras estas que seriam utilizadas pela empresa para o plantio de dendê. Temos assim

uma redução no número de fazendas, pois algumas delas foram absorvidas pelas empresas para serem usadas no plantio da dendeicultura, desencadeando a concentração de terras para a produção dessa monocultura.

Os trabalhos assalariados oferecidos pela Biopalma, e os sistemas de parceria na produção do dendê, correspondem a uma necessidade imposta à vila Forquilha. O cultivo da dendeicultura voltada à produção de biodiesel transforma as relações de trabalho no lugar, pois agora elas se dão voltadas a determinações globais, girando em torno do tempo global. O que muito difere da situação geográfica anterior.

A entrada das relações de trabalho assalariado (**D-M-D'**), com o morador da vila que não possui terra para plantar, na maioria dos casos ele é o imigrante que chegou em busca de novas oportunidades para se estabelecer no lugar. O emergir do circuito do capital comercial (**M-D-M'**), observado no sistema de parceria existente entre a empresa e o agricultor familiar. E o capital financeiro (**D-D'**), estabelecendo-se na presença do arrendamento, venda de terras as empresas de dendeicultura, garantem a vila Forquilha uma nova dinâmica social.

O crescimento populacional ocasionado pela expansão da dendeicultura no lugar, pois a instalação da empresa no município é fator de atração de jovens e adultos que se dirigem para lá buscando oportunidades de emprego, uma vez que a empresa tem como carro chefe a produção agrícola. Esse crescimento desordenado sofrido pela vila conseqüentemente desencadeia uma maior circulação de dinheiro e de pessoas, a vila se expande, sistemas de energia e telefonia são implantados.

Tais metamorfoses transformam a situação geográfica inicial, o campo era reflexo das relações de produção camponesa, após a instalação dos diversos sistemas técnicos que buscavam equipar o território para assim atrair investimentos. Posto que o desenvolvimento regional era a meta buscada, tais mudanças fizeram da Amazônia um palco para a criação de grandes projetos, deixando-a aberta ao capital privado e internacional, inaugurando nesse contexto o agrário.

Atendendo agora a lógica do global, as empresas e o mercado passam a controlar a produção da dendeicultura na vila, o trabalho torna-se individualizado, e a chegada de novas fontes de renda caracterizam o momento atual vivido pelos moradores. Com essa complexidade, convivem juntos o camponês, o latifundiário, o agricultor familiar, os assalariados rurais e o agronegócio. O estado através das instituições, do mercado, dos conglomerados nacionais e internacionais, estabelece-se compondo o que para nós agora é o rural.

As metamorfoses ocorridas no trabalho acarretam mudanças no modo de vida dos moradores da vila Forquilha, que estão diretamente relacionadas a reprodução da sua existência. A tríade terra, trabalho e família foi quebrada, quando se fala do trabalhador assalariado na empresa, este não é mais possuidor de terra, e seu salário passa a ser sua principal fonte de renda, e não mais o roçado antes realizado com sua família, ele perde a sua autonomia e torna-se dependente da empresa.

A pluriatividade vem sendo perdida, pois agora o ato de criar, cultivar e extrair tem dado lugar aos longos plantios de dendê, no caso dos agricultores que trabalham no sistema de parceria, além disso, a venda do dendê para a empresa a preço de mercado, vem refletir uma lógica totalmente exógena ao lugar, pois antes sua produção era comercializada a preço de custo, e o valor recebido servia para a reprodução de seu modo de vida. Essa relação muda, o dendê produzido por eles está inserido em uma cadeia produtiva cujo objetivo maior é a ampliação do capital.

Entendemos que em um movimento comum as transformações aconteceriam a longo prazo, porém a instalação das empresas próximas a vila vem quebrar a lógica existente nesses lugares, acelerando os processos, inserindo novas relações de trabalho. Nossa intenção aqui não é julgar se tais mudanças foram positivas ou negativas, isso cabe aos moradores definir, muito menos nomear os sujeitos ou defini-los. Os moradores da vila Forquilha continuarão sendo eles mesmos, tentamos a partir de investigação deixar que eles nos dissessem quem eles são, o que fazem, e como fazem. Nosso papel enquanto pesquisadores é mostrar qual a importância deles, e o seu papel na configuração espacial e dinâmica social do espaço agrário amazônico.

Os depoimentos e os dados contidos nesta pesquisa, acreditamos ser suficientes para apontarmos as metamorfoses ocorridas no trabalho na vila Forquilha, e como a situação geográfica 1 foi alterada a partir da instalação das empresas. Ocorrendo uma diminuição no trabalho produtivo camponês, este deu lugar as novas formas de trabalho que adentraram o lugar. Evidenciamos em decorrência dessa diminuição um aumento no setor de comércio e serviços, que demonstrou ter se expandido, assim como a vila, tornando-se mais dinâmico.

Foi possível ver um aumento no trabalho assalariado, este consolidado pela oportunidade de ser contrato pelas empresas. Uma possibilidade que se impõe na vila e que além de ocasionar a chegada de uma gama de imigrantes em busca de emprego, fez o dinheiro tornar-se o elemento mediador nas relações de trabalho, pois agora o trabalhador vende sua força de trabalho como uma mercadoria a empresa.

O trabalho que antes se dava coletivamente passa a ser individual, a unidade familiar se desmembra no momento em que o pai e/ou os filhos transformam-se em assalariados rurais. Para as famílias que não mais possuem terra, e aos imigrantes a única forma de obter recursos a fim de reproduzir seu modo de vida é tornar-se um assalariado rural, onde a força de trabalho do indivíduo passa a ser seu único meio para a sobrevivência.

Quanto as relações existentes entre o agricultor familiar e as empresas, vemos que a unidade familiar se transformou em um território usado pelo dende, subordinando o agricultor familiar a lógica do mercado, que em alguns casos precisa contratar mão de obra de fora para a realização de suas colheitas, quer seja do dende ou das demais culturas por ele produzidas. Ao incorporar-se a cadeia produtiva do dende, o agricultor tem sua relação com a terra modificada, ele apenas passa a produzir uma mercadoria para o capital, que se utiliza dele para se reproduzir.

A situação geográfica 2 conduz os moradores da vila Forquilha a essa dinâmica social, e configuração espacial que determinam as formas de trabalho no lugar, uma vez que a existência e o trabalho se confundem em uma mesma síntese econômica e social, temos assim as transformações no modo de vida na vila. A habitação, o consumo e os deslocamentos alteram-se diante das novas formas de trabalho.

O trabalho cria e recria paisagens, a vila Forquilha tem sua paisagem modificada devida expansão do comércio, no número de moradias, a chegada dos sistemas de energia elétrica, estradas, telefonia, as extensas áreas de plantio da dendeicultura produzidos pela Biopalma e pela Galp. A nova configuração espacial da vila é geradora de problemas sociais antes só vividos na cidade, o aumento da violência, gravidez precoce, prostituição, tráfico de drogas, assassinatos, questões que revelam a mudança nas relações existentes no lugar.

A chegada do outro, que imigra afim de conseguir emprego, traz consigo diferentes formas de pensar, de se relacionar com o lugar, a diferença existente entre a oferta e a demanda de empregos gera um contingente de pessoas ociosas, que sem ocupação seguem o caminho da criminalidade, transformando a vila em lugar de tensões, onde a tranquilidade e harmonia das relações estão sendo perdidas. Diante disso, podemos perceber quão diversos podem ser os impactos causados pelas metamorfoses no trabalho ocorridas na vila Forquilha.

A crítica que fazemos é quanto a presença ou ausência do Estado, das empresas que estão ali localizadas, das políticas públicas que propõem e dão condições para que o evento aconteça e que ao alcançarem sua realização entregam os territórios a disposição de multinacionais e internacionais. Vemos como um empreendimento pode impactar o meio rural, quando ele é pensado não considerando o lugar e seus moradores.

Esse movimento que vemos acontecer no espaço agrário paraense é reflexo da ação estatal direta, como uma forma de pensar o campo como o lugar do atraso, como um vazio demográfico, que precisa ser desenvolvido, estratégia utilizada para se fazer uso dos recursos naturais presentes na Amazônia paraense. Montou-se assim o cenário perfeito para a realização de grandes projetos, como temos acompanhado ao longo da história.

Projetos minerais, hidroelétricos, agropecuários e rodoviários, foram sendo incorporados compostos por rodovias, portos, energia, telefonia, buscando atrair investidores, construir planos e programas de produção de biodiesel buscando dar um ar de sustentabilidade a produção da dendeicultura. Quando na verdade a produção do dendê tem tido fins alimentícios e cosméticos, pouco dessa produção é voltada ao biodiesel.

Acreditamos que a subordinação criada nos lugares onde as empresas de dendeicultura se instalam é preocupante, pois ao ressignificar o lugar elas se transformam no centro das relações, causando dependência econômica direta. A vila Forquilha cresceu e se desenvolveu com o empreendimento, mas terá dificuldades em andar sozinho caso as empresas deixem de atuar lá. Essa geração de emprego ofertado pelas empresas transformam o camponês em um assalariado rural, que não mais possui ligação com a terra, talvez nem com o lugar, pois muitos são imigrantes.

A dinâmica social posta na vila descaracteriza o camponês de suas relações com a natureza, através do trabalho, agora inserido na produção mercantil, deixando-o despolitizado, fazendo dele um mero trabalhador assalariado. Temos assim uma freada nos movimentos políticos no campo, associações e sindicatos rurais. A inclusão do agricultor familiar para transformá-lo em um empreendedor talvez tenha dado certo, a geração de empregos no campo também, mas a que preço tais benefícios os foi ofertado?

O Estado, as instâncias federais, municipais, o capital privado, compõem um conjunto de atores que buscam a reprodução do capital não se preocupando ou pouco preocupados com a reprodução do campesinato. As metamorfoses que são apresentadas neste trabalho são geradas pelo período do dendê, que transformam o modo de vida destas comunidades, e vilas onde aportam a dendeicultura. Sendo esta a única oportunidade apresentada ao homem do campo que sempre viveram com muitas dificuldades, por muito tempo esquecidos, só tendo o uso da terra e suas mãos como meio para sobreviver.

Dessa maneira, vemos o movimento de mudança, através das metamorfoses ocorridas no trabalho na vila forquilha, desenhando um novo cenário em Tomé-açu, que se estabelece impulsionado pela dinâmica do dendê, que foi gestado, fazendo com que o capitalismo possa

tornar-se hegemônico, adentrando aos mais remotos lugares. Transformando a vida das pessoas e inaugurando novas singularidades, tais metamorfoses ocorreram de maneira forçada, ações políticas combinadas para serem impostas no lugar. Acreditamos que não seja preciso que pensem o campo, os camponeses são capazes de pensar o que é melhor para eles.

REFERÊNCIAS

- AIHARA, Maria do Socorro Michiko. Paisagens nipo-brasileiras na cidade de Tomé-açu-PA: estudo antropológico das memórias da família Onuma/ Maria do Socorro Michiko Aihara; orientador, Flávio Leonel Abreu da Silveira - Belém, 2008.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. Campinas: Cortez, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. (Org.). A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- ASSOCIAÇÃO CULTURAL E FOMENTO AGRÍCOLA DE TOMÉ-AÇU (ACTA). Revista Comemorativa aos 75 anos da Imigração Japonesa na Amazônia da Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu (ACTA). Tomé-Açu/PA. [s.n.], 2004.
- BANCO DA AMAZÔNIA. A experiência do Banco da Amazônia com projetos integrados de dendê familiar. Revista Contexto Amazônico. Ano 5, n. 22, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.bancoamazonia.com.br>>
- BARTRA, Armando Verges. Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo; tradução Maria Angélica Pandolfi; revisão técnica Bernardo Mançano Fernandes, João Pedro Stédile, Silvia Beatriz Adoue. – São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, 2011.
- CAMTA. Relatos Históricos da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu. Tomé-Açu, 2009.
- CARVALHO, A. C. A. de C; NAHUM, J. S. Período do dendê na Amazônia paraense. In: NAHUM, J. S. (Org.). Dendeicultura e dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia Paraense. Belém: GAPTA/UFPA. 2014. pp.13-44.
- CRUZ, Benedito Ely Valente da. Territorialização e organização espacial do grupo Agropalma. 142 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Geografia. Belém (PA). 2006. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/ppgeo/dissertacoes/3-dissertacoes.html>>. Acessado em 06/03/2013.
- CRUZ, Manoel de Jesus Masulo. Territorialidade camponesa na várzea da Amazônia. /Manoel de Jesus Masulo da Cruz; Orientador: Ariovaldo Umbelino de Oliveira – São Paulo, 2007.
- CUIMAR, Raimunda Martins. Saberes e práticas culturais de agricultores familiares da Amazônia Paraense e suas relações com a monocultura do dendê / Raimunda Martins Cuimar; Orientadora: Maria das Graças da Silva – Belém, 2013.
- EMBRAPA. Embrapa Amazônia Oriental e o Agronegócio do Dendê no Pará. Belém. 2006. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/394940>>. Acessado em 01/03/2012.
- EMBRAPA. Zoneamento agroecológico do dendezeiro para as áreas desmatadas da Amazônia legal. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <http://www.cnps.embrapa.br/zoneamento_dende/ZonDende.pdf>. Acessado em: 01/03/2012.
- Entrevista “Estatual começa o plantio de palma para exportar dendê para Portugal” <<https://boletiminternacional.wordpress.com/2011/01/28/estatal-comeca-o-plantio-de-palma-para-exportar-dende-para-portugal/>> Acessado em 30 de janeiro de 2016.
- GEORGE, Pierre. Sociologia e Geografia. Editora Forense, São Paulo, 1969 [1966].
- HÉBETTE, Jean. Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do Campesinato na Amazônia. I – Um novo campesinato amazônico. O papel das instituições científicas e de seus pesquisadores. Volume IV. Belém: EDUFPA, 2004.

- HOMMA, Alfredo K. O.; VIEIRA, Ima Célia G. Colóquio sobre Dendezeiro: Prioridades de pesquisa econômicas, sociais e ambientais na Amazônia. In: Amazônia: Ci. & Desenv., Belém, v. 8, n. 15, jul./dez. 2012.2012, p, 83.
- IMIGRAÇÃO JAPONESA NA AMAZÔNIA: Contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional/ Organizado por Alfredo Kingo Oyama Homma, Aldenor da Silva Ferreira, Marilene Corrêa da Silva Freitas e Therezinha de Jesus Pinto Fraxe – Manaus: Edua, 2011.
- Instituto Observatório Social. O comportamento sócio-trabalhista na produção do óleo de palma do dendê no Estado do Pará com foco nas empresas Agropalma, Biovale/Biopalma, Petrobras Combustíveis. /RELATÓRIO FINAL/São Paulo. 2013. <<http://www.observatoriosocial.org.br/?q=biblioteca>> Acessado em 21 de março de 2016.
- JICA. Sistemas Agroflorestais: a Experiência dos Imigrantes Japoneses de Tomé-Açu. [S/L] 2009.
- MARTINS, José de Souza. Os Camponeses e a política no Brasil: As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 5ª edição. – Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 1995.
- MELO, Rute Cléia Costa. Vila Socorro e dendeicultura: Desenvolvimento ou crise. 2015. Monografia – Universidade Federal do Pará – Belém, 2015.
- MENDONÇA, M. R., SANTANA, A. T. de. Geografia e Trabalho: uma leitura a partir das transformações territoriais. Revista Pegada Eletrônica, Presidente Prudente, vol. 10, n. 2, 31dezembro 2009. Disponível em: Acesso em: 16 de fevereiro de 2016.
- MULLER, A. A. (Ed.) A cultura do dendezeiro na Amazônia brasileira. Belém: Embrapa Amazônia Oriental/Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2000.
- MÜLLER, Antônio A. A cultura do dendê. Belém, 1980. 24 p. (EMBRAPA-CPATU. Miscelânea 5).
- NAHUM, J. S. Região e representação: a Amazônia nos planos de Desenvolvimento. In: Biblio 3W revista bibliográfica de geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona. Vol. XVII, nº 985, 25 de julio de 2012. Disponível em:<<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-985.htm>>. Acesso em 28 de outubro de 2015.
- NAHUM, J. S.; BASTOS, C. S. - O boom do dendê na microrregião de Tomé-Açu, na Amazônia paraense. *Confins* [Online] <<http://confins.revues.org/10536>; DOI: [10.4000/confins.10536](https://doi.org/10.4000/confins.10536)>. Acessado em 21 fevereiro 2016.
- NAHUM, J. S.; MALCHER, A. T. C. - Dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia: a dendeicultura na micro-região de Tomé Açu (PA) <<http://confins.revues.org/7947>>. Acessado em 8 de julho de 2013.
- NAHUM, J. S.; SILVA, E. C. B. - Uso do território, agronegócio do biodiesel e agricultura familiar na Amazônia: a dendeicultura na microrregião de Tomé-açu. XXI Encontro de Geografia agrária, UFU, Uberlândia – MG, ISSN – 1983 – 487X. 2012.
- NAHUM, J. S; BASTOS, C. S. Dendeicultura e descampesinização na Amazônia paraense. In: Campo Território: revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 469-485, abr., 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/issue/view/1113>>. Acesso em: 28/10/2015.
- NAHUM, J. S; SANTOS, C. B. Impactos socioambientais da dendeicultura em comunidades tradicionais na Amazônia paraense. In: ACTA Geográfica, Boa Vista, Ed. Esp. Geografia Agrária, 2013. p.63-80. Disponível em: <<http://revista.ufr.br/index.php/actageo/issue/view/117/showToc>>. Acesso; 28/10/2015.
- NAHUM, João Santos. Dendeicultura e dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia paraense / organização João Santos Nahum. - Belém: GAPTA/UFPA, 2014.
- NAHUM, João Santos. Região e Representação: a Amazônia nos planos de desenvolvimento. *Biblio 3W*. Revista bibliográfica de geografía y ciencias sociales. [Em

- línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 12 de dezembro de 2014, Vol. XVII, nº 985. < <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-985.htm>> [ISSN 1138-9796].
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. “Bairros Rurais Paulistas”. Revista do Museu Paulista. Volume XVII, São Paulo, 1967.
- REPORTER BRASIL. Expansão do dendê na Amazônia brasileira: uma análise dos impactos sobre a agricultura familiar no nordeste do Pará. Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis, 2013. Disponível em:<<http://reporterbrasil.org.br/documentos/Dende2010.pdf>.> Acessado em 20 de maio de 2015.
- REPORTERBRASIL. Agricultura familiar e o programa nacional de Biodiesel: retrato do presente, perspectivas de futuro. Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis, 2010. Disponível em: http://reporterbrasil.org.br/documentos/AgriculturaFamiliar_Biodiesel2010.pdf. Acessado em 10/05/2013.
- Revista Comemorativa aos 75 anos da Imigração Japonesa na Amazônia da Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu (ACTA). Tomé-Açu/PA. [s.n.], 2004.
- Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege). p.309-331, V.11, n.15, jan-jun.2015.
- RIOS, G. O que é Cooperativismo? São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp. 2006.
- SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo: Edusp. 2008.
- SANTOS, M. O Espaço Dividido. São Paulo: Edusp. 2004.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. Brasil. Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro. Editora Record. 2001.
- SILVA NETO, Francisco Rodrigues da. Os japoneses no Pará: um estudo sobre a formação de identidades / Francisco Rodrigues da Silva Neto; orientadora, Diana Antonaz. - 2007
- SILVA, José Stanley de Oliveira. Produtividade de óleo de palma na cultura do dendê na Amazônia Oriental: influência do clima e do material genético. Viçosa: UFV, 2006.
- SILVA, Katia do Socorro Oliveira. Identidade cultural em Tomé-açu: Encontros e Desencontros. 2004. Monografia – Belém, 2004.
- SUFRAMA: Potencialidade regionais estudo de viabilidade econômica dendê, 2003.
- TAFNER JUNIOR, Armando Wilson. Cooperativismo como arranjo produtivo local: a Contribuição da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu para a Sustentabilidade na Amazônia/ Armando Wilson Tafner Junior; Orientador Fábio Carlos da Silva – Belém, 2010.
- TAFNER JUNIOR, Armando Wilson; SILVA, Fábio Carlos da. Colonização japonesa, história econômica e desenvolvimento regional do Estado do Pará. Novos Cadernos NAEA, Belém, v. 13, n. 2, p. 121-152, dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/437/748>. Acesso em 17 nov. 2015.
- THOMAZ JUNIOR. Antônio. Por uma geografia do trabalho. Revista Pegada. Presidente Prudente - SP, v. 3, Número Especial, p. 4-26, ago. 2002.
- VIÉGAS, I. J. M; MULLER, A. A. A cultura do dendezeiro na Amazônia Brasileira. Belém: EMBRAPA, CPATU, 2000. 374p.
- VILELA, Alberto Arruda Expansão da Palma na Amazônia Oriental para fins Energéticos / Alberto Arruda Villela. - Rio de Janeiro: UFRJ/ COPPE, 2014.